

*DIÁRIO DE AFETOS: UMA PROPOSTA  
DE ENSINO APRENDIZAGEM DA  
DANÇA NA ESCOLA PÚBLICA*



RENILZA MACHADO RAMOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

RENILZA MACHADO RAMOS

**DIÁRIO DE AFETOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO APRENDIZAGEM DA DANÇA  
NA ESCOLA PÚBLICA**

SALVADOR  
2022



RENILZA MACHADO RAMOS

**DIÁRIO DE AFETOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO APRENDIZAGEM DA DANÇA  
NA ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de conclusão de Mestrado Profissional em Dança apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lenira Peral Rengel  
(PRODAN/UFBA)

SALVADOR

2022



Ramos, Renilza Machado.

Diário de afetos: uma proposta de ensino aprendizagem da dança na escola pública / Renilza Machado Ramos. - 2022.

177 p.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Lenira Peral Rengel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022.

1. Dança. 2. Dança - Estudo e ensino. 3. Dança na educação. 4. Dança - Aspectos sociais. 5. Educação afetiva. 6. Escola Municipal Teodoro Sampaio (Salvador, BA). I. Rengel, Lenira Peral. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3098142

CDU - 793.3(813.8)





## DIÁRIO DE AFETOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO APRENDIZAGEM DA DANÇA NA ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de conclusão de Mestrado Profissional em Dança apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Salvador, \_\_\_\_\_ de 2022.

Banca Examinadora

Lenira Peral Rengel – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
PUC-SP, Brasil  
Universidade Federal da Bahia

Ana Elisabeth Simões Brandão \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil  
Universidade Federal da Bahia

Amanda da Silva Pinto \_\_\_\_\_  
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
PUC-SP, Brasil  
Universidade do Estado do Amazonas



## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Eli Machado Ramos, por representar o que sou hoje.

À minha querida orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr. Lenira Peral Rengel, companheira nesta jornada tão rica. Seu apoio, dedicação e amizade me mantiveram entusiasmada durante todo o processo.

À minha irmã, Sueli Ramos, e à minha sobrinha, Indira Ramos, por me apoiarem em todos os momentos. Sem vocês seria mais difícil.

A meu filho, Cezar Ramos, por compreender as várias horas em que eu estive ausente durante o desenvolvimento deste trabalho. Para você todo meu amor.

Ao Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças, que tanto contribuiu imensamente com esta trajetória. Obrigada pelo acolhimento e pelos compartilhamentos.

Às pessoas professoras do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da UFBA. Obrigada pelos afetos partilhados nas aulas.

Aos meus colegas de turma, em especial à minha amiga, Rose Lima, que tanto contribuiu e sempre me amparou com ações afetuosas durante todo o percurso.

À banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Amanda da Silva Pinto e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Elisabeth Simões Brandão, por aceitarem dividir este momento comigo.

À Escola Municipal Teodoro Sampaio, sua gestora, Maria de Lourdes Torres, e toda comunidade escolar pela troca diária.

Às/Aos minhas(os) queridas(os) estudantes, dedico este trabalho. Sem vocês não existiria esta pesquisa.

Muito obrigada!



## Diário de afetos: uma proposta de ensinoaprendizagem da dança na escola pública

**RESUMO:** Esta pesquisa provém de um percurso artístico-pedagógico comprometido com ações que sensibilizem o ambiente escolar pública acerca da necessidade de compreensão do que afeta a rotina das aulas de Dança na escola. Este estudo foi realizado na Escola Municipal Teodoro Sampaio, localizada no bairro de Santa Cruz, Salvador- BA, com e para estudantes dos anos finais do ensino fundamental, de maneira implicada como posicionamento político. O propósito é um convite a um mergulhar neste Trabalho de Conclusão de Curso que busca emancipar corpos e arraigar ações. Necessário se faz um diálogo a respeito de afetos políticos (SAFATLE, 2019), trazendo as suas formas de implicações na escola pública, bem como as autoimagens e imagens como maneira de (re)conhecimento de si, atuando com ações cognitivas que sejam emancipatórias e libertadoras. A pesquisa apresenta a reunião de: Memorial descritivo, E-book, Publicações, Anexos Comprobatórios das andanças acadêmicas e Referências. Este todo traz o memorial detalhado dos componentes curriculares, cursos e participações em eventos realizados durante o percurso do Mestrado Profissional. Neste trabalho, com referência em Rengel (2007), a criação de neologismos pretende ressaltar e elaborar por meio da junção de palavras uma forma de pensamento pela imagem lida, evitando dicotomias. As partes e subpartes da pesquisa são nomeadas de atos e/ou cenas. A proposta de ato envolve a ideia de cena (RENGEL e THRALL, 2010) como sendo não apenas a do palco, mas sim a cena que age engajada no contexto, seja educacional, político, social ou artístico. O Diário de Afetos, como o nome diz, narra, descreve e disserta as ações de danças propostas na escola ao longo desse estudo. Ele apresenta bilhetes, cartas, fotos das danças, das rodas de conversa, desenhos análises, reflexões sobre o cotidiano escolar, com participação das pessoas estudantes. O e-book diário de afetos foi produzido também como conteúdo digital para ser disponibilizado à comunidade escolar e a todas as pessoas que o intentem conhecer. Como principais referências: Damásio (2012), com a perspectiva de como as imagens se constroem. hooks(2008), é referência com a ética do amor, para afirmamos a necessidade de nos amarmos. O conceito de corponectividade por Rengel (2007), sinaliza que somos corpo e mente juntos. As insurgências por Moretti & Streck (2013), como modos de construir conhecimentos. Freire (2020), com saberes para uma educação emancipatória. Neste circuito de conceitos para construção do Diário, me inspiro na escrevivência de Evaristo (2020), que encaminha escrever vivências como escrita de um corpo, de uma condição. As cenas aqui apresentadas discorrem entre atos e entrelaços, andanças e publicações, ações e (re)ações. São postas memórias de saberes-fazer que me envolveram e a estudantes nessa trajetória acadêmica e de vida. Danças, afetos, imagens, ações emancipatórias, educação, a não dicotomia e insurgências guiaram esta pesquisa. A feitura deste Diário de Afetos trouxe impactos positivos nas relações interpessoais em toda comunidade escolar, bem como o reconhecimento da autoimagem positiva de estudantes. Os caminhos aqui traçados reverberam possibilidades para o fortalecimento de uma educação básica pública que atue de maneira equânime e respeite todas as pessoas envolvidas no ambiente escolar. Insurgir-se politicamente é um *modus operandi* de libertar a educação básica pública do abismo institucional em que ela vem despencando e transformar processos encadeados em ações educativas que emancipam.

**Palavras-chave:** Dança no ambiente escolar público. Diário de Afetos. Autoimagem e imagem. Insurgências, ações emancipatórias.



## **Diary of affections: a proposal for teaching-learning dance in public school**

**ABSTRACT:** This research comes from an artistic-pedagogical path committed to actions that sensitize the public school environment about the need to understand what affects the routine of Dance classes at school. This study was carried out at Escola Municipal Teodoro Sampaio, located in the neighborhood of Santa Cruz, Salvador-BA, with and for students in the final years of elementary school, in a way implied as a political positioning. The purpose is an invitation to dive into this Course Conclusion Work that seeks to emancipate bodies and root actions. It is necessary to have a dialogue about political affections (SAFATLE, 2019), bringing their forms of implications in the public school, as well as self-images and images as a way of (re)knowledge of the self, acting with cognitive actions that are emancipatory and liberating. The research presents the gathering of: Descriptive Memorandum, E-book, Publications, Evidence Attachments of academic journeys and References. This whole brings a detailed memorial of curricular components, courses and participation in events held during the course of the Professional Master's degree. In this work, with reference to Rengel (2007), the creation of neologisms intends to emphasize and elaborate through the junction of words a way of thinking through the image read, avoiding dichotomies. The parts and subparts of the research are named after acts and/or scenes. The act proposal involves the idea of scene (RENGEL and THRALL, 2010) as being not only that of the stage, but the scene that acts engaged in the context, whether educational, political, social or artistic. The *Diário de Afetos*, as the name says, narrates, describes and discusses the dance actions proposed in the school throughout this study. It presents notes, letters, photos of the dances, conversations, drawings, analysis, reflections on everyday school life, with the participation of students. The daily e-book of affections was also produced as digital content to be made available to the school community and to all people who want to know it. As main references: Damásio (2012), with the perspective of how images are constructed. hooks (2008), is a reference with the ethics of love, to affirm the need to love each other. The concept of corponectivity by Rengel (2007), signals that we are body and mind together. *Insurgências* by Moretti & Streck (2013), as ways of building knowledge. Freire (2020), with knowledge for an emancipatory education. In this circuit of concepts for the construction of the Diary, I am inspired by the writing of Evaristo (2020), which guides writing experiences as writing of a body, of a condition. The scenes presented here are between acts and intertwining, wanderings and publications, actions and (re)actions. Memories of know-how that involved me and the students in this academic and life trajectory are posted. Dances, affections, images, emancipatory actions, education, non-dichotomy and *insurgências* guided this research. The making of this *Diary of Affections* brought positive impacts on interpersonal relationships throughout the school community, as well as the recognition of the positive self-image of students. The paths traced here reverberate possibilities for the strengthening of a public basic education that acts in an equitable way and respects all the people involved in the school environment. To rebel politically is a *modus operandi* of freeing public basic education from the institutional abyss in which it has been falling and transforming linked processes into educational actions that emancipate.

**Keywords:** Dance in the public school environment. Affection Diary. Self-image and image. *Insurgências*, emancipatory actions.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	– Espetáculo Clã - 2009.....	14
<b>Figura 2</b>	– Primeiro dia de aula - março de 2020.....	15
	Estudantes e professoras(es) convidadas(os) - componente curricular	
<b>Figura 3</b>	– Tópicos interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade -	17
	semestre suplementar - 2020.2.....	
	– Mapa da trajetória de vida – componente curricular Abordagens e	
<b>Figura 4</b>	– Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança -	26
	semestre suplementar 2020.2.....	
<b>Figura 5</b>	– Encontros do componente curricular Projetos compartilhados –	39
	semestre 2020.1.....	
	Encontros do componente curricular Tópicos Especiais: Criação	
<b>Figura 6</b>	– Audiovisual na Interação com a Dança - semestre suplementar	60
	2020.2.....	
<b>Figura 7</b>	– V Seminário do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças - 2020	67
<b>Figura 8</b>	– Encontros mensais - Rede Colaborativa de Pesquisa Combinamos de	67
	Escrever – 2021.....	
<b>Figura 9</b>	– Encontros do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças	69
	2020/2021.....	
<b>Figura 10</b>	– Aula colaborativa - Rede Colaborativa de Pesquisa - agosto de 2021..	70
<b>Figura 11</b>	– Cartaz de divulgação da primeira <i>live</i> da escola no contexto do	81
	ensino remoto - setembro de 2020.....	
<b>Figura 12</b>	– Cartaz de divulgação das aulas de Dança on-line - janeiro de 2021.....	82
<b>Figura 13</b>	– Imagens da participação de estudantes na aula de Dança on-line -	83
	fevereiro de 2021.....	
<b>Figura 14</b>	– Estudantes do 6º ano vespertino na atividade com os balões durante o	88
	ensino híbrido - setembro de 2021.....	
<b>Figura 15</b>	– Estudantes do 6º ano matutino na sala de dança durante o ensino	90
	híbrido - setembro de 2021.....	
<b>Figura 16</b>	– Estudantes do 6º ano matutino na área externa da escola durante o	91
	ensino híbrido - setembro de 2021.....	
<b>Figura 17</b>	– Estudantes do 8º ano vespertino na área externa da escola durante o	91



	ensino híbrido - setembro de 2021.....	
<b>Figura 18</b> –	Final da aula de uma turma do 6º ano - outubro de 2021.....	93
<b>Figura 19</b> –	7º ano vespertino aula de Dança no ensino presencial - março de 2022.....	93



## PROGRAMA

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>ATO I - MEMORIAL.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1</b>	<b>Memórias.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>Andanças.....</b>	<b>14</b>
2.2.1	Ato I Cena I – Componentes curriculares obrigatórios.....	16
2.2.1.1	<i>Prodan000000001 - Tópicos interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade - Semestre Suplementar 2020.2.....</i>	16
2.2.1.2	<i>Prodan 000000003 - Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança.....</i>	25
2.2.1.3	<i>Prodan 000000020 - Projetos Compartilhados.....</i>	38
2.2.1.4	<i>Prodan 000000023 - Prática Profissional Orientada I, II e III.....</i>	56
2.2.1.5	<i>Prodan 000000021-Trabalho de Conclusão de Curso.....</i>	57
2.2.2	Ato I Cena II - Componentes curriculares optativos.....	58
2.2.2.1	<i>Prodan 000000026 - Tópicos Especiais: Criação Audiovisual na Interação com a Dança.....</i>	58
2.2.2.2	<i>Dança 32/20151- Dança e Cognição - As técnicas corporais.....</i>	61
2.2.3	Ato I Cena III – Entrelaços.....	67
2.2.3.1	<i>Grupo de Pesquisa - Corponectivos em Danças.....</i>	68
2.2.3.2	<i>Rede Colaborativa de Pesquisa Combinamos de Escrever: práticas de leituras e produção de narrativas negras.....</i>	69
2.2.3.3	<i>Programa Residência Pedagógica - PROGRAD-UFBA.....</i>	70
2.2.3.4	<i>Coletivo Dança, Escola, Professoras, artistas, master/Cdepam.....</i>	71
<b>3</b>	<b>ATO II - DIÁRIO DE AFETOS.....</b>	<b>73</b>
<b>3.1</b>	<b>Dança - ensino remoto, híbrido ou presencial?.....</b>	<b>79</b>
<b>3.2</b>	<b>Ato que não acaba.....</b>	<b>112</b>
<b>4</b>	<b>ATO III - PUBLICAÇÕES.....</b>	<b>116</b>
<b>4.1</b>	<b>Ato III - Cena I.....</b>	<b>117</b>
4.1.2	Eventos Científicos e Acadêmicos com publicações e apresentações orais.....	117
4.1.2.1	<i>VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, edição virtual/2020 - capítulo em e-book.....</i>	118
4.1.2.2	<i>Congresso UFBA 2º edição-virtual – vídeo pôster.....</i>	122



4.1.2.3	<i>VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, 2ª edição virtual – artigo.....</i>	123
4.1.2.4	<i>I Encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas: criação de saberesfazeres que emergem dos cotidianos - resumos publicados.....</i>	135
4.1.2.5	<i>Congresso UFBA 75 anos - mesas temáticas.....</i>	140
4.1.2.6	<i>Curso Produção de Recursos Didáticos em Meio Digital para Implementação da Lei nº 10.639/03 - e-book.....</i>	141
4.2	<b>Ato III - Cena II.....</b>	142
4.2.1	Eventos Científicos e Acadêmicos com apresentação artística.....	142
4.2.1.1	<i>Congresso UFBA - 2020 - edição virtual.....</i>	143
4.2.1.2	<i>Corporectivos em Danças - Mergulhos e Travessias V Seminário/2020.....</i>	143
4.2.1.3	<i>Pulso - 36º Painel performático da Escola de Dança da UFBA - edição virtual 2020.1.....</i>	144
4.2.1.4	<i>Revista Educação Básica em Foco.....</i>	145
4.2.1.5	<i>Sobreviver - 37º Painel performático da Escola de Dança da UFBA - edição virtual 2021.2.....</i>	145
4.2.1.6	<i>Congresso UFBA 75 anos - Planilha, sua lá ela! Cdepam.....</i>	146
5	<b>ATO IV - ANEXOS COMPROBATÓRIOS DAS ANDANÇAS ACADÊMICAS.....</b>	147
	<b>ATO V – REFERÊNCIAS.....</b>	171





## APRESENTAÇÃO

Eu sou Renilza Machado Ramos, mulher negra, nascida e criada no bairro da Liberdade, que tem a sua identidade marcada pela numerosa população afro-diaspórica, em Salvador, Bahia. Iniciei meu percurso profissional em 1995. Minha formação inclui bacharelado, e licenciatura em Dança na Universidade Federal da Bahia - UFBA -, concluídos em 2001 e em 2004, respectivamente, e Pós-Graduação em História Social e Cultura Afro-Brasileira na União Metropolitana de Educação e Cultura - UNIME - em 2009.

Professora na Rede Municipal de Ensino da cidade de Salvador, mãe, artista, sou uma pesquisadora desafiada pelo avanço da educação básica por meio da Dança. Minha história se entrelaça com o caminhar na educação básica, pois sou oriunda de escola pública. Percebo-me como pessoa investigadora que desenvolve afetiva e politicamente experiências que configurem ações emancipatórias de ensinoaprendizagem, a fim de contribuir, retribuir e compartilhar saberes que reverberem em transformações sociais e culturais que apresentem impactos na educação.

Esta pesquisa provém de um percurso artísticopedagógico comprometido com ações que sensibilizem o ambiente escolar, acerca da necessidade de compreensão do que afeta a rotina das aulas de Dança na escola. Dialogo a respeito de afetos políticos (SAFATLE, 2019), trazendo as suas formas de implicações no ambiente escolar público, bem como as imagens como maneira de (re)conhecimento de si, atuando com ações emancipatórias, cognitivas e libertadoras.

Assim, apresento o Trabalho de Conclusão do Mestrado Profissional em Dança do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia (Prodan/UFBA). Este estudo foi realizado na Escola Municipal Teodoro Sampaio, localizada no bairro de Santa Cruz, Salvador- Ba, com e para estudantes dos anos finais do ensino fundamental, de maneira implicada como posicionamento político. Conforme apontam Macedo e Sá (2018):

[...] como processo político, assumir como pesquisador o trabalho com a implicação é, ao mesmo tempo, constituir um processo de autorização profundo, emancipador, no sentido de constituir-se autor(es) da sua própria condição. Nestes termos, a implicação não significará apenas um investimento subjetivo no campo de pesquisa, mas um elemento fundante da forma e do conteúdo heurístico da pesquisa. (MACEDO; SÁ, 2018, p. 335)



A reunião de: Memorial descritivo (Ato I), E-book (Ato II), Publicações (Ato III), Anexos Comprobatórios das andanças acadêmicas e Referências compõe o Trabalho de Conclusão de Curso. Junto a este trabalho se agrega o ATO II (e-book em formato digital) para ser disponibilizado à comunidade escolar e todas as pessoas que intentem conhecer as ações de danças propostas na escola ao longo desse estudo. Proponho a nomeação de atos e cenas para as partes e subpartes desta pesquisa. Referencio-me nas autoras Lenira Rengel e Karin Thrall, organizadoras e editoras da coleção *Corpo em cena*, para pensar em cena (e ato).

O conceito de cena que aqui se apresenta é o de atuação, enação, efetivação. Quaisquer que sejam as cenas artísticas, políticas, educacionais, prático-pedagógicas, comportamentais, sociais, a abordagem enativa compreende corpo enquanto capacidades biológicas, psicológicas e culturais agindo e elaborando seus processos criativo-cognitivos em um mundo que não é pré-dado e sim efetivado, junto (com um corpo, uma pessoa). (RENGEL; THRALL, 2010, n. p.).

Neste trabalho, com referência em Rengel (2007), a criação de neologismos pretende ressaltar e elaborar por meio da junção de palavras uma forma de pensamento pela imagem lida, evitando dicotomias. As cenas que serão apresentadas aqui discorrem entre atos e entrelaços, andanças e publicações, ações e (re)ações. Trago memórias de saberes-fazer que me envolveram nessa trajetória acadêmica e de vida. Danças, afetos, imagens, ações emancipatórias, educação e insurgências guiaram esta pesquisa. Os caminhos aqui traçados reverberam em mim possibilidades para o fortalecimento de uma educação básica pública que atue de maneira equânime e respeite todas as pessoas envolvidas no ambiente escolar. Desse modo, convido a um mergulhar neste Trabalho de Conclusão de Curso que busca emancipar corpos e arraigar ações.



# 2 ATO I MEMORIAL



*Escola de Dança da UFBA - 1986*

*Primeira apresentação pública - Teatro Martim Gonçalves*



## 2.1 MEMÓRIAS

As experiências relatadas neste memorial fazem parte da minha trajetória artísticopedagógica no Mestrado Profissional em Dança. Porém, antes é necessário falar um pouco sobre meu ingresso na arte da Dança.

Eu era uma criança bem tímida quando comecei as aulas de Dança. Em 1986, com nove anos de idade, adentrei ao curso preparatório da Escola de Dança da UFBA que, na época, era situada na Avenida Padre Feijó. Lembro-me da minha primeira professora, Nelma Seixas, por quem eu tinha, e até hoje tenho, uma imensa admiração. Fiquei aproximadamente dois anos como estudante na Escola de Dança e depois continuei em escolas de balé da cidade de Salvador/BA. No decorrer do tempo, fui traçando caminhos cada vez mais coesos por meio da Dança. Aos quinze anos, ministrei minha primeira aula ao substituir uma professora da escola de balé em que eu estudava. Senti-me bem confortável nessa função e aos dezoito anos já era professora de um curso de Artes da cidade. Nesse momento comecei a entender que essa seria a área em que gostaria de me profissionalizar. As possibilidades que a Dança me trouxe desde a infância, como interação social, expressividade e saber me impor melhor no meio em que vivia na adolescência, me fez decidir por prestar vestibular para o curso de Dança.

No ano de 1995, prestei vestibular para entrar no curso de bacharelado da Escola de Dança da UFBA e iniciei a vida acadêmica. No início, vivenciei momentos de muita angústia, pois vinha de escolas de balé e tinha pouca experiência em outras técnicas de Dança. No primeiro semestre, chorei, me indignei, pensei que tudo o que eu havia desenvolvido ao longo da minha infância e adolescência não tinham contribuído para nada e quase desisti. O segundo semestre chegou e possibilidades de amadurecimento profissional surgiram. Fiz uma audição para viajar ao Japão com uma banda do cenário baiano e fui selecionada. Assim, aos dezoito anos, fiz minha primeira viagem profissional. Realizei a *tournée* de um mês com a banda e afirmo que esse trabalho me fortaleceu acerca de quem eu era e aonde eu poderia chegar.

Depois desse trabalho, viajei por alguns países, como Itália, Portugal e Alemanha, e participei do grupo de Dança Odundê da escola de Dança da UFBA. Experimentei os momentos artísticos enquanto prosseguia na área pedagógica. No decurso do tempo, lecionei em diversos municípios da Bahia, tais como Andaraí, Dias d'Ávila, Candeias, Muquém de São Francisco, Rui Barbosa, Sátiro Dias, São Sebastião do Passé, Valença e São Francisco do Conde, além de ministrar curso de extensão na Escola de Dança da UFBA. Esses espaços me



formaram como docente e me fizeram perceber o quanto a educação com/pela Dança contribui para o reconhecimento de si e pertença no mundo.

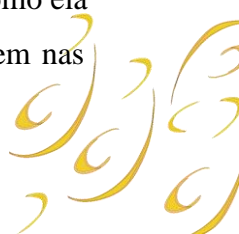
Ser artista da Dança e professora em escolas públicas em municípios da Bahia me fortaleceu para a trajetória que resolvi seguir. O município de São Francisco do Conde, Bahia, foi onde eu tive a oportunidade de compreender um pouco mais o universo da escola pública, pois foi lá que permaneci mais tempo como docente, especificamente atuando com discentes dos anos finais do ensino fundamental, que atualmente é o meu campo de estudos. Lecionei no município de São Francisco do Conde até os anos que antecederam o meu ingresso como professora na Rede Municipal de Ensino de Salvador.

No mesmo ano em que fui convocada para tomar posse no concurso da cidade de Salvador, fiz uma seleção para trabalho temporário no Serviço Social da Indústria (SESI), com isto, iniciei no SESI e na Prefeitura de Salvador ao mesmo tempo. No SESI trabalhei como coreógrafa do Grupo de Teatro da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), enquanto que na Prefeitura estava como professora dos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Depois da experiência de um ano no SESI, segui na prefeitura com os anos finais do ensino fundamental. Aqui estou, desde 2008, reverberando afetos em busca do ensinoaprendizagem da Dança de maneira crítica, participativa, prazerosa e que culmine em ações emancipatórias.

Desde a minha posse, prossigo lotada na mesma escola. Acredito ser de grande importância essa permanência, já que, principalmente para professoras(es) de Dança da Rede Municipal de Salvador, permanecer na mesma unidade escolar é algo atípico. Estamos sempre procurando uma escola que tenha ao menos uma sala estruturada para que possamos efetuar nosso trabalho. Na Escola Municipal Teodoro Sampaio, encontrei todo o apoio da gestão que se empenhou para que eu tivesse uma sala digna, visando ao ensinoaprendizagem das aulas de Dança.

Ao adentrar no espaço público escolar do município de Salvador, me deparei com questões difíceis de entender. Foram/são anos de angústia, tentando compreender e descobrir estratégias para amenizar e/ou transformar as insurgências que ocorrem nas aulas de Dança em ações emancipatórias.

O Mestrado Profissional surge como possibilidade de avançar nos estudos no que tange à escola pública, especificamente na área da Dança. Compreender o papel da Dança na educação e como ela pode interferir nos saberesfazeres coletivos é emancipador. Argumento, então, que fortalecer o diálogo com a comunidade escolar é o caminho para entender como ela se sente e tentar perceber quais situações cotidianas reverberam no ensinoaprendizagem nas



aulas de Dança na escola. Assim, busco na trajetória do Mestrado albergar esses processos que afetam estudantes e, com a Dança, criar estratégias para melhorar as relações interpessoais no ambiente escolar.

Nesse ínterim, fomos assoladas(os) com a pandemia da COVID-19 que fez com que os estudos no ambiente físico escolar fossem paralisados. Acerca disso, trago neste memorial as possibilidades remotas de estudo que foram possíveis construir durante esse período avassalador que o mundo passa. Foi um momento intenso, pois, se já era laborioso trabalhar a Dança no ambiente público escolar de forma presencial, remotamente esse ensino foi bastante negligenciado pelos órgãos públicos, dificultando as ações de pessoas professoras.

Aprendo diariamente com as ações na/da escola, com estudantes e comigo mesma, pois “[...] a sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas”. (ASSMANN, 2017, p. 19). Sigo com reverberações do percurso acadêmico e afetos que foram constantes em todos os componentes curriculares em eterno movimento aprendente.



## 2.2 ANDANÇAS

**Figura 1** – Espetáculo Clã - 2009



Fonte: Arquivo pessoal.





# *ELENCO*

**Figura 2** – Primeiro dia de aula - março de 2020



Fonte: Arquivo pessoal.





## 2.2.1 ATO I CENA I - Componentes curriculares obrigatórios

### 2.2.1.1 Prodan000000001 - Tópicos interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade - Semestre Suplementar 2020.2

**Ementa:** Estudos e discussões acerca de pressupostos epistemológicos da contemporaneidade da dança sob perspectivas políticas, educacionais e sociais e as aproximações teórico-práticas das pesquisas artístico-pedagógicas articuladas com projetos e produtos individuais.

**Prof. Dr. Antrifo Ribeiro Sanches Neto e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Elisabeth Simões Brandão**

**Nota: 10(dez)**

**Relevância:** Nesse componente curricular produzi um diário de bordo e dialogamos com docentes convidadas(os). Correlacionar as teorias apresentadas com a minha pesquisa e conhecer as pesquisas das(os) colegas de curso contribuiram para pensar o que reverbera nas aulas de Dança na escola pública de uma maneira global, para, a partir disto, desenvolver ações particulares do/no ambiente que leciono e compreender esses modos de agir na cultura, na política e na arte como comportamento humano.

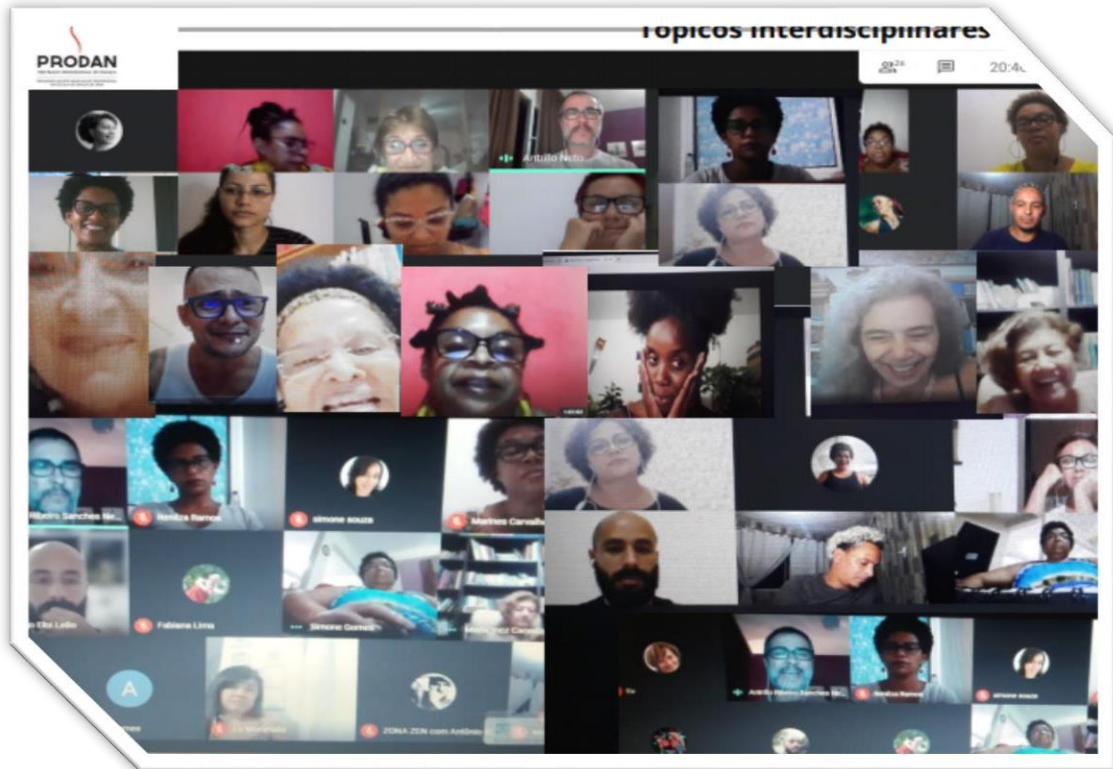
Discutir coletivamente sobre realidades diversas me auxiliou no desenvolvimento do projeto de pesquisa. Argumento, então, que dialogar com professoras(es) que vivem o chão da escola pública, como eu, é acolhedor, pois vivemos situações semelhantes. Nesse componente, tivemos a oportunidade de compartilhar nossas angústias e alegrias em relação à educação básica pública.

No ambiente virtual, articulamos nossas ideias a partir de temas propostos pelas pessoas professoras convidadas: multirreferenciadas, cognitivas, coreógrafas, cosmoperceptivas, com pretagógicas, corporeidades mestiças e amorosidades.



*Portfólio do componente com ações propostas nas aulas*

**Figura 3** – Estudantes e professoras(es) convidadas(os) - componente curricular Tópicos interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade - semestre suplementar - 2020.2



Fonte: Arquivo pessoal.



## DIÁRIO DE BORDO

### *Docentes convidadas(os)*

Cognição é o  
processo de conhecer  
o mundo

**Lenira Rengel**

Momento em que  
estou me  
testemunhando.

**Leonardo Sebiane**

A gente pode ser a pessoa  
mais rígida que existe, mas  
a dança os move.

**Vanda Machado**

Dar, receber, retribuir.

**Luciane Silva**

Cada vez que a gente dança,  
existe melhor.

**Sandra Pettit**

Para ser coreógrafa precisa  
ter a visão poética da vida.

**Lia Robatto**

Saberes não  
hierarquizados são  
necessários para  
multirreferenciar.

**Inez Carvalho**



## Encontro com Lenira Rengel

A professora Lenira Rengel explicou acerca das intercorrências que afetam as pessoas que participam do processo educacional: Cognição, Dança, corpo, ensinoaprendizagem e metáforas cotidianas. Fortalecer o processo não dualista e evitar outras dicotomias também foi o centro do diálogo com a professora.

O processo cognitivo e o ofício diário de não ser dualista, segundo o que a professora Lenira argumenta, bem como as metáforas cotidianas, estão nas minhas ações pedagógicas. Quando compreendo o sujeito em sua correlação razão/emoção, pensamento/ação e rejeito a dicotomia corpoXmente, a partir dos pensamentos de pesquisadoras como Christine Greiner e Helena Katz, como dialogou a professora Lenira, percebo que efetivo ações emancipatórias nas aulas de Dança na escola.

A sala de aula é um ambiente para troca de experiências e exercitar a autonomia. Segundo Ribeiro (2015), para pertencer, é necessário interagir de modo participativo por meio da escuta atenta e interessada no outro, no mundo. Compreender que o ambiente escolar é um espaço que nos proporciona o fortalecimento das relações interpessoais é se aprofundar na experiência de que o afeto, como base pedagógica, torna as aulas de Dança mais atraentes e perceptivas de aceite pelo corpo discente.

Assim, ao correlacionar as teorias apresentadas com a minha pesquisa, compactuo com os pensamentos da professora e percebo essa não dicotomia corpoXmente como um processo diário de libertação, para findar esse pensamento dualista.

## Encontro com Vanda Machado

Profissionais da educação básica buscam incessantemente estratégias para uma efetiva educação de qualidade. Vivemos em uma cidade onde a maioria das(os) estudantes negras(os) da educação básica estão no ensino público, mas estes são a minoria em diversos espaços de poder. Segundo o IBGE, Salvador tem mais de 80% da população formada por pardos e pretos (G1 BAHIA, 2019), então, como explicarmos a invisibilidade dessa grande parcela da população nos espaços de poder?

A professora Vanda Machado falou sobre o Panoptismo, a partir de Foucault. Percebo esse vigiar e punir como um projeto bem estruturado na escola pública, que vem desde a



época dos povos escravizados. Nosso povo preto foi colonizado e deixado às margens, sem possibilidades de crescimento. Foi construída por décadas uma autoimagem negativa, desconsiderando sua própria individualidade.

A minha trajetória como professora na escola pública se assemelha com a de estudante, em toda a relação comigo mesma, na comunidade em que vivo/me reconheço. Quando a professora Vanda fala sobre cosmopercepção, entendo o perceber/ compreender o outro, como apregoa o pensamento Africano UBUNTU: eu sou porque você é. Nós, pessoas negras, fomos ensinadas que somos inferiores e por décadas acreditamos nesse projeto colonizador, nos afetando em diversas instâncias.

Visando contribuir para o fortalecimento de identidades, tecendo conexões entre o afeto e a construção da autoimagem, meu projeto de pesquisa se entrelaça com a fala da professora Vanda Machado, pois tenho um corpo discente formado em sua maioria por pessoas negras, com uma construção afetiva que culturalmente foi negada, deturpando a percepção de si, ocasionado conflitos diários no ambiente escolar.

[...] crianças negras carecem de um olhar diferenciado. Um olhar que contemple a sua beleza do jeito como ela é. As crianças negras crescem tomando tapas na alma. Não fomos rainha do milho. Não fomos rainha da primavera. Votávamos em rainhas que não nos representavam: rainha do milho, rainha da primavera, rainha do grêmio. A eleita era sempre uma menina que não tinha nenhuma obrigação de se incomodar com a nossa agonia. Era uma situação naturalizada. Também nunca percebi que eu não podia ser anjinho porque o meu cabelo não balançava. (MACHADO, 2013, p. 34)

Ser uma pessoa negra já faz com que o diálogo com Vanda se conecte comigo e com a minha pesquisa. Ver uma das nossas trocando saberes é fortalecedor, nos envolve em um abraço de conhecimento ancestral. A representatividade é capaz de mudar rumos antes esquecidos, ceifados e necessária para um (re)conhecimento positivo de si e da outra pessoa.



## Encontro com Leonardo Sebiane

O corpo fala. Cheiros, sensações, sons, fluência, sorrisos, criança, vozes, tensionamentos, internet, canto feminino. O diálogo corporal proposto pelo professor Leonardo Sebiane surge como estímulo nesse momento pandêmico em que estamos vivendo e sendo desafiados rotineiramente. A experiência sensorial por trás das telas reverbera sensações diversas em torno do local onde estamos, o que fazemos, o que queremos, nossas limitações. Como compreender/agir diante do on-line?

A minha pesquisa tem como núcleo os conceitos de afeto e autoimagem colocados em oposição à comunicação não violenta nas aulas de Dança na escola. Quando Leonardo Sebiane, com seu tema “Corporeidades Mestiças, Abordagem Somático-Performativo e Cura”, fala sobre o cuidado consigo mesma(o), percebo a ligação com o meu processo artísticopedagógico. Foucault, que tenho como referência, com “o cuidado de si”, interliga minha pesquisa aos estudos do professor, por entender a educação somática como um campo de estudos do movimento que pode atuar como via de transformação de desequilíbrios.

Ademais, percebo o quanto a cura que o professor Leonardo Sebiane explode na sua comunicação é inerente à minha prática e, portanto, culmina no meu projeto. Proporcionar às(aos) estudantes um reconhecimento positivo da autoimagem caminha pelo cuidado de si, com essa corporeidade mestiça, sensorial, somática e ativa.

## Encontro com Sandra Pettit

O diálogo com Sandra Pettit me trouxe novas formas de pensar/trabalhar a Dança preta na escola. Compreendo que estou no meu lugar de fala, como mulher negra e estudante de escola pública, então essa interlocução aflorou saberes interacionistas das minhas ações pedagógica.

A Dança pode ser um importante referencial de espiritualidade, de produção de conhecimento, de pertencimento, se ver no outro. O movimento corporal na escola sempre foi visto como indisciplina e alacridade, termo cunhado por Muniz Sodré – a alegria levada a sério –, conforme explanou a professora Sandra, se relaciona com o meu modo de sentir a Dança, já que no ambiente escolar ela é vista inicialmente como magia, diversão, algo que não precisa ser levado a sério.



Os dispositivos de poder por anos desprezaram a cosmovisão africana, reconhecendo e percebendo a população negra como indigna de afeto e de poder: “Conflitos nascem de desafios apresentados pelo espírito. São dádivas para nos ajudar a avançar. É por meio do conflito que ganhamos conhecimento de nós mesmos e descobrimos novas situações para pôr em prática nossos dons.” (SOMÉ, 2003, p. 119).

Esse trecho do livro “Espírito da Intimidade” traz reflexões sobre as relações que vivemos no ambiente escolar. Há uma forte possibilidade transformadora quando estudantes se percebem em sua totalidade, como são, e que podem lutar contra as mazelas a elas(es) destinadas pelos colonizadores, deste modo, o destino da invisibilidade se converte.

Interligo meus pensamentos à fala de Sandra Petit e também à minha pesquisa, que caminha pelo viés da afetividade negada à população negra. Compreendo que é algo que precisa ser trabalhado com estudantes, envolvendo a comunidade em que cada uma(um) vive, interligando com o histórico dos seus ancestrais. Buscar com a Dança reconhecer sua autoimagem positiva, dissolvendo conflitos que atrapalham as pessoas no reconhecimento de sua ancestralidade, instigando-as a persistir para existir.

## Encontro com Lia Robatto

A professora Lia Robatto chegou-nos arrebatando com seu carisma e jovialidade. Essa experiência on-line ficará perpetuada em minha memória de forma honrosa e corponectada. Lia, inicialmente, nos trouxe o questionamento sobre o que é coreografar e, de forma poética, com estímulos de códigos gestuais e metáforas corporais, nos transportou para o processo de composição coreográfica.

O poema “CÓDIGO” apresentado pela professora foi o impulso para nos movermos, falando sobre comunicação entre pessoas, pois, como dialogou a professora Lia, nos comunicamos por meio de códigos. Por eles e neles nos embasamos para seguir as orientações para criação guiada pela professora. Percebi em todo o percurso da aula a afecção poética nos movendo para criação de forma prazerosa e fluida.

Nesse processo de criação em que trabalha a professora Lia, albergo a ligação com minhas ações artísticopedagógicas. Entendo o meu lugar diverso como profissional da Dança na escola pública, local esse em que exercitamos a visão poética e árdua como professoras(es) e coreógrafas(os). Portanto, relaciono a laboração da professora à minha pesquisa,



compreendo uma ligação, já que as minhas ações pedagógicas nas aulas de Dança perpassa por processos criativos.

A Dança na escola é completa de códigos e significados que comunicam a partir do lugar de fala de cada um. A missão de coreografar surge a cada ano letivo para identificarmos de que forma iremos nos movimentar, desenvolver, fruir e transpor assuntos éticos e políticos com/pelo movimento.

### Encontro com Inez Carvalho e Rosane Vieira

O diálogo com as professoras Inez Carvalho e Rosane Vieira nos impulsionou às discussões, tecendo caminhos para múltiplos pensamentos. O objetivo de fugir do estudo hermenêutico e compreender sobre os conceitos de complexidade, multirreferencialidade e subjetividade nos trouxe vários questionamentos.

A importância de associar autores contemporâneos surge com a explanação baseada no texto da professora Terezinha Fróes, em uma discussão polêmica no diálogo com Inez Carvalho e Rosane Vieira, para fazermos um exercício de flexibilidade e heterogeneidade na multiplicidade de dimensões. Identifico essa discussão multirreferencial como algo recente, que possibilita o pleno diálogo crítico e tecnológico, sendo essencial para debater a questão curricular.

O currículo, enquanto complexidade, deveria fazer um exercício de reflexão heterogênea, possibilitando a construção do sujeito autônomo em uma sociedade democrática. Multirreferencialidade, conforme explana Inez Carvalho, é não hierarquizar saberes, é estar presente no espaço, que não para. Entretanto, não resolve termos diversas referências se a rede simbólica de referência dominante não possibilita abertura para trabalharmos os valores e a multiplicidade.

Outrossim, segundo as professoras, associar multirreferências externas à capacidade interna de cada um é deixar o currículo representativo. Possibilita a cada pessoa de forma autônoma (re)conhecer suas potencialidades e perspectivas epistemológicas antes apartadas do currículo enquanto diferenciabilidade. Logo, no referencial que pesquiso, sigo um trajeto com estratégias de emancipação e caldeamento de conhecimentos para ampliar e disseminar saberes e consciência tecnológica.





## Encontro com Luciane Silva

O diálogo com a professora Luciane Silva foi repleto de leveza e conhecimentos implicados. Articulou saberes com diversas áreas e nos conectou com um saber/discutir acadêmico, com pensamento espiralado. Produzir conhecimento articulado com as diversas áreas e relacionar com as camadas de história de cada um foi uma escrita de si que reverberou na comunicação com todos.

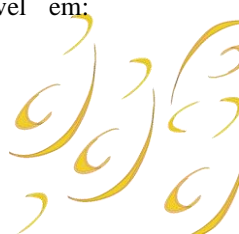
Tempo ocidental, remover camadas para envolver outros sentidos, ancestralidade, Dança dos outros. O esforço intelectual de mudar as histórias, falado por Luciane Silva, fortaleceu o diálogo nos voltando para a imersão na discussão de corpo-sujeito, cada pessoa é uma e precisamos reconhecê-la como tal amorosamente. Compreendo que a “dança dos outros” repensa circuitos regionais de danças, valorizando a multiplicidade produzida no Brasil, chamando a atenção para outras epistemologias. Circular conhecimentos e discutir africanidades é politizar a escrita de si e tornar as ações artísticopedagógicas identitárias e heterogêneas.

O discurso político africanizado da professora se interliga à minha pesquisa no âmbito do cuidado de si, na noção do amor que historicamente foi negado às pessoas pretas. A convidada explanou, a partir do pensamento do filósofo estadunidense Cornel West, acerca do amor na perspectiva negra ter surgido de forma catastrófica, exemplificando o *blues* que se manifestou com o observar do corpo na árvore enforcado.

Nessa continuidade, compreendo a necessidade de trabalhar sobre a perspectiva amorosa na escola pública. A percepção de cura e afetividade delineadas por Luciane Silva se conecta a meus estudos. Nesse contexto de acolhimento, cura e cuidado da existência negra na escola, bell hooks (2006<sup>1</sup>) referencia minha pesquisa e dialoga sobre essa perspectiva do amor como prática de liberdade, (re)conhecimento de si como pessoa afro-diaspórica, e Michael Foucault (2004), com o cuidado de si.

---

<sup>1</sup> Recorri ao texto “O amor como a prática da liberdade” (Love as the Practice of Freedom) – este compõe o capítulo 20 da obra de bell hooks “Outlaw Culture: Resisting Representations (2006), nas páginas 243 a 250 –, que foi traduzido para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento e está disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/bell-hooks-o-amor-como-a-pratica-da-liberdade/>.



**2.2.1.2 Prodan 000000003 Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança - Semestre Suplementar 2020.2 (3 créditos/51h)**

**Ementa:** Apresentação de aspectos teórico-conceituais e metodológicos da prática profissional em processos educacionais em dança, considerando a abordagem e a estruturação de projetos profissionais, experiências de mediação educacional no campo da dança e a realização das pesquisas, suas temáticas, objetivos e procedimentos de investigação em conexão aos aspectos prementes da atualidade social e inovação profissional.

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amélia Conrado e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cecília Accioly**

**Nota: 9,5**

**Relevância:** Nesse componente, as mediações educacionais, o compartilhamento de experienciais e as possibilidades de conhecer as diversas formas de atuação de profissionais da Dança pelo Brasil foi muito engrandecedor. Durante o percurso das aulas, desfrutamos de uma gama de ações artísticopedagógicas com profissionais de diversos segmentos da Dança, por meio de webconferências e aulas interativas ao vivo. Como resultado final do componente, delineamos nossa trajetória na Dança, proposta para possíveis marcos teóricos e a metodologia. Concluimos com o fichamento de um texto escolhido por nós, dentre os que foram indicados pelas professoras no decorrer do semestre.

**AÇÕES PROVENIENTES DO COMPONENTE CURRICULAR**

**1 - Vídeo de apresentação de até um minuto: Quem sou eu? E minha pesquisa?**

 [Quem sou eu? E minha pesquisa?](#)

**2 - Trajetória**

Nessa proposta, contei um pouco sobre a minha trajetória por meio da elaboração do mapa de si mesmo – reconhecimento dos próprios lugares de fala, os atravessamentos de saberes-fazer e a relação com a pesquisa que proponho.





#### 4 - Marco teórico

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
AFETIVIDADE	Laurinda Ramalho/Abigail Mahoney	ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga(orgs) <b>Afetividade e aprendizagens:</b> contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.	A obra explana as conceituações de afetividade e aprendizagem, pela perspectiva das contribuições de Henry Wallon. São considerados os processos cognitivos que afetam as pessoas, percebendo a afetividade como indicadora de possíveis direções para tornar mais proveitoso o processo de ensino-aprendizagem, favorecendo as relações interpessoais no ambiente escolar.	Minha pesquisa encaminha-se por uma educação afetiva, nesse contexto, as contribuições de Walon sobre a teoria do desenvolvimento humano. Esta referência possibilita aprofundar a compreensão do papel da afetividade na vida da pessoal, contribuindo com meus encaminhamentos na valorização da relação entre sujeito e meio social e com a intenção de analisar e questionar as perspectivas do panorama pedagógico no contexto escolar.



Continuação...

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
ÉTICA DO AMOR	bell hooks	hooks, bell. <b>Love as the practice of freedom. In: Outlaw Culture. Resisting Representations.</b> Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento.	A autora explana sobre a incapacidade de amar do povo preto, já que o ato de ser amado foi negado, historicamente, por um pensamento branco interiorizado. Evidencia que a ética do amor é o caminho para o cuidado de si e do outro, reconhecendo pontos cegos como caminho para expandirmos nossa preocupação com a política de dominação que exclui a população negra e promove o autoódio.	Eu, como mulher negra, nascida e criada em uma cidade com o percentual de mais de 80% da população sendo preta e parda, segundo o IBGE, trabalhando em escola pública, na qual os(as) estudantes são, em sua maioria, pretos e tendo como palavras-chave da minha pesquisa autoimagem e afetividade, abarco o texto de bell hooks. Em um panorama que se dilata com a meu projeto, no que concerne ao reconhecimento de si para emancipação política do sujeito, pois ao escolher amar, começamos a nos mover contra a opressão, transformando a cultura do auto ódio em autoimagem positiva.



Continuação...

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
ÉTICA E CUIDADO DE SI	Michael Foucault	FOUCAULT, Michel. <b>“A ética do cuidado de si como prática da liberdade”</b> . In: Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.	O texto explana sobre hermenêutica do sujeito, com o conceito do cuidado de si como ato político importante para prática da liberdade. Propõe a capacidade de se conduzir adequadamente para e com os outros, apartando-se dos mecanismos de repressão e se conciliando eticamente consigo mesmo(a), compreendendo que cuidar de si é cuidar do outro.	A perspectiva da obra com a minha pesquisa é explicitada a partir de meu tema, o qual permeia a autoimagem e a afetividade, perpassando sobre o cuidado de si. A questão de um desenvolvimento ético das relações interpessoais, tendo o conhecimento de si como base para prática da liberdade e cuidado com o outro.
DANÇA NA ESCOLA	ISABEL MARQUES	MARQUES, Isabel A. <b>Dançando na escola</b> . 6.d. São Paulo: Cortez, 2012.	A autora traz reflexões sobre o ensino da dança na escola, com um olhar crítico sobre a sua desvalorização em detrimento de conhecimentos lineares e descritivos, enraizados no pensamento pedagógico brasileiro. A obra reforça que o fazer/sentir segue um lugar dualista, já que as “dancinhas” ainda persistem no ambiente escolar como a única vertente corporal.	Nesta obra de Isabel Marques, reconheço o meu cotidiano escolar, na intenção de estimular os(as) estudantes e todo corpo docente à compreensão sobre o papel da dança na escola e desmistificar que dança é corpo e as outras áreas são mente. Minha pesquisa tem o corpo como afirmação do não dualismo. Portanto, essas reflexões contribuem para que a dança na escola seja compreendida como área de conhecimento e nesse sentido o seu fruir seja efetivo para o corpo discente.

Continuação....



CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
IMAGEM	ADRIANA BITTENCOURT	BITTENCOURT, Adriana. <b>Imagens como acontecimentos:</b> dispositivos do corpo, dispositivos da dança. Salvador: EDUFBA, 2012.	A obra trata sobre imagem como ações corporais e modos de comunicação e soluções necessárias nas relações com o ambiente. As imagens são trazidas como informações que se constituem como corpo e funcionam com índices de seus estados, ligando corpo e imagem à sobrevivência, noticiando e divulgando as informações que vão se constituindo como corpo e sinalizadores das possibilidades, modificando a partir de suas relações com o ambiente.	A perspectiva da obra relaciona-se com minha proposta por estabelecer relações de uma comunicação efetiva nas relações de ensino-aprendizagem, promovendo questionamentos por meio de imagens, considerando o corpo-sujeito-ambiente como propulsores para compreender as ações corporais no ambiente escolar.



## **5 - Fichamento**

### **REFERÊNCIAS**

FALKEMBACH, Maria Fonseca. Quando a dança nos toca: Significados, ética e presença em práticas com toque no currículo. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 1-29, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-26602019000100203&lng=isso&nrm=isso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-26602019000100203&lng=isso&nrm=isso). Acesso em: 01 nov. 2020.

#### **Resumo**

O artigo explana sobre ações afetivas em Dança, a partir do cuidado de si. O toque surge como ponto de partida para o ressignificado de práticas vistas em algumas instituições escolares como desnecessárias e/ou não relativas à aprendizagem. A pesquisa etnográfica foi feita com seis professoras de escolas públicas no sul do Brasil, que utilizaram a educação somática para ampliar a experiência sensorial com práticas de toques e contatos, contando com as perspectivas teóricas do filósofo Michael Foucault. Buscou identificar práticas que provocassem as pessoas, ações emancipatórias, opondo-se à normalização disciplinar existente no ambiente escolar, discutindo a codificação hegemônica da prática do toque e seus efeitos possíveis nas aulas de Dança.

#### **Citações principais do texto**

“Nas aulas das seis professoras, o toque entre os alunos era recorrente. Entretanto, em parte das situações, essas práticas produziram tensões com a escola. Ao longo da pesquisa, pude identificar que as práticas de dança na escola tensionam as tecnologias de produção do corpo escolar.” (p. 2);

“Identifiquei que na minha perspectiva havia uma naturalização do toque em aulas de dança. Todavia, essa não era a perspectiva da escola. Então, num movimento de *olhar de outro jeito*, passei a me perguntar: por que numa aula de dança o toque é algo natural e por que é importante?” (p. 3);

“A análise dos dados produzidos na pesquisa discute a codificação hegemônica do toque e da pele e aponta efeitos possíveis das práticas de dança com o toque, a partir das aulas observadas: suspensão de significados culturalmente produzidos e corporificados; emergência da dimensão da presença; trabalho sensível e ético.” (p. 4);

“A operação de normalização se alia a de vigilância. Os corpos são vigiados para seguirem a norma. A instituição estabelece o que é normal e produz os comportamentos possíveis a partir da convergência ou desvio da norma. Assim, a escola educa o sujeito disciplinado a controlar sua mobilidade para segui-la. Então, quando a dança, na escola, faz proposições desvinculadas da norma, ou num espaço em que há ausência desta, há tensão.” (p. 5);

“Essa pesquisa ajuda a pensar sobre os modos como o toque está codificado em nossa sociedade e, assim, confiscado-interditando nossa sensibilidade tátil. Por meio desse exemplo,





de uma experiência em uma prisão, é possível pensar sobre condutas dentro da escola, desde a perspectiva das tecnologias disciplinares, as quais constituem ambas as instituições.” (p. 7);

“Aquilo que acontece é efeito da reciprocidade, de uma negociação física, de uma negociação das relações físicas, de um pacto efêmero e continuado, que acontece na pele.” (p. 8);

“A codificação da superfície corporal através do jogo dos afetos e das relações de poder não é exclusividade do sistema prisional. Conforme ressaltam Tampini e Farina, em nossa sociedade, a superfície corporal ‘[...] tem lugar quase exclusivamente na esfera do erotismo, e carrega um alto nível de decodificação que implica a restrição dos movimentos e dos modos de contato a determinados repertórios e modos de uso’ (Tampini; Farina, 2010, p.18).” (p. 9);

“Tarefa difícil esta de se mover a partir do toque, numa sociedade em que esses significados são tão eminentes. Tarefa difícil para a escola problematizar esses preconceitos, porque a escola também reproduz esse discurso.” (p. 10);

“Nesse contexto, como trabalhar o contato físico sem continuar reproduzindo a cultura que divide os corpos em tocáveis e intocáveis? Ao mesmo tempo, como trabalhar com o corpo, colocar o corpo e a sensibilidade no centro do currículo sem levar em conta esse contexto? Entendendo que as professoras apostam justamente no papel da dança e do toque como práticas que produzem deslocamentos desse código, que produzem ‘[...] uma negociação física, presente e móvel das forças sócias simbólicas politicamente corporificadas’ (Sastre, 2015, p. 68).” (p. 10);

“Quando as professoras das escolas trazem o toque compondo a aula de dança, movem os discursos que produzem os corpos; sacodem os comportamentos naturalizados naquela instituição e, com efeito, a própria instituição. A escola, quando proíbe o contato, contribui para o estabelecimento de corpos intocáveis, que se articulam muito bem em espaços de violência, de discurso machista e restrição da vida.” (p. 10-11);

“Entendo que nessa zona não codificada há espaço para dois aspectos: para a ética, isto é, para o indivíduo atuar sobre si mesmo; e para a presença, isto é, para a relação com o outro através de uma dimensão que minimiza a importância dos significados.” (p. 11);

“Na fala das professoras pesquisadas há uma relação entre o toque agressivo em espaços de violência e uma tendência em pensar que outro tipo de toque pode operar contra a violência.” (p. 11);

“Nas práticas de dança que trabalham o toque, trazemos as coisas do mundo para bem próximo de nosso corpo, sendo que, nesse caso, a coisa do mundo é o outro corpo.” (p.12);

“O que acontece quando a dança, como componente curricular obrigatório, coloca, no meio da aula, no meio de uma tarde do cotidiano escolar, um tempo para os alunos ficarem abraçados? Que outra área de conhecimento faria uma proposta assim?” (p. 12);

“No momento em que a professora propõe um abraço, numa escola em que está proibido abraçar, ela faz uma ação transgressora e contraria a regrada instituição. Mas desde o lugar em que se coloca, ela faz uma intervenção artística, ou ainda, uma ‘pequena ação terrorista’, assim como é compreendida pelas performers: ‘[...] algo que irrompe no cotidiano e, infiltrando - senas brechas, promove rupturas num sistema estabelecido’.” (p.13);



“É inevitável o efeito de significado relacionado à sexualidade e ao discurso machista, que não é dito, mas expresso através de risadas, posturas, gestos, atitudes de constrangimento, de embaraço.” (p. 14);

“A experiência do abraço prolongado, analisada na perspectiva de Gumbrecht, tem elementos que podem produzir a intensificação do efeito de presença do corpo do outro, do impacto imediato de um corpo sobre o outro, pois diminui ao máximo o espaço entre os corpos, retira o referencial do tempo e suspende o significado. Quando o significado está suspenso, pode emergir o efeito de presença.” (p. 16);

“Então, no caso do abraço, o impacto imediato de um corpo pelo outro é minimizado, porque está *embrulhado* de significados, produzidos pela codificação dos gestos e comportamento, pelos significados atribuídos ao toque em nossa cultura, também envolvido pelas operações de produção de novos significados. Contudo, a evidência do silêncio me dá indícios de que o ‘impacto imediato’ pôde ser percebido – e não pôde ser nominado.” (p. 17);

“Para desenvolver a ideia da dimensão da presença, Gumbrecht (2010) trabalha com a noção de duas diferentes culturas ideais, no exercício de imaginar uma cultura fundamentalmente diferente da nossa: a cultura do significado (mais próxima da modernidade) e a cultura da presença (que se aproximaria da cultura medieval). Ele pontua diferenças entre essas duas culturas (Gumbrecht, 2010, p. 104-113). Algumas delas podem ser reveladoras para a reflexão sobre a tensão produzida na escola quando a aula de dança trabalha com o toque.” (p. 17);

“Enquanto na cultura do significado a autorreferência humana (a visão de si) predominante é o pensamento, na cultura da presença é o corpo, sendo que, nesta última, os corpos fazem parte de uma cosmologia, não se veem como excêntricos ao mundo, mas como parte do mundo. Mais especificamente, como coisa do mundo.” (p. 17);

“A autorreferência daquele que dança passa pela fisicalidade, por se reconhecer como massa e volume em movimento; como coisa que se apoia, como matéria que tem certas qualidades. A sensação de ser coisa do mundo não é estranha ao dançarino.” (p. 17);

“A cultura do significado é aquela cujo conhecimento se dá pelo ato do sujeito de interpretação do mundo. Por outro lado, na cultura da presença, idealizada, ‘o conhecimento é legítimo se for conhecimento tipicamente revelado’ (Gumbrecht, 2010, p. 107), isto é, um saber que não vem do sujeito, é uma autorrevelação do mundo: ‘[...] pode ser a substância que aparece, que se apresenta à nossa frente (mesmo com seu sentido inerente), sem requerer interpretação como transformação em sentido [sic]’ (Gumbrecht, 2010, p. 108).” (p. 17);

“A recorrência do toque nas aulas de dança também leva a pensar sobre a ética que compõe essas aulas, visto que o efeito do toque não é dado *a priori*: o toque pode tanto salvar e potencializar a vida, como ser uma das mais cruéis violências.” (p. 18-19);

“Qual o limite que separa efeitos tão extremos? Quando o toque deixa de ser agressão e se torna ternura, ou vice-versa? Tal limite não é dado por uma lei. Por isso, entendo o toque como exemplo de um lugar em que é necessário emergir uma ética.” (p. 19);



“Rodrigues e Roble apontam para o problema da relação exclusivamente racional e abstrata com o mundo. Tal relação, conforme Gumbrecht (2010, p. 167), é decorrência e produtora da perda da referência do mundo, de nos sentirmos a corporificação de algo.” (p. 20);

“Inserida na cultura da utilidade e do mercado, a escola não pode entender uma atividade sem um produto que possa ser quantificado, comparado, examinado, avaliado. A cultura escolar não entende que o toque é parte das operações da dança que se ocupam de um conhecimento de outra ordem, que não é conceitual. Procedimentos que veiculam um saber que depende, inevitavelmente, da relação criada no toque, no contato com o outro para a sensibilização da pele e para a mobilização dos afetos: o compartilhamento das sensações que produzem a sensação de ser coisa no mundo.” (p. 20);

“Por outro lado, independentemente da postura da escola, no momento em que o toque é elemento da aula de dança e nem todos os alunos querem tocar ou permitem serem tocados, coloca-se ali uma questão ética. Assim, a prática do toque revela que o modo de a dança lidar com as regras é diferente do modo dominante na escola. Esse modo da dança converge com a conduta ética descrita por Foucault (1998).” (p. 21);

“As formas de subjetivação, ou formas da subjetivação moral, são modos de o indivíduo se relacionar com as regras, processos de tornar seu próprio comportamento conforme a regra dada, e se constituir nessa relação, como sujeito moral.” (p. 21);

“Quando o processo é *orientado para a ética* as possibilidades de construção desse processo são múltiplas: os modos de o indivíduo tornar seu próprio comportamento conforme as regras são múltiplos.” (p. 22);

“Na conduta orientada pela ética a ênfase não está no código moral, mas na relação do indivíduo com o conjunto de regras na constituição de si como sujeito moral.” (p. 22);

“Posso pensar, por conseguinte, o toque como uma técnica de si, da ordem daquilo que Foucault (1990), a partir de seu estudo sobre a Antiguidade, chamou de tecnologias do eu, ou tecnologias de si: práticas ativas que produzem uma relação do sujeito consigo mesmo, como sujeito ético. O toque como um trabalho sobre si, na relação como outro, de produção de si mesmo.” (p. 23);

“A reflexão emerge justamente quando as regras são mais rudimentares. Se não é proibido tocar, então é necessário *saber como*, se perguntar *de que forma*. A realização do toque provoca a praticar *de que forma* a relação pode se estabelecer. Implica um trabalho sobre si, sobre o próprio corpo, de mobilização do corpo na ação de tocar. Posso pensar, por conseguinte, o toque como uma técnica de si, da ordem daquilo que Foucault (1990), a partir de seu estudo sobre a Antiguidade, chamou de tecnologias do eu, ou tecnologias de si: práticas ativas que produzem uma relação do sujeito consigo mesmo, como sujeito ético. O toque como um trabalho sobre si, na relação como outro, de produção de si mesmo.” (p. 23);

“Ademais, essas práticas de si possibilitam a constituição de modos de existência que resistem aos modos e à codificação dos modos de existência hegemônicos.” (p. 23);

“O que os dados desta pesquisa ressaltam é que o trabalho das professoras de dança na escola é parte de um contexto, de condições de possibilidade que, hoje, buscam contrapor as práticas da dança à sujeição ao discurso dominante. A lida diária das professoras coloca a dança no jogo das relações de saber/poder, de modo que possam emergir suas verdades-outras.” (p. 25);



“Entendo que é desde o lugar de artista que as professoras não se omitem em fazer escolhas na construção do currículo: mesmo quando há produção de tensão com as tecnologias escolares, elas apostam na potência e na importância do toque na aula de dança”. (p. 26);

“A pesquisa colocou em evidência a conduta ética das professoras. Conduta aqui também compreendida, por meio da perspectiva dos estudos foucaultianos, como modo de convocar a um dado saber. Conduta que conduz, por via de proposições de práticas de dança com o toque, a um tipo de saber (de si e do outro) que pode produzir transformações de si e do grupo. Um tipo de saber do corpo-sujeito que se constrói em espaços constituídos de condutas orientadas para a ética.” (p. 25).

### **Comentários**

A obra trata de um cenário complexo e instigante relacionado ao ensino da Dança na educação básica pública. Falkenbanh explana sobre a dificuldade de trabalhar em um sistema no qual o vigiar e punir, embasado nos estudos do filósofo Michael Foucault, persiste no ambiente escolar. Semear o cuidado de si, de maneira a reverberar no cuidado com a outra pessoa, é uma maneira emancipatória que gera possibilidades de contrapor às práticas de Danças que oprimem.

A visão da autora emerge sobre o cuidado de si e tensões com as tecnologias de produção de estudantes, buscando caminhos para práticas e presença do toque de forma ética, em instituições que dissociam e/ou criminalizam o afeto. Nessa perspectiva, Foucault (2004) questiona se um trabalho de si sobre si mesma(o) pode ser compreendido como um processo de liberação.

Compreendo que o trabalho das professoras nas escolas foi dotado de estratégias para emancipação das pessoas envolvidas. Então, é necessário disseminar essa vigilância de corpos que são incitados a seguir normas hegemônicas que os restringem a uma história única. Nesse contexto, é inevitável não entrever que a cultura machista é detentora de ações e reações das pessoas, que o dispositivo de poder que extingue o toque é o mesmo que criminaliza as ações dançantes na escola, pois, se as proposições são desvinculadas da norma hegemônica constituída, tensões são estabelecidas.

Ademais, compreender que o ambiente escolar é o espaço que mais nos proporciona o fortalecimento das relações interpessoais é se aprofundar na experiência afetiva de aprendizagens e estabelecer relações políticas, acolhendo estudantes e proporcionando mudanças da constante narrativa de jogos de afeto e relação de poder.



## **Esquema**

Palavras-chave: Dança. Escola. Toque.

A Dança na escola é repleta de artefatos que inviabilizam muitas vezes o seu fazer. Acredito que esse artigo explana, bem imbricados em sua estrutura conceitual, os efeitos das ações da Dança pelo toque. Observo o cuidado da autora no discorrer do texto, diante da perspectiva teórica de Foucault sobre o cuidado de si. Dessa forma, os modos de agir/tocar do docente reverbera em modos de reflexão crítica do discente que são afetados pelo contexto social.

Percebo essa relação estrutural relacionando-se com o toque nas ações de danças na escola. A autora argumenta sobre as relações afetivas no contexto escolar, sendo o toque essencialmente proibido em uma delas. Apresenta a Dança como força motriz para transgredir esses poderes esdrúxulos, já que estas aulas também se utilizam do pertencimento para busca da consciência corporal. O toque justificado neste artigo também se mostra propulsor de indagações para liberar tensões para o afetivo e efetivo ensino da Dança no ambiente escolar público.

A temática sobre afeto na escola perpassa por toda a obra de maneira tensa. É interessante refletir a respeito de que toque é proibido no sistema prisional e a estrutura escolar, com o sistema de vigiar e punir, segue esse equivalente dispositivo. Compreendo, então, que, durante toda a trajetória da pesquisadora, nas escolas observadas, é explanada a inserção das pessoas em seu pertencimento, fortalecendo a consciência sociopolítica e afetiva pela Dança na escola pública.

## **Observações sobre a relação entre o texto e o objeto de interesse**

Atento que a autora relacionou seus estudos com o toque eticamente utilizado nas aulas de Dança. Ela traz a “arqueologia do saber” de Foucault, atrelada aos ditos e escritos da ética do cuidado de si, confrontando com as redes que estabelecem os locais de poder. Unido a esse processo, existe o conflito e as divergências de condutas nas instituições que torna nítida a falta de cuidado com a outra pessoa, quando, por exemplo, proíbe-se o abraço no ambiente escolar.

Os dispositivos de poder agem de forma semelhante em diversas instituições educacionais do país. A educação pela Dança é capaz de problematizar e transgredir as regras hegemônicas estabelecidas. Confrontar diariamente esses espaços é contribuir politicamente



para o crescimento das pessoas envolvidas no contexto escolar. Como explana hooks (2008), a prática de amar começa com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar. Nesse contexto, como criar estratégias para que o cuidado de si seja o caminho para um processo emancipatório?

A sala de aula é um ambiente que fomenta troca de experiências e exercita a autonomia. Segundo Ribeiro (2015), para pertencer, é necessário interagir de modo participativo por meio da escuta atenta e interessada na outra pessoa, no mundo. Nesse cenário, a compreensão de quem você é, o que te afeta, perpassa pelo cuidado de si, toque e diálogos inerentes a uma práxis de Dança.

Assim, meu objeto de pesquisa se relaciona com esta obra, pois intento trabalhar o afeto como base pedagógica nas aulas de Dança. Para tal, a questão da autoimagem, consciência e quanto são dominadas por dispositivos de afecção nas relações interpessoais no ambiente escolar se aproxima das questões abordadas pela autora na perspectiva Foucaultiana.

Da mesma forma, observo um contexto quase padronizado que rodeia as aulas de Dança, relacionado ao ambiente escolar como um todo. Nas aulas o toque é usado para trazer atenção a estudantes para determinada parte do corpo, buscando a consciência de si e efetivando a plenitude da atividade proposta. Porém, de modo geral, no ambiente escolar, este é utilizado para coagir, afastar e estereotipar ações cotidianas das pessoas envolvidas na comunidade escolar.



**2.2.1.3 Prodan 000000020 - Projetos Compartilhados (3 créditos /51h)**  
**2021.1**

**Ementa:** Articulação com a qualificação profissional em dança a partir de um exercício de encontros regulares para discussão coletiva dos projetos individuais da prática profissional, resultando na escrita do projeto de pesquisa.

**Prof. Dr. Fernando Ferraz e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Ferreira Aquino**

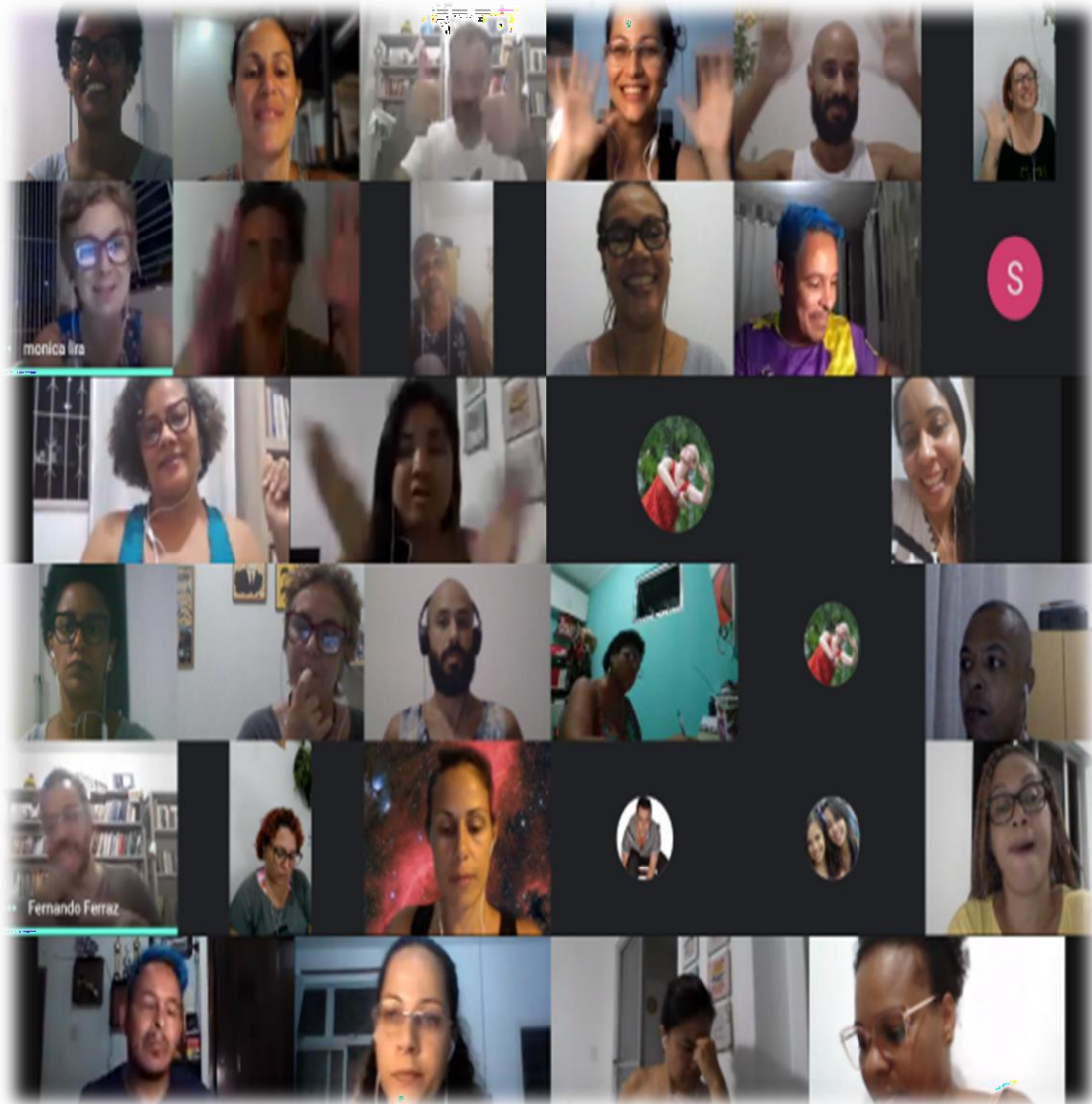
**Nota: 10 (dez)**

**Relevância:** O componente curricular Projetos compartilhados foi fundamental para investigar o tema da pesquisa, as pessoas envolvidas e seus contextos. A partir de um quadro síntese, investiguei meu tema, tipo de pesquisa e sua relevância social. Como problema de pesquisa, surgiu a pergunta: Os afetos políticos podem interferir nas relações interpessoais nas aulas de Dança na escola com estudantes dos anos finais do ensino fundamental da Escola Municipal Teodoro Sampaio? O compartilhamento de ideais e os matérias indicados pela professora Rita Aquino e pelo professor Fernando Ferraz fomentaram minha pesquisa e contribuíram para compreensão do que realmente eu queria pesquisar. Permitiu-me alcançar novos rumos e caminhar na busca de novos referenciais. Acredito que o processo pandêmico atual atrapalhou um pouco o compartilhamento entre estudantes, muitos estavam bem abaladas(os) com a situação e não conseguiram compartilhar com a turma suas pesquisas. Talvez, se a partilha entre todas(os) fosse mais ativa, poderíamos ter nos presenteado com momentos ainda mais especiais.





**Figura 5** – Encontros do componente curricular Projetos compartilhados – semestre 2020.1



Fonte: Arquivo pessoal.

## AÇÕES PROVENIENTES DO COMPONENTE

### 1- Carta à colega explicando sobre a pesquisa

Salvador, 03 de março de 2021.

Querida Luciene, como está? Almejo que você e todas(os) em sua família estejam bem. Iniciamos a aula do curso de mestrado em 2020, mas não tivemos muito contato, já que, logo após a primeira semana, fomos arrebatadas com essa pandemia. Desde então, nossas





conversas se tornaram virtuais. Ano passado conversamos um pouco, trocamos ideia e agora lhe escrevo para contar sobre como caminha o meu projeto.

Ao longo da minha prática artísticopedagógica, tenho me dedicado ao ensino da Dança na educação básica para crianças e adolescentes. Atualmente, sou professora na Rede Municipal de Ensino de Salvador, leciono em duas escolas e escolhi a Municipal Teodoro Sampaio, na qual trabalho com os anos finais do ensino fundamental, para legitimar minha pesquisa.

Essa escola é localizada em um bairro aqui na Cidade de Salvador, que é visto pela sociedade como marginalizado e tem uma quantidade significativa de estudantes em situação social vulnerável. Essa conjuntura precisa de um olhar mais atento das(os) profissionais que adentram aquele espaço. A arte tem uma abordagem de forma acolhedora para essas(es) jovens. Pressuponho que elas(es) precisem de um apoio afetivo para solucionar conflitos internos que as(os) atrapalham no processo de desenvolvimento cognitivo.

Durante esses doze anos em que tenho lecionado na Escola Municipal Teodoro Sampaio, percebi que os processos conflituosos nas aulas de Dança não findavam. Busco observar uma relação de causa e efeito no ensinoaprendizagem da Dança, que privilegiem o afeto como base pedagógica e o desenvolvimento pessoal de estudantes, com o intuito de promover dissolução de conflitos e ações emancipatórias.

Partindo do pressuposto de que a ação pedagógica é construída ente sujeitos e contexto e que sua história cultural se adapta ao meio, sigo investigando estratégias afetivas de ensinoaprendizagem. Para ampliar o índice de produção de conhecimento em Dança e fortalecer as relações inter e multidisciplinares no ambiente escolar, trago autoimagem e afeto como atratores da minha pesquisa, para reconhecer a história pessoal e coletiva de estudantes em seus contextos.

Por causa da pandemia, infelizmente, não tive contato com estudantes no ano de 2020. A vulnerabilidade social as(os) afastam da escola e esse abismo educacional existente só aumentou nesse período. Iniciamos 2021 com melhores expectativas, estou ministrando aulas on-line. Visto que o contexto social é muito complexo, a maioria das(os) estudantes não consegue participar. Sigamos...

Em breve mandarei mais notícias.

Se cuide!

Renilza Ramos



**2 - Resumo expandido construído no componente e submetido ao comitê do VI Congresso Virtual da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, para comunicação oral**

**Dança e autoimagem: reflexões afetivas e implicações políticas na escola pública**

Renilza Machado Ramos (UFBA)

Dança em Múltiplos Contextos Educacionais: práticas sensíveis do movimento

A dança é uma forma de conhecimento. Na escola, ela é capaz de contribuir para o desenvolvimento dos processos cognitivos, ampliando o pensamento crítico e as formas de ver o mundo. A sala de aula pode ser um ambiente para troca de experiências e fortalecimento das relações. Refletir sobre a interação das pessoas com o ambiente onde vivem de maneira política, emancipatória e afetiva é essencial para a construção do sujeito capaz de se reconhecer como parte da sociedade.

No ambiente escolar, o desafio para explicitar qual o papel da dança, como uma disciplina que traz contribuições para o desenvolvimento das pessoas dentro de perspectivas heterogêneas, amplia habilidades motoras e expressa os sentimentos inerentes ao ser humano, constitui/faz parte de uma rotina diária de professores(as).

O fazer-sentir dança enquanto arte nos permite um tipo diferenciado de percepção, discriminação e crítica da dança, de suas relações conosco mesmos e com o mundo. Ao contrário do que pensa o senso comum, a dança não é um amontoado de emoções que permite que nos autoexpressemos desanuviemos as tensões, sintamos o íntimo da alma. (MARQUES, 2012, p. 27)

A necessidade de fortalecer o diálogo saudável e de compreender determinados comportamentos na prática do ensino da dança na escola perpassa por caminhos metodológicos para a compreensão do(a) estudante em relação ao ambiente em que ele(a) vive. A partir da estratégia de (re)conhecimento, pretendo desenvolver uma abordagem qualitativa aplicada, propondo métodos de aprendizagens colaborativas por processos de criação coletiva como ponto de partida. Com aulas teórico-práticas, investigarei, por meio de pesquisa experimental, as insurgências que ocorrem nas aulas de dança, visando sistematizar a práxis pedagógica. Segundo Holliday (2006, p. 21), “[...] quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas.”.



Sendo a autoimagem o que nós somos ou pensamos ser, conjecturo a necessidade de fortalecer a identidade dos(as) estudantes para a amplitude de suas ações e reconhecimento de suas possibilidades, ignoradas em outrora. “A idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno” (HALL, 2006 p. 24). Portanto, as imagens compreendem corpo e mente como um processo não dualista, atentando para compreensão de que teoria e prática são indissociáveis, conforme explana Rengel (2009, p. 3): “[...] a teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo.”.

Na escola, observo que a autoimagem negativa é propulsora de conflitos diários. “[...] ao utilizarmos imagens evocadas, podemos recuperar um determinado tipo de imagem do passado, a qual foi formada quando planejamos qualquer coisa que ainda não aconteceu, mas que esperamos que venha acontecer [...]” (DAMÁSIO, 2012, p. 102). Seguindo esse pensamento, acredito que determinados padrões estéticos convencionados como únicos se perpetuam nessas imagens evocadas, como barreiras imaginárias dos(as) estudantes sobre o que eles(as) acreditam ser.

Segundo Safatle (2015), é fundamental refletir sobre os afetos, no sentido de uma consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política os produzem e mobilizam. Para hooks (2008), a prática de amar começa com a capacidade de nos conhecermos e nos afirmarmos. Assim sendo, proponho dialogar sobre a não individualização do afeto, no que tange à indissociabilidade das interferências internas e externas.

A busca para interação deste eixo – afeto, autoimagem e educação – no ensino da dança, na pesquisa aplicada, é constante. Experiências sensíveis com e para as pessoas envolvidas no processo educacional reverberam em autoconhecimento e autoconfiança. Todavia, na contramão dessas experiências, temos as divisões estruturais da sociedade e a precariedade do comprometimento do ensino por parte dos governantes, as quais dificultam o exercício da autonomia.

É imprescindível que exista uma política governamental que tencione uma educação pública de qualidade, sendo gerada com e para o público-alvo. “Talvez não estejamos falando do fim da escola, mas do fim desta escola que por tantos séculos negligenciou o corpo [...]” (MARQUES, 2012, p. 19). Disseminar inquietações com relação ao destino que a educação básica pública vem delineando, é importante para provocar o pensamento crítico da sociedade. Perceber o que afeta os envolvidos no processo educacional e criar dispositivos de



mudanças precisa ser um compromisso coletivo. Quando conseguirmos aniquilar esses padrões hegemônicos e atentarmos com olhar sensível para as pessoas em seus ambientes, talvez, o modelo de ensino público estruturado para a falência seja modificado.

**Palavras chave:** DANÇA. ESCOLA. AUTOIMAGEM. AFETO.

**Referências:**

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências.** São Paulo: MMA, 2006.

hooks, bell. **Vivendo de amor.** Tradução de Maísa Mendonça. Ponta Grossa-PR: Monstro dos Mares, 2008.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos:** corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



## PROJETO CONSTRUÍDO NO COMPONENTE CURRICULAR



*"Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo."  
Michael Foucault*



## RESUMO

**Dança e modos de implicações de afetos: por processos emancipatórios na escola pública** é uma pesquisa de Mestrado em Dança em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN-UFBA), elaborada no componente curricular Projetos Compartilhados, vinculada à linha de pesquisa Processos Pedagógicos, Mediações e Gestão Educacional em Dança, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Propõe desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem que contribuam para a ampliação de processos cognitivos, fomente o pensamento crítico e formas de ver o mundo por meio da dança. Ao compreender o processo cognitivo corporeamente como não dualista, busca investigar estratégias de aceitação de si e do outro, atentando para o contexto social dos(as) estudantes e o processo de falência da educação básica pública. Este trabalho intenta desenvolver e sistematizar metodologias de aprendizagens, com e para estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que reverberem em processos emancipatórios e na ruptura de conceitos autoritários e hegemônicos estabelecidos. Tem como principais referenciais: Safatle (2015), para compreender como as experiências de vida produzem os afetos; Damásio (2012), com a perspectiva de como as imagens se constroem; para tratar do conceito de corporeidade trago Rengel (2009); e hooks (2008), com a ética do amor, para afirmar a necessidade de nos amarmos. O educador Paulo Freire é referência para tratar de saberes e práticas da autonomia educativa e Marques (2012) contribui para compreensão de dança como área de conhecimento.

**Palavras-chave:** Dança. Educação. Afetos. Processos emancipatórios.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2- OBJETIVOS.....</b>	<b>8</b>
2.1 GERAL	
2.2 ESPECÍFICOS	
<b>3- JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>9</b>
<b>4- PERSPECTIVAS PARA O MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>5- METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>6- CRONOGRAMA.....</b>	<b>14</b>
<b>7- REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este é um projeto de pesquisa de Mestrado em Dança, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ao longo da minha prática artísticopedagógica, tenho me dedicado ao ensino da dança na educação básica para crianças e adolescentes.

Estou professora na Rede Municipal de Ensino de Salvador há 12 anos. Este espaço escolar me mobiliza para o envolvimento em ações que fortaleçam as relações e o respeito à igualdade de direitos das(os) estudantes. Nesse percurso, percebi que alguns atravessamentos fazem das aulas de Dança espaços de insurgências que sempre modificam os planos de aula, seja afetando de forma conflituosa o ambiente escolar ou evoluindo politicamente para processo de construção de conhecimento. Na tentativa de impulsionar os processos emancipatórios na escola, identificar como e quais os afetos políticos interferem nas relações interpessoais durante as aulas de Dança é o que objetiva este projeto de pesquisa.

Afetos são modos de implicações das pessoas; a política, como tomada de posição, é ação que pode mudar o mundo. A sociedade é um circuito de afetos, constitui reconhecimentos de identidades e pertencimento a um determinado local. Compreender afetos políticos como maneira determinante de formas de vida e comportamentos sociais que interferem diretamente no que somos é essencial para a vida em sociedade. Assim, investigo uma rede de afetos e elenco alguns atratores como: autoimagem, respeito mútuo e medo, para reconhecer a história pessoal e coletiva dos(as) estudantes.

De acordo com Damásio (2012), as imagens perceptivas e evocadas a partir do passado real e a partir dos planos para o futuro são construções que fazemos, tanto a partir de nossas próprias histórias familiares, fraternas, como elas podem ser “feitas”, impactadas em nós por outrem. Então, faz-se necessário refletir sobre como as imagens construídas podem contribuir para a tomada de decisões e problematizar e até romper com modelos ditatoriais estabelecidos, questionando a falência do ensino básico público.

Este estudo está sendo feito (ainda que não completamente no momento, mas já há dados acerca do ambiente remoto) na Escola Municipal Teodoro Sampaio, localizada no bairro de Santa Cruz, Salvador, Bahia, com estudantes dos anos finais do ensino fundamental. São, em sua grande maioria, estudantes que vivem em um contexto social vulnerável e têm um campo criativo e cultural pouco explorado. Apresenta-se, ainda, esta pesquisa profissional como possibilidade de contribuir para a sistematização de procedimentos metodológicos das aulas de dança na escola. Segundo Holliday (2006, p. 21), “[...] quando falamos de



sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas.”.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Intento compreender como os afetos políticos interferem nas relações interpessoais nas aulas, com estudantes dos anos finais do ensino fundamental da Escola Municipal Teodoro Sampaio. Para isso, proponho uma sistematização das aulas de dança, que busque privilegiar o reconhecimento dos afetos e resulte em processos emancipatórios dos(as) estudantes.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar quais os afetos que bloqueiam e quais impulsionam as relações interpessoais na escola;
- Fortalecer a autoimagem positiva dos(as) estudantes;
- Reafirmar o papel da Dança como área de conhecimento;
- Reconstruir o processo da práxis pedagógica por meio de uma sistematização;
- Confeccionar material pedagógico em conjunto com o corpo discente.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A educação na escola pública tem manifestado um estado de crise recorrente em diversos aspectos. O ensino-aprendizagem da dança na escola é permeado por desafios. A falta de espaço físico adequado e materiais que possam auxiliar para um melhor desenvolvimento das aulas de dança sempre dificultaram as ações propostas. As situações de conflito existentes durante aulas se unem a uma falta de política governamental em âmbitos municipal, estadual, federal que reflete na própria gestão e no funcionamento escolar, que tencione ações emancipatórias. É necessário provocar o reconhecimento dos afetos para uma educação pública de qualidade que seja feita com e para as pessoas envolvidas.

Aprofundar a atenção a este contexto educacional é importante para compreender o que acontece durante as aulas de dança na escola, o que afeta os(as) estudantes e por que as aulas que poderiam proporcionar troca de saberes, alacridade e uma melhor compreensão de





mundo são espaços de conflitos. Foucault (2004) explana sobre a hermenêutica do sujeito, com o conceito do cuidado de si como ato político importante para prática da liberdade. Propõe a capacidade de se conduzir adequadamente para e com os outros, apartando-se dos mecanismos de repressão e se conciliando eticamente consigo mesma(o), compreendendo que cuidar de si é cuidar da outra pessoa. Nesse contexto, entrever quais os afetos que contribuem para o desenvolvimento das aulas de dança na escola foi o que impulsionou esta pesquisa.

Entender as condições de emergências dos sujeitos políticos é intervir para que os modos de reconhecimentos de si sejam percebidos como vitais para convivência em sociedade. “Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo o sujeito que ela mesma criou para produzir sentimentos e sofrimentos.” (SAFATLE 2019, p. 16).

Os afetos políticos podem bloquear ou impulsionar expectativas emancipatórias. Durante as aulas de dança, entender quais são esses afetos pode ser o caminho para reconhecer e conceber transformações. A maneira como somos afetados reverbera socialmente em construção de identidades, “[...] a idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno.” (HALL, 2006 p. 24). Assim sendo, se trabalharmos para o reconhecimento e a compreensão dos afetos, as aulas de dança na escola poderão fluir de forma mais eficaz e autônoma.

A Escola Municipal Teodoro Sampaio está situada em um bairro periférico da cidade de Salvador que carrega um estigma de violência muito forte. Os algoritmos na internet – conjunto de instruções que coletam dados e disparam informações que buscamos sobre algo ou alguém – revelam de forma instituída que aquele é um ambiente complexo de negatividade. Nesse contexto, questiono: Como estudantes podem se reconhecer de forma política positivamente, como pessoas que se implicam e são implicadas no fazer coletivo, se as notícias que circulam acerca do ambiente em que eles(as) vivem são demasiadamente depreciativas?

A autoimagem é o que nós somos ou pensamos ser, podendo ela ser negativa ou positiva. Importante frisar que a autoimagem e muitos outros aspectos que nos constituem é colocada de tal modo polarizada que fica impossível considerar que há dias em que a própria autoimagem pode estar um pouco ruim, negativa. Porém, com uma reflexão crítica do que está ocorrendo, é possível abordar a questão. De todo modo, intento contribuir para fortalecer a autoimagem positiva dos estudantes e confrontar com culturas coloniais estabelecidas socialmente. De acordo com Damásio (2012) as imagens são construções do cérebro. Então,



faz-se necessário refletir sobre como as imagens construídas podem contribuir para tomada de decisões e organização social. Dessa maneira, entender o que afeta as relações na escola perpassa por investigações sobre implicações nos processos pessoais e sociais.

Compreender cognição como processo formatado pelo inconsciente, que se constitui por meio da ação, fortalece esta pesquisa, agregando diálogos multidisciplinares. Quando falo em diálogos, me refiro exatamente ao conjunto do que somos. Excluir o dualismo corpomente e evitar outras dicotomias, conclui que dança se realiza de diversas formas:

Ensinar à criança que agora é hora da dancinha ou da aulinha de arte para ela relaxar, suar, “praticar a criatividade” é justamente assassinar a sua criatividade, tirar dela a capacidade de saber apreciar esteticamente uma obra e de fazer relações com contextos históricos, sociais, políticos, ambientais. (RENGEL, 2009, p. 3)

Os afetos ressoam na construção de sensibilidade e visão a certa forma de vida e história de experiência. As sociedades são circuitos de afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vidas em detrimento de outras. Muitas vezes nos esquecemos de nos cuidar e automaticamente as relações interpessoais são afetadas. Nesse sentido, reconstruir o processo da prática da dança na escola, de maneira colaborativa, com base na pedagogia da autonomia de Freire (2020), que nos fala: “[...] ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção [...]”, transmutar experiências em objeto de estudos, apresentará impactos sociais e culturais na educação básica pública. Assim, visio sistematizar experiências. Abarco Holliday nesta pesquisa que explana:

[...] a sistematização permite incentivar um *diálogo* entre saberes: uma articulação criadora entre o saber cotidiano e os conhecimentos teóricos, que se alimentam mutuamente. Esta é talvez uma das tarefas privilegiadas da educação popular, o que reafirma a importância fundamental de sistematizar nossas experiências, não só pelas possibilidades que têm, mas pela responsabilidade que implica para nós, educadores e educadoras populares. (HOLLYDAY, 2006, p. 37; grifo do autor)

Esta pesquisa faz-se necessária para transformar, por meio do ensino-aprendizagem da dança, insurgências em processos emancipatórios, perceber o que afeta os envolvidos no processo educacional e criar ações transformadoras de mudanças. Nutrir as redes de afeto contribuirá para um ambiente escolar democrático, com pessoas capazes de agir criticamente por uma educação pública que respeite a igualdade de direitos para todas(os).



#### 4 PERSPECTIVAS PARA O MARCO TEÓRICO

bell hooks (2008) é referência com a ética do amor, reconhecendo pontos cegos como caminhos para expandirmos nossa preocupação com a política de dominação que exclui a população negra. Na escola pública, estudantes negras(os) são maioria e amor é vital para quem teve, e ainda tem, historicamente o ato de ser amado negado por um pensamento branco interiorizado.

Safatle (2019) traz contribuições para refletir sobre como os afetos políticos são produzidos, como eles nos bloqueiam e/ou nos impulsionam. “[...] fundamental é uma reflexão sobre os afetos, no sentido de uma consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que funcionarão como base de sustentação geral para adesão social.” (SAFATLE, 2019, p. 37). Em um panorama que se dilata com a pesquisa, no que concerne ao reconhecimento de si para emancipação política das pessoas, proponho dialogar sobre a não individualização dos afetos, no que tange à indissociabilidade das interferências internas e externas.

Ao compreender cognição como processo formatado pelo inconsciente, Rengel colabora com o conceito de corponectividade, entendendo corpomente como um processo não dualista. Importante, assim também, atentar para compreensão de que teoria e prática são indissociáveis: “[...] a teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo.” (RENGEL, 2009, p. 3). Marques é referência para pensar a respeito de como as reflexões contribuem para que a dança na escola seja compreendida como área de conhecimento e, neste sentido, o seu fruir seja efetivo para o corpo discente, “[...] pois nossos alunos não aprendem apenas por meio de palavras, mas principalmente das imagens e dos movimentos.” (MARQUES, 2012, p. 28).

Damásio (2012) fomenta esta pesquisa acerca da compreensão do comportamento humano, como as imagens perceptivas e evocadas se constroem e, em alguns momentos, são reguladas pelo que está ao nosso redor. As movimentações dos(as) estudantes nas aulas de dança podem representar suas histórias de vida. É comum durante as aulas percebermos situações que remetem a imagens passadas e/ou cotidianas sendo reproduzidas, como, por exemplo, quando estudantes se negam a participar da aula por medo de olhares de repulso, antes já percebido. Assim, tratarei imagens conectadas com o ambiente e ações substanciais de momentos que experienciamos, agora e no passado, como propulsoras para compreender movimentos de danças no ambiente escolar.



Criar possibilidades de construção de conhecimento em coletividade pode fortalecer as relações interpessoais no ambiente escolar. Para pensar uma educação crítica, com partilha de saberes e que reverbere na autonomia do ensino-aprendizagem, coaduno com as reflexões de Freire sobre as práticas progressistas “[...] Quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 2020, p. 25).

## 5 METODOLOGIA

A metodologia é o caminho que percorremos para chegar ao objetivo proposto. Nesse sentido, utilizando o conceito de Vianna (2018), provindo da ideia de que cada corpo é um e sua história se associa ao meio, planejo desenvolver uma abordagem qualitativa aplicada e propor métodos de aprendizagens colaborativas, por processos de criação coletiva com escritas de si como ponto de partida.

Investigarei, por meio de pesquisa experimental, as insurgências que ocorrem nas aulas de dança. Proponho a criação de um diário de escritas de si para o reconhecimento de afetos que interferem no ensinoaprendizagem da dança e, à vista disto, fortalecer a autoimagem positiva. Compreender a lógica das relações nos permite pensar no que fazemos, como e para quem. No fluxo diário educacional, é necessário registrar as práticas para extrair ensinamentos da própria experiência e compartilhá-los.

Dessa forma, projeto sistematizar as aulas de dança, a partir de Holliday que explana a sistematização como diálogos entre os saberes cotidianos e os conhecimentos teóricos que privilegiam nossa formação e pode gerar novos conhecimentos: “[...] quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas.” (HOLLIDAY, 2006, p. 21).



## 6 CRONOGRAMA

Período	2020/2021											
	Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Etapas da pesquisa e desenvolvimento do produto												
Participação no Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Encontros com a orientadora	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Relatório de escritas Corponectivos em Danças						X						
Cursar das disciplinas								X	X	X	X	
Apresentação do Congresso virtual UFBA						X						
Apresentação no VI congresso Virtual Científico Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA)							X					
Pesquisar autores para referencial teórico						X	X	X	X	X	X	X
Participação na produção no V Seminário Corponectivos em Danças-Mergulhos e Travessias						X						

Continuação...



Período	2020/2021											
	Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Etapas da pesquisa e desenvolvimento do produto												
Participação no V Seminário Corponectivos em Danças-Mergulhos e Travessias							X					
Organizar Memorial							X	X	X	X	X	X
I Seminário Prodan - Pesquisas implicadas: autoavaliação e perspectivas											X	
Seminário PPGDança: 15anos - Dança atratores de pesquisa											X	
Etapa exploratória: aula para estudantes do 6ºano												X
Participação em <i>lives</i>						X		X	X		X	
Participação no Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X



Continuação...

Período	2020/2021											
	Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Etapas da pesquisa e desenvolvimento do produto												
Encontros com a orientadora	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cursar das disciplinas	X	X	X	X	X	X						
Construção do projeto	X	X	X	X	X	X						
Organização do TCC	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Etapa exploratória: aula para estudantes do 6º ano	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Apresentação de processo								X				
Apresentação no Congresso Virtual ANDA - 2ª edição virtual						X						
Participação na rede colaborativa de pesquisa: Combinamos de Escrever - UNEB	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Preceptora no Programa Residência Pedagógica - Prograd - UFBA				X	X	X	X	X	X	X		
Apresentar trabalho de conclusão de curso												X



## 7 REFERÊNCIAS

- DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 65. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V** - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.
- hooks, bell. **Vivendo de amor**. Tradução de Maísa Mendonça. Ponta Grossa-PR: Monstro dos Mares, 2008.
- MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- VIANNA, Klauss. **A Dança**. 7. ed. São Paulo: Summus, 2018.





**2.2.1.4 Prodan 00000023- Prática profissional orientada I, II e III. (total de 9 créditos/306h). 2020.2, 2021.1 e 2021.2**

**Ementa:** Desenvolvimento de práticas profissionais avançadas e transformadoras no campo da Dança. Estas atividades práticas podem estar inseridas em qualquer um dos elos da cadeia produtiva da cultura: formação, criação, produção, difusão e memória. Deste modo, abrangem atuações artísticas, de caráter artísticopedagógico, gerenciais administrativas, de desenvolvimento de projetos profissionais no campo da Dança (artísticos, educacionais e sociais), de desenvolvimento tecnológico-científico e de pesquisa aplicada à prática profissional específica. A supervisão de cada Prática é realizada através de encontros presenciais entre mestrando e orientador, encontros estes que devem compreender ao menos 10% do total de cada Prática. Estes encontros presenciais podem se dar através de horários individuais ou específicos para orientação, supervisão presencial de atividades (ensaios, aulas, reuniões, etc.), ou de outros formatos que garantam o acompanhamento presencial no âmbito de cada Prática específica. A definição das Práticas Profissionais Orientadas que compõe este componente, e a definição de sua carga horária de atividades e de supervisão presencial, condições específicas, instituições e locais para a sua realização é individualizada para cada aluno, e resulta tanto das oportunidades disponíveis ao aluno para exercício da prática profissional, como das recomendações da Orientação nos planos de atividades de cada aluno.

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel**

**Nota: Aprovada (AP)**

**Relevância:** A Prática Profissional Orientada foi de extrema importância para o desenvolvimento de todas as atividades propostas nos componentes curriculares. Os encontros com a orientadora Lenira Peral Rengel foram permeados de saberesfazeres, indicações de leituras e muito afeto. A construção do projeto de pesquisa bem como todas as atividades provindas do curso foram acompanhadas e discutidas com a orientadora, que sempre esteve disponível e sensível para juntas encontrarmos soluções e alavancarmos a pesquisa.



### **2.2.1.5 Prodan 00000021 - Trabalho de conclusão de curso I. 2020.2**

**Ementa:** Constitui-se de um memorial que sintetize as experiências advindas do curso, e de como estas colaboram na consolidação do perfil profissional alcançado. Completam este memorial os produtos gerados em cada um dos módulos do curso, a exemplo dos trabalhos escritos resultantes das disciplinas cursadas; os relatórios de todas as práticas supervisionadas cumpridas; eventuais produtos resultantes das práticas; comprovação (registro fotográfico, audiovisual e material de divulgação) das apresentações públicas realizadas. O trabalho de conclusão final será defendido publicamente frente a uma comissão julgadora constituída pelo docente orientador do mestrado, um docente do PRODAN, e um membro não pertencente ao corpo docente do curso.

#### **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel**

**Relevância:** Estruturar as experiências constituídas durante a construção do Trabalho de Conclusão de Curso perpassou por momentos de recordações passadas e conflitos. A parceria com a orientadora Lenira Peral Rengel foi fundamental para que todo percurso fosse executado de maneira ativa e afetuosa. A organização do trabalho me trouxe lembranças de tudo que eu já fiz ao longo da minha trajetória artísticopedagógica. Em alguns momentos, a nostalgia tomou conta de mim; em outros, a satisfação, por ter feito um caminho de determinação com atravessamentos que só me fortaleceram. A partilha, os diálogos, os momentos de tensão foram aprendizados diários. Assim, reverbero afetos acerca da construção deste trabalho que foi recheado de flores e regado com muita água, energia e arco-íris.



## 2.2.2 ATO I CENA II - Componentes curriculares optativos

### 2.2.2.1 Prodan 00000026 - Tópicos Especiais: Criação Audiovisual na Interação com a Dança (51h) Semestre suplementar 2020.2

**Ementa:** Estudo: O olhar: O que vemos e o que nos olha? Estudo de composição. Estudo do espaço e do tempo cinematográfico. Estudo do movimento do corpo. Estudo de câmera: enquadramentos, ângulos e movimentos. Estudo da luz, cor, desenho do(no) espaço. Estudo dos movimentos de câmera. Estudo do espaço, corpo e movimento de câmera. Estudo de edição.

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Guimarães**

**Nota: 9,5**

**Relevância:** O componente curricular Tópicos Especiais: Criação Audiovisual na Interação com a Dança me proporcionou entendimentos sobre configurações de vídeos de Dança, estudo dos movimentos da câmera, edição, enquadramentos, ângulos, entre outros. A compreensão acerca do funcionamento de vários recursos de câmera foi estimulante, principalmente para o período em que cursei o componente, no qual a pandemia do coronavírus nos acometeu a permanecer em casa, no isolamento social. Com o advento da COVID-19, a necessidade de atividades on-line aumentou demasiadamente e os estudos sobre câmeras contribuíram para a melhoria das minhas ações artísticopedagógicas. Agregar construções ao trabalho final do curso, bem como às aulas de Dança na escola, seja ela presencial ou remota, também foi um aprendizado que teceu um circuito de afetos (SAFATLE, 2019).

## RELATÓRIO FINAL DO COMPONENTE CURRICULAR

### RELATO X DESCOBERTA

“Vamos ter semestre suplementar”. Quem bom!

Iniciei o semestre com uma grande expectativa. Quando vi uma disciplina com o nome Criação Fílmica na Interação Dança e Audiovisual, pensei que seria uma oportunidade de compreender um pouco sobre esse mundo interativo que desconheço. Iniciamos com uma



tarefa que parece simples: Vamos sonhar? Foi proposto a nós que registrássemos os sonhos para utilizá-los no trabalho final.

Esse semestre suplementar foi muito importante para nos reconectarmos e sonharmos, mas... e o sonho? Ahh... o sonho. Durante essa pandemia, observei que lembrar dos sonhos ficou cada dia mais difícil. Ao acordar, tenho uma sensação de que sonhei, mas como foi o sonho? Quem estava nele? O que aconteceu? Durante uma semana, sempre ao dormir, fiz como sugere Sidarta Ribeiro em o “Oráculo da Noite: A História e a Ciência do Sonho”: Vou sonhar, lembrar e relatar. Então... sonhei, lembrei quase nada e anotei bem pouco. Nessa rotina, eis que um dia sonhei, lembrei um pouco mais e anotei.

Nas aulas a interação fílmica era constante. Os trabalhos audiovisuais nos incitavam a conhecer e praticar semanalmente. Percebi uma grande evolução durante os meus ensaios fílmicos, pois desconhecia diversos recursos e hoje posso utilizá-los para registros de aulas e agregar material à minha pesquisa.

Seguindo o roteiro das aulas, um conteúdo foi o de compreender a importância de uma filmagem apurada para o entendimento da obra. Foi possível, por meio da avaliação do trabalho “Sobre Nós” apresentado na abertura da mostra ANDA virtual 2020, compreender um filme de Dança, com uma amplitude conectada, visto por um ângulo que aguçou a minha imaginação.

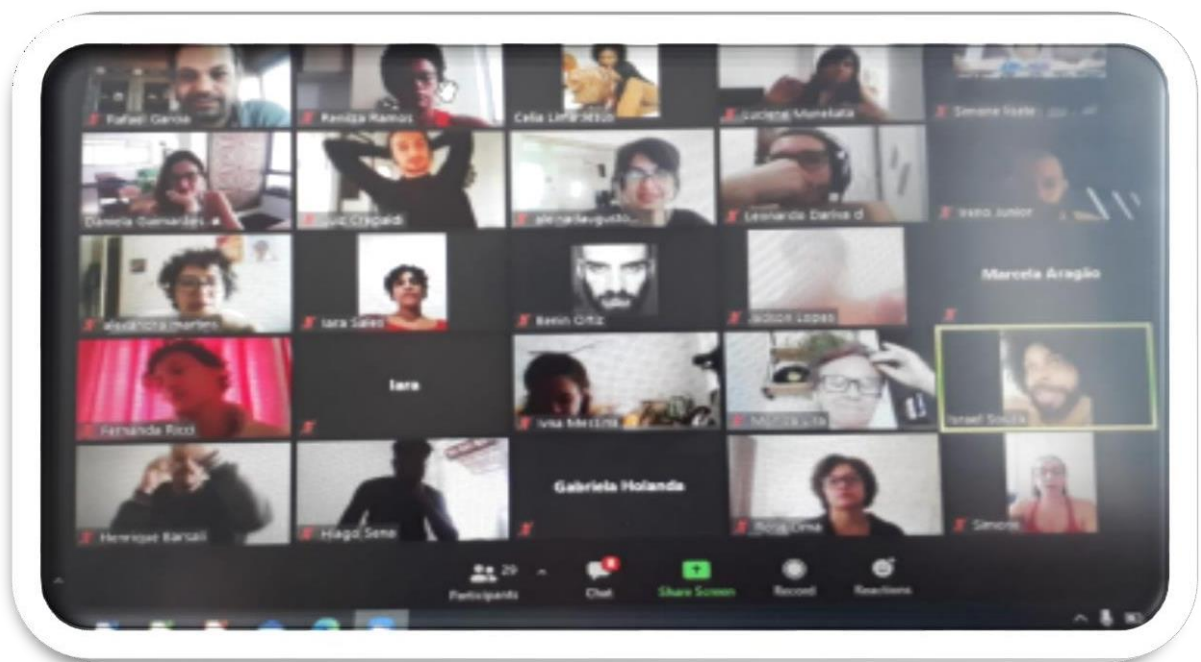
Nos exercícios propostos, conhecemos jogos do Corpólumem – projeto de pesquisa da professora Daniela Guimarães – movimentos de câmera e aula de edição. Sobre edição, senti um pouco de dificuldade, mas penso em aprofundar esses conhecimentos futuramente. Nesse contexto de filmagens, edições, plongé, zenital, emergimos nas nomenclaturas, criamos, recriamos roteiros e voltamos ao sonho. Chegamos ao momento de não sermos a pessoa a ser filmada e sim a câmera. Buscar estratégias de execução dos trabalhos fílmicos em casa, já que esse processo pandêmico mundial nos exige novas formas de existir/sentir/fazer, foi mais um desafio. Nesse estágio, iniciamos um experimento para o trabalho final, com o plano sequência. Perceber no sonho uma ignição para criar o filme era a proposta.

Sobre o sonho: como estávamos sós, eu e meu filho, solicitei ajuda dele para ser intérprete-criador. O experimento foi bem interessante e cansativo, pois filmá-lo 3 (três) minutos sem pausa foi um processo desafiador, mas gratificante. Para o trabalho final, continuei com o experimento agregando outras possibilidades, como por exemplo, pausas nas edições.



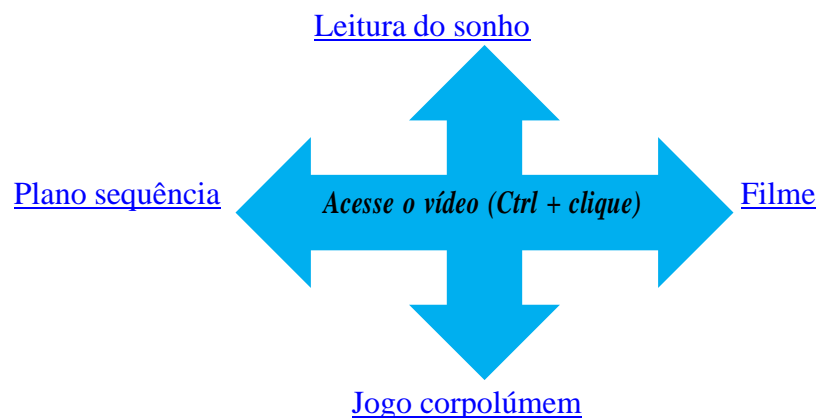
Ademais, as aulas do componente Criação Fílmica Interação com Dança e Audiovisual me proporcionaram algumas experiências divertidas e outras inquietantes. Entendo o quanto nós artistas da Dança não temos intimidade com processos audiovisuais. Não acredito que seja imprescindível ter, mas, compreender sobre essas vertentes da Dança, nos ajuda a compilar informações para trilhar novos caminhos e agregar conteúdo e estratégias nas nossas ações artísticopedagógicas.

**Figura 6** – Encontros do componente curricular Tópicos Especiais: Criação Audiovisual na Interação com a Dança - semestre suplementar 2020.2



Fonte: Arquivo pessoal.

### Links das ações fílmicas realizadas ao longo do semestre



**2.2.2.2 Dança 32/20151 - Dança e Cognição: As Técnicas Corporais 51h) 2019.1**

**Ementa:** Aborda a relação entre corpo e técnica apresentando recentes teorias das ciências cognitivas acerca do funcionamento do sistema sensório-motor. Discute estudos da neurobiologia sobre o funcionamento do cérebro, a propriocepção e a cinestesia (o sentido do movimento). Apresenta experiências recentes sobre novas abordagens de movimento e de técnica e discute essas experiências correlacionando com as teorias apresentadas. Evidencia o problema da técnica para dança na atualidade.

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel**

**Nota: 10 (dez)**

**Relevância:** O componente curricular Dança e Cognição: As técnicas corporais foi de suma importância para o meu retorno ao espaço acadêmico. Depois de aproximadamente treze anos afastada da universidade, aos poucos fui me familiarizando com novas formas de compreender a Dança. Foi gratificante incluir novos referenciais ao meu repertório, fortalecer a compreensão corpomente como indissociáveis, além de atentar para outros processos dicotômicos. Cursei esse componente como aluna especial e, a partir dele, encantada com a maneira pela qual a professora Lenira Peral Rengel conduzia as aulas, de maneira emancipatória, leve e artística, me interessei em fazer a seleção para ingressar na turma do mestrado do ano de 2020.

**AÇÃO FINAL DO COMPONENTE CURRICULAR**

**1 - Reflexões sobre o texto “Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis”**

A cognição é construída através do corpomente e ambiente, tendo como norte a afetividade na organização do movimento corporal. Segundo Damásio (2012), a cognição na construção do movimento, depende de vários sistemas localizados em diversas regiões do cérebro (re)afirmando a indissociabilidade entre corpo e mente. Contudo, no componente curricular, antes de tratar da cognição corporificada, foram abordadas teorias sobre cognição. Inicialmente surgiram a psicologia cognitiva, a inteligência artificial e as ciências cognitivas, como processo de investigação interna.



A compreensão da cognição corporificada abrange o corpomente como personagem principal, associado ao ambiente e ao contexto, percebendo como o movimento afeta as sensações percebidas. Na construção do seminário, foi constante a imersão do corpo no ambiente, o que cada uma foi capaz de transformar e ser transformada de acordo como meio. A cognição corporificada associada à afetividade pode representar uma referência ativa da inteligência no nível deliberativo, ou seja, *sinto logo represento*.

[...] a escolha do modelo de cognição corporificada e da proposição sobre afetos a partir da teoria de Damásio torna-se pertinente para se pensar a respeito da construção de conhecimento durante o movimento do corpo na dança. (RIBEIRO, 2015, p. 24)

Partindo da compreensão de cognição como ação corporificada que se constrói a partir da percepção/ação que perpassa pela experiência do sujeito no mundo, que não é um espelhamento representativo pré-determinado, mas sim mediado na relação entre o sensório-motor. Poder refletir a dança como um modo de construção de conhecimento corporificado que não perpassa pela dicotomia entre corpo e mente, mas se constrói na interação entre sujeito/mundo. Perceber é um modo de agir, é algo que se faz resultante das conexões sensório-motoras entre os sistemas complexos do corpo. A cognição é construída na relação das experiências do sujeito-percebedor, ambiente-contexto, não é algo adquirido. Esta noção de cognição corporificada aponta possíveis caminhos nos processos de ensinoaprendizagem no conhecimento construído por meio do movimento e que as emoções e os sentimentos são estados corporais e que não estão apartados. Refletir a importância das experiências em dança a partir dos afetos, ter a percepção de que, a partir dos estados corporais, da relação entre corpo-ambiente, se construirá a potência cognitiva metafórica do sujeito.

## **Corpo-Relato**

### **Rede de Afetos**

A feitura deste texto coletivo relacionado ao artigo “Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis” (RIBEIRO, 2015), começou exatamente numa roda de conversas, de conhecimentos possíveis entre todas nós. Começamos a dialogar sobre a delicadeza do toque, das memórias, nossas experiências, sensações, vislumbrando ali, naquele instante dilatado, aquela roda de conversas e escutas percebemos



que quando tocamos o outro tocamos a nós mesmas. Começamos a construir um tecido de afetos, metáforas corporificadas num fluxo inestancável cognitivo.

## O Sensível

O processo foi acontecendo com muita fluidez, os pensamentos expostos foram se conectando um ao outro harmonicamente, e acredito que isso aconteceu justamente por todas estarem inteiradas do texto. Pensamentos de outros autores, objetos, poemas, vídeos, músicas, imagens, cheiros, cores, sabores, sorrisos, dúvidas, informações e confirmações, entre tantas outras coisas foram surgindo ao longo do processo, tanto em nosso momento reunidas em corpomente como em nossos momentos via rede social.

A partir do surgimento de tantas coisas que pensamos como ferramentas que afetariam ao grupo que assistiria o seminário, percebi que já estávamos sendo afetadas; nossos corpos reagiram e não se contiveram em ficar parados, sentados organizando o que iria acontecer na apresentação (parte falada). Com isto, surgiu a ideia de irmos em busca de um local onde tivesse e se adequasse a tudo que já tínhamos imaginado, chegamos, então, à “caixa d’água” e, durante o caminho, percebemos o quanto de informações teriam naquele local, informações que, sem dúvida, acrescentariam e forneceria outras sensações ao contexto já previamente idealizado.

Na “caixa d’água”, outras ideias foram surgindo, como, por exemplo, o piquenique, além de decidirmos que ali mesmo aconteceria a coreografia, para que não se perdesse tempo e uma coisa estivesse ligada a outra, pois tudo acontece sem “dicotomia”. Inicialmente pensamos em usar a caixa d’água como palco, porém existia a possibilidade de chover e, com isto, o fato de que, ao estar molhada, não favorecesse a apresentação, mas acabamos deixando que o dia nos dissesse como iríamos arrumar o cenário.

Não houve chuva, porém, coincidentemente, no dia da apresentação havia homens trabalhando no local e a “caixa d’água” estava interditada, ao trabalho desses homens chamamos de “construção”, que entrou como uma das nossas palavras chaves, mesmo que, a princípio, tenhamos escolhido, COGNIÇÃO CORPORIFICADA, AFETIVIDADE E PERCEPÇÃO. Outras palavras surgiram ao longo do caminho, o que particularmente acredito ter sido enriquecedor na realização do processo. Não usamos exatamente a caixa d’água, porém o contexto não foi atrapalhado, ao contrário, ficou ainda mais enriquecedor.

Um caminho foi escolhido e preparado com palavras e gestos para que todos chegassem ao destino programado pelo grupo, mas como fazer todos saírem da sala de aula





sem uma chamada convencional? Foi com essa interrogativa que surgiu a ideia de fazer um convite que teria por título “Piquenique na caixa d’água”, para que, através do sensório-motor, todos fossem levados até a caixa d’água. Em mais uma coincidência, outros objetos foram levados, por iniciativa individual, a fim de enriquecer, proporcionar e provocar outras sensações e emoções durante a apresentação.

A coreografia veio de uma forma muito simples, nasceu pelas próprias sensações que já estávamos percebendo durante a organização em sala de aula, durante o percurso feito para chegar à caixa d’água, o “estar” no local da apresentação, que é um local bastante influenciador, em ouvir a outra falando, tantas coisas que nos motivaram e acionaram tantos sentidos que era impossível não entender que a composição da coreografia já estava ali. Foi possível perceber, em todo esse processo de construção, o quanto todas nós fomos afetadas por todas as propostas expostas. Cada uma, em sua particularidade, acrescentou ao grupo informações que motivaram e traziam outras ideias. Quase tudo proposto acabou sendo acrescentado em nosso trabalho, pouca coisa descartamos e até os imprevistos foram acolhidos a nosso favor.

O texto estudado diz: “O conhecimento se dá na experiência do corpo do sujeito no mundo. É um conhecimento construído pelo sujeito no fazer.”. Conhecimento que se constrói fazendo. (RIBEIRO, 2015, p. 49). Foi o que buscamos perceber e apresentar de uma forma compartilhada, as experiências e os conhecimentos de todos compartilhados naquele momento, ampliando o nosso conhecimento.

## **A Criação**

O processo criativo do grupo conseguiu fluir desde o início: tivemos várias ideias ao longo da discussão do texto. O que a afetividade nos remetia, e como ela influencia nosso corpo e nosso corpo a influenciava. Como nos afetamos diante de objetos, sensações, pessoas. E assim, nessa discussão, nasceu a ideia de trazer a partilha da comida como parte da nossa apresentação, já que o ato de comer por si só é coletivo, revolucionário e cheio de afeto.

O momento da caminhada até o local escolhido, no caso, a caixa d’água’, também se deu de forma deliberada. Na caminhada podemos sentir, perceber o ambiente e como fomos afetadas. E tudo isso é pelo corpo cognitivo. Lançando palavras no caminho para levar nosso corpomente até essa percepção.



## **Descobertas**

Partindo dessa construção do movimento do corpo na dança, de acordo com o ambiente e os afetos, percebi os processos sensoriais como uma base sólida para construção e criação do movimento, compreendo também intrínseca toda essa corporificação cognitiva, corpo-mente-ambiente como suscetível a estímulos diversos que o sintonizam com a nossa história corporal.

Ademais, as percepções afetadas durante toda a construção e apresentação do seminário estão me movendo para uma ação artísticopedagógica de descobertas e compreensão de conceitos no que diz respeito à cognição e à afetividade no movimento em dança, tornando as oportunidades de ensinoaprendizagem, repletas por estudos afetivos, correlacionando o corpo com história e cultura da sociedade.

## **Considerações Finais - o que vem depois?**

Sensações invadem! O suor escorre na pele queimada. Pensando em pele, qual minha cor? - Muitas energias transcendem a passada. Tem lanche a um real, tem bala a um real, tem suco a um real. E tem transporte a quatro reais, ou quatro e vinte. Tem saudade das árvores do interior e da temperatura amena. Toda água nunca é suficiente.

Na rotina, os destinos de todos os dias: informações-flechas. Questionamentos sobre quais perspectivas de vida caem na ruptura, ficam por lá e depois tentam encontrar maneiras suficientes fortes para se restabelecerem. Às vezes acontece, às vezes não. E são nesses meios que talvez eu compreenda onde estão as fissuras. Os jeitos. A ginga. Compreender tem sido constante.

Existe um querer-fuga nessas passadas de movimento. Andar pela outra rua. Observar outras pessoas. Ouvir outras vozes. A brisa é diferente. O céu muda de cor. O chão é mais perigoso. Eu gostava muito de ficar em meu quarto, mas perceber o mundo se tornou importante nessa busca por, além de. Além dos sonhos que me elevam, para então, em confronto, me colocarem no chão, que engole, pega o sonho, envolve, recria, refaz. Provoca inquietações em um quadrado disciplinador – a sala. Questiono-me, sem expandir: qual o valor de uma pesquisa que não consiga ter um plano de trabalho que vá para além de? Eu gosto de julgar. Eu critico as falas que envolvem uma tarde quente, porque se tudo está tão escancarado nesse mundo, qual a dificuldade em perceber?



E dessa maneira me debruço numa janela, meio fim de tarde, para então me perceber. Qual o lugar das ideias – junto com o lugar de fala – que cabe ser expostas em escritas tão esperadas? E qual a energia a ser investida em ações de dança que cumpram um papel de informação e transformação? É o interesse pelo outro-mundo, fluido. Como deixar fluir?

Produção coletiva: Luciane Pugliese, Maria Fernanda Teles, Marília Daniel, Renilza Ramos e Rose Lima.

**Referência Bibliográfica:**

RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. *In*: GREINER, Christine; KATZ, Helena (Orgs.). **Arte e Cognição**. Corpomídia, comunicação e política. São Paulo: Annablume, 2015. p. 23-75.



## 2.2.3 ATO I CENA III – Entrelaços

Figura 7 – V Seminário do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças - 2020



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 8 – Encontros mensais - Rede Colaborativa de Pesquisa Combinamos de Escrever - 2021



Fonte: Arquivo pessoal.



### 2.2.3.1 Grupo de Pesquisa - Corponectivos em Danças

**Descrição:** O Corponectivos em Danças se organiza na pluralidade de conexões que cumprem caráter irreduzível entre uma e outra, todavia vinculadas a uma compreensão comum não dualista do corpo (corponectivo) e não dicotômica nas suas ações. As naturezas temáticas, conceituais e metodológicas das atuações do Corponectivos convergem no sentido de estar para (o sinal /), pois a singularidade somente tem ação efetiva quando não isolada. Os trabalhos do Grupo propõem a conexão dos sistemas Universidade/Sociedade como (com)vivência, e em (co)imbricamento de pesquisa/ensino/extensão. As linhas de pesquisas do CORPONECTIVOS têm vocabulários que posicionam corpos em concretudes, de ação de teoria e de ação de prática, com a dança, nas cenas artísticas e educacionais, presenciais e virtuais, nucleada com as ciências cognitivas, a cognição situada e epistemologias de culturas não hegemônicas. Este núcleo flui em interesses-eixo como artes, corpos/contextos, dispositivos eletrônicos, enação, ensino/aprendizagem.

**Líder: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lenira Peral Rengel**

**Relevância:** A minha expectativa para o início das aulas na turma do ano de 2020 do Mestrado Profissional em Dança era muito grande. Iniciamos as aulas em março e infelizmente só tivemos dois dias de aulas presenciais. Eis que a COVID-19 fez com que tudo parasse ao meu redor, porém o Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças seguiu com os encontros semanais. A professora Lenira Rengel, sempre atenta, iniciou as ações do grupo no ambiente virtual ainda no primeiro semestre, em abril do ano de 2020. Participar das reuniões do Grupo de Pesquisa, antes de iniciar o semestre suplementar, foi essencial para a minha adaptação à academia, depois de muito tempo afastada. Iniciar as discussões com o grupo antes mesmo das ações do semestre suplementar foi importante para criar vínculos e permanecer focada nos estudos, já que as insurgências que a pandemia causou, em muitos momentos, me deixavam devastada. Os encontros com o grupo semanalmente, as partilhas, escutas era o que me deixava ativa e esperançosa.

O Grupo de Pesquisas Corponectivos em Danças em conjunto com a professora Lenira foi essencial para a minha caminhada no Mestrado. A imersão nas reuniões do Grupo contribui para ampliar minha perspectiva teórica, alavancar minha pesquisa, junto a conhecer e dialogar com pessoas de diversos lugares do país e suas corponectivas pesquisas. Trocas, afetos, conhecimentos, saberes-fazer, sorrisos. O acolhimento que a professora Lenira e o Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças me proporcionaram, nesse momento pandêmico, mantiveram-me erguida e disposta a continuar. Asmann (2007 p. 29) afirma que “[...]”





aprender é um processo criativo que se auto-organiza”, assim, com o Corponectivos, meu processo de auto-organização segue com prazer fomentador de conhecimentos.

**Figura 9** – Encontros do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças 2020/2021



Fonte: Arquivo pessoal.

### ***2.2.3.2 Rede Colaborativa de Pesquisa Combinamos de Escrever: práticas de leituras e produção de narrativas negras – Universidade Estadual da Bahia/UNEB***

**Descrição:** Tem por propósito, a partir de mediação tecnológica, a construção de uma rede de profissionais da educação de diferentes cidades do país, que vivenciam o genocídio da juventude negra e os seus impactos no ambiente escolar. A pesquisa pretende problematizar o impacto do racismo estrutural na escola, atentando para distintas expressões de exclusão racial que reverberam em situações de evasão, distorção idade-série, reduzidos índices de inserção no ensino superior.

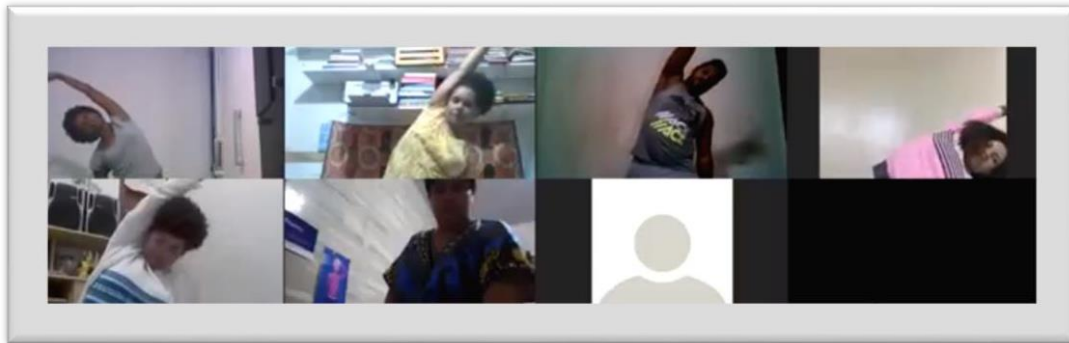
**Líder:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iris Verena Oliveira

**Relevância:** O ingresso nessa rede de pesquisa surgiu após a participação no seminário sobre a “escrevivência” de Conceição Evaristo. Fui convidada para participar desse processo colaborativo com o objetivo de juntas e juntos criarmos estratégias para combater o genocídio da juventude negra, a partir de proposições para trabalhar nas escolas públicas. Argumento



que este grupo está contribuindo efetivamente na minha caminhada no mestrado. A partir de leituras, discussões, explanação de docentes do grupo e convidadas(os), estamos formando uma rede que nos auxilia a efetivar um movimento antirracista em toda comunidade escolar. Como resultado final dos encontros do grupo, será produzido um e-book com nossas escrevivências acerca do que nos afeta e também ao ambiente escolar em que lecionamos, além de um podcast com diálogos multirreferenciados. O intuito é alertar que a luta antirracista deve ser de todas as pessoas e auxiliar professoras(es) da educação básica pública a combater toda e qualquer forma de exclusão da juventude negra no ambiente escolar, contribuindo, assim, com o combate ao genocídio destas pessoas.

**Figura 10** – Aula colaborativa - Rede Colaborativa de Pesquisa - agosto de 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

### ***2.2.3.3 - Programa Residência Pedagógica - PROGRAD-UFBA***

**Descrição:** “O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes compõem a Política Nacional, tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Informação disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 08 de out. 2021.



**Relevância:** O grupo de estudos realizado semanalmente com residentes, preceptoras e o coordenador do subprojeto Dança, Prof. Dr. Thiago Assis, discutiu os entraves da educação básica pública. Realizar estudos de textos e criar planos de curso foi o que pensamos inicialmente. Com a pandemia, exclui-se a possibilidade de acontecer a regência em sala de aula presencialmente. Eu, como preceptora, em parceria com as(os) residentes da Escola de Dança que eu acompanho, resolvemos experimentar a presença delas(es) nas aulas on-line e assim seguimos pelo período do programa. Estar em contato com futuras(os) professoras(es) e compartilhar experiências é revigorante, além de preparar esses profissionais para que adentrem ao espaço escolar, já compreendendo as barreiras que se colocam à frente do sucesso educacional. Como resultados, tivemos planos de aulas construídos e discutidos em conjunto com as(os) estudantes, privilegiando os modos de afetos na escola, tendo como base a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Referenciais Curriculares de Arte para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Salvador.

#### ***2.2.3.4 - Coletivo Dança, Escola, Professoras, artistas, master/Cdepam***

**Descrição:** O CDepam - Coletivo Dança, Escola, Professoras, Artistas, Master. É um coletivo de cinco professoras da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Dançamos memórias do presente cotidiano dentro das escolas, equívocos e aberrações proferidas em relação à educação pública no Brasil. De forma leve, assertiva e bem-humorada, movemos questões que possibilitam chamar a atenção da sociedade em geral. Reviramos possibilidades de uma educação com a Dança que seja equidade, liberdade, empatia, afeto, respeito às diferenças, direito à vida e à dignidade. Este é um coletivo de mulheres que vivem o chão da Escola em cosmo sentidos; propondo alternativas outras, por meio das frestas de um sistema educacional que ainda insiste em funcionar sob a lógica da opressão, do descaso, da insensatez, do patriarcado, do colonialismo e da fábrica de corpos.

**Relevância:** O Cdepam foi pensando por mim e pela professora Juliana Castro como forma de dançarmos o cotidiano da escola pública. Em junho de 2021, colocamos em ação a ideia e convidamos mais três mulheres para fazer parte do coletivo. Todas elas são professoras da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Dançamos para chamar à atenção da sociedade sobre posicionamentos insensatos que acontecem com/na educação pública. O desmantelamento da educação básica, que é um dos aspectos que fomento na minha pesquisa, é um dos temas que reverberamos em nossos processos criativos.

O coletivo surge de forma crítica para instigar a sociedade a ser partícipe de uma educação pública emancipatória, educação em que eu acredito. Muitas vezes a sociedade é





alheia a interferir coletivamente, se exime da responsabilidade, que é de todas as pessoas, por não acreditar em resultados coerentes. Penso que alertar, divulgar e fomentar ações emancipatórias por meio da Dança na escola é uma forma de instigar a mobilização da comunidade escolar em prol do sucesso educacional.





ATO II

DIÁRIO DE AFETOS



RENILZA RAMOS



Querido diário, que bom dialogar contigo acerca de afetos que atravessam saberes-fazeres em relação a estudantes da Escola Municipal Teodoro Sampaio espaço no qual movimento escritas coletivas com/pela Dança. Enfatizo que escrita pode ser um desenho, uma Dança, uma poesia, “[...] pois nossos alunos não aprendem apenas por meio de palavras, mas principalmente das imagens e dos movimentos [...]” (MARQUES, 2012, p. 28). Cada participante desse processo escolheu a maneira que percebeu mais confortável para reverberar afetos acerca de si e do ambiente em que vive. Nessa movência de afetos, inspirada em Rengel (2007), trago a criação de neologismos que pretendem ressaltar e elaborar, por meio da junção de palavras, uma forma de pensamento pela imagem lida, evitando dicotomias.

Proponho danças que sensibilizem o ambiente escolar e contribuam de maneira política para um melhor entendimento e solução do que afeta as aulas no ensino básico público. Safatle (2019) diz que vivemos em um circuito de afetos, assim ele contribui com este diário a fim de entendermos afetos que permeiam as aulas de Dança na escola. “Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo o sujeito que ela mesma criou para produzir sentimentos e sofrimentos.” (SAFATLE, 2019, p. 16). Com o intuito de que estudantes não desabem com seus sofrimentos e sim entendam esses afetos, busco compreender como as experiências de vida os produzem, como os afetopolíticos podem nos bloquear ou nos impulsionar. A maneira como nos implicamos pode nos constituir como pessoas não pertencentes a determinado local e, conseqüentemente, não nos reconhecermos como seres partícipes da sociedade. Assim sendo, interpreto que:

Afetos são modos de implicações das pessoas. A política, como tomada de posição, é ação que pode mudar o mundo. A sociedade é um circuito de afetos (SAFATLE, 2019) que constitui reconhecimentos de identidades e pertencimento a um determinado local. Compreender afetopolíticos como maneira determinante de formas de vida e, comportamentos sociais que interferem no que somos é fundamental para a vida em sociedade. (RAMOS, 2021, p. 435)

Portanto, as movimentações de estudantes nas aulas podem representar suas histórias de vida. É comum durante as aulas percebermos a reprodução de situações que remetem a imagens cotidianas passadas. Por vezes estudantes se negam a participar da aula por medo de retomar momentos em que se sentiram excluídas(os), tanto no ambiente escolar quanto no seio familiar. Exemplo disso é quando nos envolvemos com músicas nas aulas e imagens evocadas fazem estudantes se isolarem, ao lembrarem-se de algum acontecimento que as(os) afetou. Damásio (2012) contribui com estas escritas, com a perspectiva de como as imagens



se constroem, acerca da compreensão do comportamento humano e em alguns momentos são reguladas pelo que está ao nosso redor.

Essas diversas imagens – perceptivas, evocadas a partir do passado real e evocadas a partir de planos para o futuro – são construções do cérebro. Tudo o que se pode saber ao certo é que são reais para nós próprios e que há outros seres que constroem imagens do mesmo tipo. (DAMÁSIO, 2012, p. 102)

Na educação básica pública, a maioria das pessoas estudantes são negras. Assim, hooks (2006) é referência com a “ética do amor” para reconhecer pontos cegos, como caminhos a fim de expandirmos nossa preocupação com a política de dominação que exclui a população afro-diaspórica. “Ao escolher amar começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover para a liberdade, a agir de maneiras que libertem a nós mesmas/os e a outrem.” (hooks, 2006, p. 10). Portanto, para o povo negro, reconhecer a autoimagem positiva é um ato revolucionário de amor próprio.

Tecer conexões entre o que nos afeta e o ambiente em que vivemos pode proporcionar a compreensão dos processos cognitivos não dicotômicos. Rengel (2009) traz o conceito de corponectividade que sinaliza que somos corpomente. Nesse sentido, compreender que não existe separação entre movimentos internos e externos é perceber que a história de cada pessoa também está corponectada com o ambiente em que habita. Rengel traz ainda a ideia de corponectar e, segundo a autora, o corpo é corponectivo ao se relacionar com o mundo – ideias, livros, danças, gritos –, a alegria os corponecta, ou seja, os torna corpo.

Para favorecer a construção deste diário, trago Evaristo (2020) com a “escrevivência” que encaminha escrever vivências como escrita de um corpo, de uma condição, como processo que não separa ação do pensamento. É necessário trazer vivências da história pessoal para o reconhecimento de afetos que interferem no ensinoaprendizagem da Dança, pois “[...] conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência [...]” (EVARISTO, 2020, p. 31). Perante o exposto, escrever sobre si pode fomentar respeito mútuo, cuidado de si e da(o) outra(o), pois, quando eu me reconheço, respeito meus limites e os das outras pessoas.

O cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si. (FOUCAULT, 2004, p. 5)



A arte pode trazer formas transformadoras de reconhecimento de si. A escrita por meio da Dança nos permite transpor o que nos afeta de diversas maneiras. Comunicamo-nos com ações corporais e, “[...] dependendo da relação que os pés normalmente estabelecem com o chão, podemos expressar dor, alegria ou até mesmo ausência [...]” (VIANNA, 2018, p. 119). Portanto, compreender a escrita como um processo não dicotômico, sendo ela “[...] composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos [...]” (EVARISTO, 2020, p. 49) perfaz que somos corpomente/corponectivos. O dualismo corpoXmente gera inúmeras dicotomias, como, por exemplo, na escola, o fato de a Dança ser percebida como “corpo” e outros componentes curriculares, tal como Língua portuguesa e Matemática, serem percebidos como “mente”.

Quebrando-se o tabu de que “conversar não é dançar”, poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças de que gostamos ou não e, assim, poderemos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade. (MARQUES, 2012, p. 31)

Desse modo, para favorecer a discussão no que concerne às relações interpessoais e à prática da liberdade, é importante atentar para o contexto social das(os) estudantes.

Outro aspecto de discussão e ação deste trabalho é o processo de falência da educação básica pública, que também afeta o desenvolvimento das aulas. As constantes situações de desrespeito por parte dos poderes públicos em relação ao ambiente escolar são diárias. Exemplo disso são as salas de aulas superlotadas, sem ventilação adequada, que atrapalham o pleno exercício da docência. Além disso, a educação bancária (FREIRE, 2020), que compreende estudantes como depositários e professoras(es) como depositantes, em nenhum momento pensa nas pessoas envolvidas na educação básica pública. O que se mostram como importantes são programas que contabilizam a quantidade de estudantes para registrar como dados de sucesso educacional.

Na concepção ‘bancária’ que estamos criticando, para qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 2020, p. 82)

Estou professora na educação básica pública desde 2008. Percebo o quanto o ambiente escolar é afetado por diversas ações conflituosas que modificam os planos de aula cotidianamente. Assim, elenquei alguns afetos que permeiam as aulas de Dança na escola,



como: autoimagem, respeito mútuo e medo. Ressalto que não é só nas aulas de Dança que ocorrem essas ações, pois estudantes reverberam suas angústias e alegrias em todo o ambiente escolar. Dessa forma, movo insurgências cotidianas como ação educativa para exercitar a autonomia e questionar sobre os saberes-fazeres hegemônicos que, muitas vezes, relacionam-se aos afetos que atravessam estudantes da Escola Municipal Teodoro Sampaio, bem como o desmantelamento da educação básica pública que também afeta o ensino-aprendizagem da Dança.

O medo, como afetopolítico, pode nos impulsionar ou nos paralisar. Safatle (2019, p. 17) dialoga que “[...] o medo como afeto político central é indissociável da compreensão do indivíduo, com seus sistemas de interesses e suas fronteiras a serem continuamente defendidas, como fundamento para os processos de reconhecimento”. Observo que o medo dos estudantes de se exporem, por não se entenderem como pessoas que engendram as ações educacionais, por vezes, no sentido de se fazer perceber, modifica o percurso das aulas. Por conseguinte, trazer formas de compreensão de quem somos e que a partir do medo podemos fomentar autoconhecimento e autonomia é um caminho que esta pesquisa percorre.

Proponho impulsionar ações no sentido insurgente, no que tange à mudança de direção; reconhecer, questionar e libertar pessoas, culminando na transgressão emancipatória. Quando falo em transgressão, refiro-me aos processos educativos que surgem das nossas experiências, a insurgência que suscita a investigação, não como um ato de rebelião efêmera, mas como um ato político permanente. Manifestar a insatisfação com relação à forma como o processo educacional público vem sendo constituído é rebelar-se politicamente contra um sistema que insiste em aniquilar e colocar à margem processos educativos que emancipam.

Um modo insurgente de educar, ou “o educativo de insurgência” de Streck e Moretti (2013), acontece quando os conflitos se explicitam de forma a gerar mudanças no conhecimento, nas ideias e no comportamento, transformando-os em instrumento de combate para amadurecimento de ações. Segundo Streck e Moretti, a experiência emerge dos confrontos, “Porém, para o ser social e histórico é a experiência transformada, na ação e na reflexão.” (STRECK; MORETTI, 2013, p. 40). Argumento então que as insurgências no ambiente escolar público tratam de reconhecer e problematizar as ações cotidianas de modo a construir conhecimentos a partir dela, pois, na escola, as danças surgem, também, das experiências insurgentes de resistir, de transformar, de mover-se criticamente de uma postura ingênua/emocional para uma postura crítico reflexiva, fazendo com que,



[...] um movimento de inovação seja uma possibilidade real no interior das práticas educativas. Trata-se da insurgência no sentido de recuperar ou criar a possibilidade de dizer a sua palavra, de fazer com que a revolta e a indignação contra as condições opressivas se transformem numa força potencializadora de mudanças. (STRECK, 2006, p. 108)

Por conseguinte, ações insurgentes no ambiente escolar se configuram como propostas que buscam intervenção no mundo, de modo a aniquilar padrões hegemônicos e a transpor para uma educação libertadora (FREIRE, 2020). Diante disso, promover a autonomia de estudantes da educação básica pública por meio da Dança e criar possibilidades de expressarem o que as(os) afeta pode proporcionar condutas cotidianas de autonomia, consciência crítica e capacidade de decisão. Compreender insurgência como processo político/pedagógico/organizativo (MORETTI, 2008) pode significar levantar-se a favor da promoção de pessoas críticas, engajadas no respeito mútuo e reconhecedoras da sua autoimagem positiva.

A autoimagem negativa também pode ser uma alavanca para ações que ocorrem na escola, como, por exemplo, uma pessoa estudante falar para outra que o cabelo dela é feio. Importante salientar que essas ações, na maior parte dos casos evocando imagens do passado, também podem fomentar uma discussão crítica. Assim, um enunciado de que o “cabelo é feio” pode recordar momentos parecidos com os que já aconteceram e ser motivo de introspecção e/ou não reconhecimento de si. Entretanto, também pode se encaminhar para um posicionamento crítico de descobertas que transformam processos encadeados com um marcador de tristeza, de segregação e de baixa autoestima em atos emancipatórios.

Damásio (2012, p. 102) explica que, “[...] ao utilizarmos imagens evocadas, podemos recuperar um determinado tipo de imagem do passado.”. Logo, é preciso fortalecer a autoimagem positiva de estudantes e confrontá-las com modelos de imagens coloniais, opressoras e classistas que estão estabelecidas. Dessa forma, as ações emancipatórias disseminadas no ambiente escolar são de extrema importância para a construção de pessoas capazes de interferir positivamente no ambiente em que vivem, fomentando a igualdade de direitos para todas as pessoas.

A educação é eixo estruturante de uma sociedade, que ao longo do tempo teve suas desigualdades neutralizadas. Assim, findar com estruturas opressivas classistas pode conceber níveis igualitários de desenvolvimento educacional para todas as pessoas. (RAMOS, 2021, p. 442)

A escola é um local disparador de afetos. Espaço no qual pessoas de diferentes contextos se encontram para partilhar histórias de vida. É um ambiente que possibilita





discussões, move angústias, incertezas e alegrias. Dançar esses afetos pode ser o caminho para estimular diálogos acerca do futuro da Dança no ensino fundamental e, obviamente, da própria educação básica pública. A Dança na escola pode ser propulsora de ações que desencadeiam senso crítico e pertencimento a aquele ambiente. Dessa maneira, quando nos movemos para compreender o que afeta estudantes no espaço escolar público, “[...] podemos destacar a emancipação como projeto educativo [...]” (MORETTI, 2008, p. 81) e desenvolver um ensino/aprendizagem que privilegie as pessoas que estão às margens ou excluídas de um contexto social que aniquila corpos que não seguem padrões socialmente estabelecidos.

Proponho, vinculada a uma pedagogia libertadora (FREIRE, 2020), que se abranja a educação como ato político, dialógico e transformador. É preciso compreender que todas as pessoas que fazem parte do ambiente escolar devem ser partícipes do processo emancipatório e, neste sentido, podem ampliar a leitura de si e do mundo. Entrelaçar danças, afetos, ações emancipatórias, insurgências e educação pública perfaz uma união de ações, que, juntas, se configuram em um princípio educativo que potencializa uma educação autônoma e política.

### **3.1 Dança - ensino remoto, híbrido ou presencial?**

No início do ano de 2020, o mundo parou com o advento da COVID-19. No Brasil, o isolamento social começou no mês de março e tivemos que nos adaptar rapidamente a um ensino remoto, mesmo sem nenhuma estrutura. As escolas foram fechadas e perdemos o contato com estudantes. Em Salvador, o poder público, no que concerne à educação básica, retardou muito a criação de estratégias para fomentar o ensino remoto. O tempo passava e a situação ficava mais tensa. Não demorou muito, as pessoas estudantes das escolas particulares iniciaram o ensino remoto, enquanto que as das escolas públicas continuavam sendo invisibilizadas. Foram momentos instigantes para pensarmos estratégias de como diminuir esse abismo em que a educação básica pública vem despencando.

Um mês após a incursão da pandemia do coronavírus, a escola – com o intuito de manter o contato com estudantes para que elas(es) não se desestimulassem com o estudo e ficassem evadindo, aumentando assim o abismo educacional – iniciou uma ação com envio de atividades impressas. Cada componente curricular produzia sua atividade, enviava para o e-mail da unidade escolar, estas eram impressas e as(os) estudantes dirigiam-se à escola para buscá-las. Compreendo que esta foi uma ação de respeito a estudantes, mas, no que diz respeito à Dança, como funcionou? Era extremamente angustiante enviar atividades impressas, sem poder perceber estudantes, sem conversar com elas(es). Eu não sabia se





tinham entendido a proposta enviada, se estavam fazendo as atividades. Enfim, era um processo de enviar atividades toda semana como algo mecânico e repetitivo.

No segundo semestre do ano de 2020, a prefeitura de Salvador iniciou um ensino remoto com aulas na TV aberta; e eram os profissionais da própria Rede Municipal de Ensino que gravavam essas aulas, semanalmente. Posteriormente, foi implantada uma plataforma de ensino on-line, contratada do estado de São Paulo. Essa plataforma quase não foi utilizada por estudantes, pois, além de uma grande maioria não ter acesso à internet, era uma plataforma que não representava a população baiana, por ter conteúdos voltados para a cidade em que ela foi criada. Assim sendo, enquanto o ensino remoto acontecia de maneira precária, a escola estudava estratégias para enfrentar e reduzir esse abismo educacional.

Desse modo, em setembro do ano de 2020, depois de aproximadamente cinco meses sem contato com estudantes, além das ações já mencionadas, a Escola Municipal Teodoro Sampaio iniciou um projeto de ciclo de *lives* em uma rede social. Eu fui a mediadora da primeira *live*, e nesta ocasião, dialoguei com a diretora da escola e a com a professora de Educação Física. Com o título “Matando saudades: estreitando laços afetivos” intentamos uma retomada de contatos com estudantes, já que, até então, não tínhamos realizado nenhuma ação mais efetiva que envolvesse esse retorno com aulas virtuais. Nessa *live*, conversamos sobre afetos, saudades, nós, escola. Dialogamos sobre a necessidade de estudantes participarem do ensino remoto, de manterem o vínculo, estreitar laços. Saber como as pessoas estudantes estavam, nesse momento de tanta angústia mundial, foi essencial para fomentar o circuito de afetos. Circuito necessário para a relação entre todas as pessoas e incentivar o envolvimento de estudantes nas ações propostas pela escola.



**Figura 11** – Cartaz de divulgação da primeira *live* da escola no contexto do ensino remoto - setembro de 2020



Fonte: Dados de pesquisa<sup>3</sup>.

Mesmo após os esforços empreendidos na primeira *live*, a tentativa de estreitar laços entre todas as pessoas do ambiente escolar foi um pouco frustrante, visto que as(os) estudantes continuavam sem acessar a plataforma digital e poucas(os) seguiam retirando as atividades impressas na unidade escolar. Vale ressaltar que estas atividades foram fomentadas por nós, gestão e professoras(es), como complemento para aperfeiçoar o ensino remoto.

Assim, depois de quase um ano sem comunicação com estudantes, eu, insatisfeita com esse fortalecimento da falência da educação básica pública, entrei em contato com a gestão escolar e informei que gostaria de experimentar a aula on-line via plataforma digital. Dialogamos acerca das possibilidades e foi divulgado o início das aulas de Dança no modelo virtual. Eu fui uma das primeiras professoras da unidade escolar a fomentar esse processo; mesmo tensa por não saber como iria desenvolver o trabalho virtual da Dança, me desafiei.

<sup>3</sup> A gravação da *live* encontra-se disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CEm0TyHn7Nn/>.



**Figura 12** – Cartaz de divulgação das aulas de Dança on-line - janeiro de 2021

## *Início de uma jornada de esperança*



Fonte: Dados de pesquisa.

Em janeiro do ano de 2021, iniciamos na Escola Municipal Teodoro Sampaio as aulas de Dança on-line. No primeiro dia de aula, contamos com a presença de apenas duas estudantes, ainda assim, a alegria de todas nós foi imensa. Foi essa uma oportunidade de diálogos afetivos e de lembranças dos momentos presenciais. Desse dia em diante, as aulas começaram a acontecer com um maior número de estudantes, chegamos a alcançar o quantitativo de dezoito pessoas em um único horário. Ter essa quantidade de estudantes em aula on-line não era comum, pois poucas(os) tinham acesso à internet e/ou não se interessavam por esse formato. Sem dúvidas, foi gratificante ver a sala virtual cheia nas aulas de Dança.

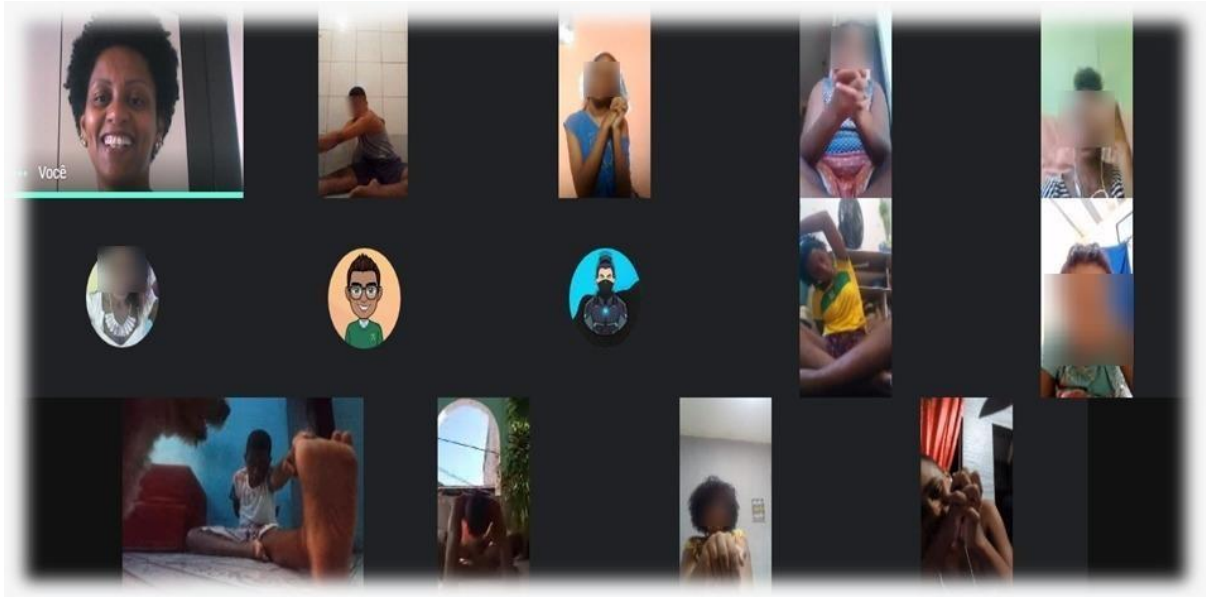
Nesse respeito, destaco que o apoio da equipe gestora foi essencial, pois, junto com o corpo docente da escola Teodoro Sampaio, não mediu esforços para fazer com que esse ensino virtual funcionasse efetivamente.

Continuamos, então, com as aulas on-line uma vez por semana. O momento era somente de propostas pela/com a tela e aproveitávamos as aulas para dialogar sobre possibilidades dessa dança virtual. Além disso, fizemos alguns vídeos e postamos nas redes



sociais da escola, como resultado, essa iniciativa trouxe mais estudantes para as aulas virtuais, deixando-me esperançosa.

**Figura 13** – Imagens da participação de estudantes na aula de Dança on-line - fevereiro de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

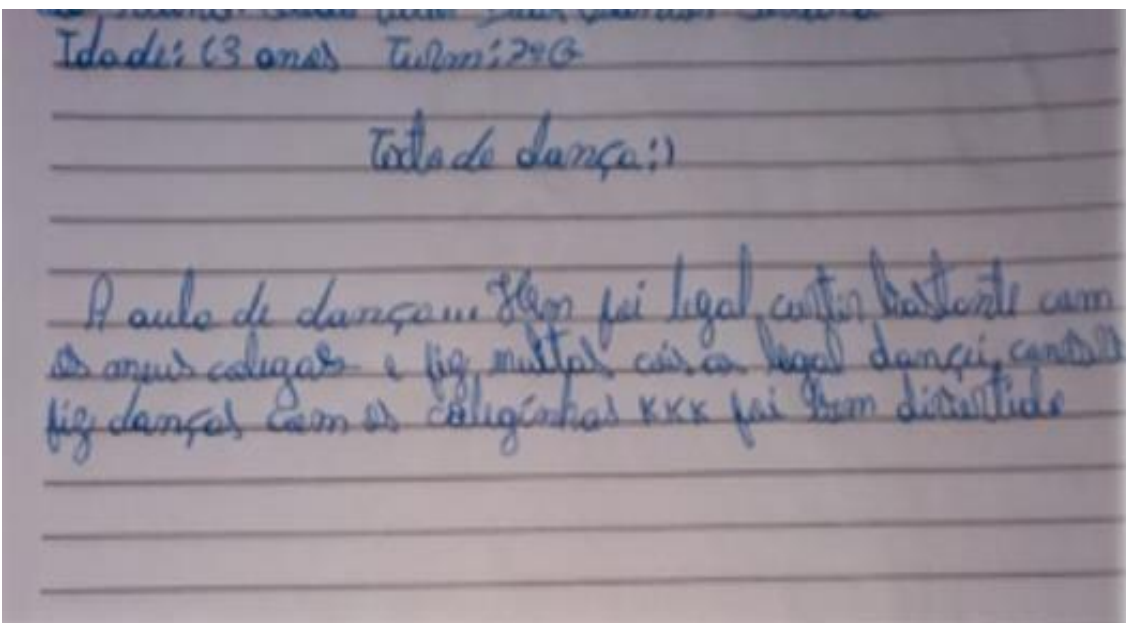
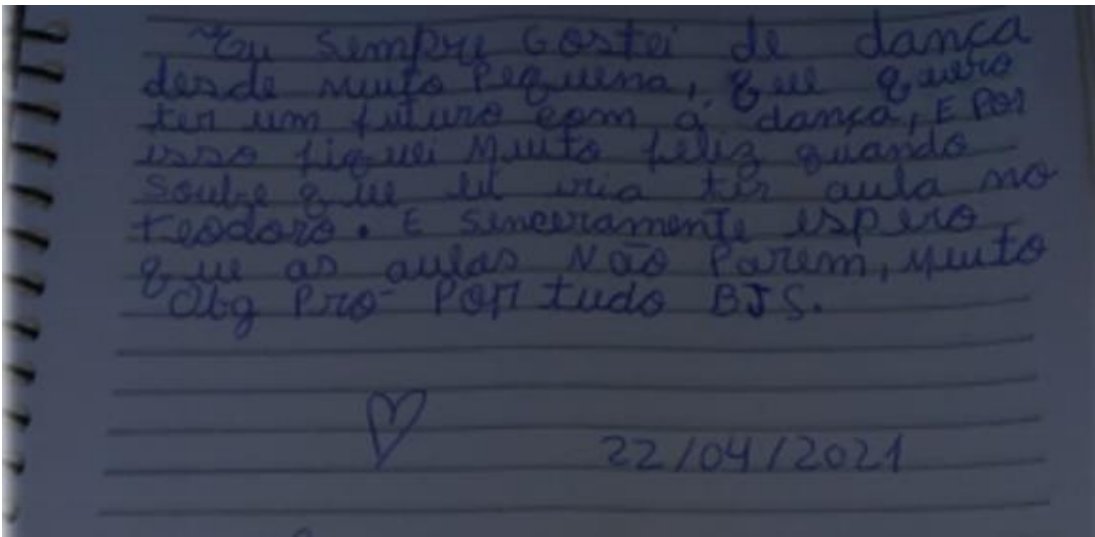
Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Convidando colegas](#)

Em março de 2021, após dois meses de principiar as aulas virtuais de Dança, a prefeitura de Salvador acrescentou ao ensino remoto o envio de atividades, produzidas por professores da Rede, mas impressas por uma gráfica contratada, o que delimitou os componentes curriculares contemplados. Dessa forma, infelizmente, a Dança, que é percebida como componente pouco importante na escola, não foi incluída nessa seleção. Ademais, com o início da entrega dessas atividades, recebemos a informação de que as ações que havíamos efetuado no ano anterior – de forma autônoma por iniciativa da gestão e do corpo docente – seriam invalidadas e, somente agora, com as atividades oriundas da Secretaria Municipal de Educação, o ano letivo seria contabilizado.



# 22 de abril de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

Depois de aproximadamente dezessete meses sem aulas presenciais, em agosto do ano de 2021, retornamos à escola na modalidade denominada de ensino híbrido, em que se mesclariam aulas e atividades nos formatos presencial e remoto. A primeira semana, contou apenas com a presença de professoras(es) para planejar esse retorno e pensar em como acolheríamos essas pessoas estudantes, já que muitas delas, sequer, participaram do ensino remoto. Depois da semana de reuniões pedagógicas objetivando criar estratégias para o retorno de forma acolhedora e atraente, eis que o ano letivo de 2021 se inicia. As turmas foram divididas em dois grupos de aproximadamente quinze estudantes cada. O grupo um,





frequentava as aulas presencialmente às segundas, quartas e sextas e o grupo dois às terças e quintas. Na semana seguinte, modificava-se a ordem dos grupos e assim sucessivamente.

Foi esse um momento tenso, de descobertas sobre como se daria esse ensino híbrido. Como trabalhar as aulas de Dança sem toque? Sem chegar próximo à outra pessoa? Iniciamos esse processo de adaptação com rodas de conversas para entender o circuito de afetos (SAFATLE, 2019) na escola. As pessoas estudantes retornaram um pouco tímidas, mas também com dificuldade de seguir os protocolos de segurança da COVID-19, já que no bairro onde se localiza a escola era, e ainda é, comum pessoas caminharem sem máscaras faciais; em geral, só as usam ao adentrar no espaço escolar.

As aulas semipresenciais começaram com cerca de quatro a seis estudantes por sala, contudo, uma semana depois, já estávamos com o limite determinado por grupo, que era de quinze pessoas. No primeiro mês do retorno, em agosto do ano de 2021, percebi uma leveza nas aulas, pois tínhamos uma quantidade de pessoas que facilitava o desenvolvimento das ações propostas. Muitas(os) estudantes estavam sentindo falta da comunidade escolar e externavam o quanto é importante estar na escola, e o fato de terem permanecido esse período angustiante em casa foi primordial para valorizar o ambiente escolar. Foi um mês em que discutimos sobre danças, afetos e o fruir da arte ser sentido de maneira colaborativa. As proposições nas aulas partiam de estudos sobre que “corporeidade” era aquela que habitava as aulas de Dança, como pessoa cognitiva, em suas instâncias motoras, sensoriais, emocionais, intelectuais, que muitas vezes utilizava o espaço das aulas de dança para se extravasar, apenas.

Compreendo, assim, que fomentar discussões sobre o que afeta estudantes por meio da Dança, durante esse período pandêmico, instigou ainda mais sobre outras formas de afetar e ser afetado. Nesse retorno ao modelo de ensino semipresencial, as aulas fluíam de maneira menos conflituosa e conseguíamos dialogar, fazendo com que a turma fosse mais conectada e fomentadora de respeito umas às outras pessoas. Quando ocorria algo que atrapalhasse o percurso da aula, acredito também que pela menor quantidade de estudantes em sala, a resolução era feita de forma coletiva e mais acolhedora.

Nessa perspectiva, partimos para uma proposta de criação em Dança pensada a partir das ações cotidianas na escola e no ambiente doméstico. Era necessário entender que pessoas eram aquelas e quais suas histórias de vida para criar um diálogo inicial e construir, tendo o estado do dia de cada turma como ponto de partida para aula de Dança. Pinto (2019) aponta que:



O corpo, ele mesmo, é expressão de si mesmo, conta como está naquele momento. Mas é preciso atenção quando se fala de expressão porque ela não se refere a uma informação que estava no pensamento e depois se “externa” no corpo (seja pela escrita, pela voz ou pelo gesto). (PINTO, 2019, p. 109)

Diante disso, uma discussão entre estudantes, uma pessoa que estava no canto da sala introspectiva ou falando com todas da sala sem parar, um olhar, imagens, toques foram caminhos para a Dança na escola. Depois que percebia o que estava afetando a sala de aula naquele dia, lançava a proposição do mover-se a partir desse estímulo. No início era bem complicado esse mover por estímulos cotidianos, motivar estudantes a compreenderem que mente não é separada de corpo e vice-versa. Contudo, fomentar o entender que o que as(os) afeta diz respeito à pessoa que são e onde vivem, pois “[...] corponectivo, corponectivar e corponectividade indicam mentescorpos em atividade. Sobretudo em atividade conjunta” (RENGEL, 2009, p. 38; grifos da autora), contribuiu para entendermos essas ações conflituosas cotidianas no ambiente escolar.

De cunho experimental (GIL, 2002), esta proposta foi pensada a partir de um trabalho colaborativo, para trazer estudantes como partícipes do processo e não apenas como pessoas receptoras. Por meio de improvisação coletiva, para fomentar o respeito mútuo – já que o trabalho em grupo muitas vezes é a causa de ações conflituosas –, criamos danças que remetessem ao tema proposto de cada aula. O conceito de cinesfera de Rudolf Laban estudado em Rengel (2005) foi necessário para compreender o limite do seu espaço pessoal.

Cinesfera é a esfera pessoal do movimento. Determina o limite natural do espaço pessoal. Cada agente tem a sua própria cinesfera, a qual se relaciona somente a ele. Esta esfera de espaço cerca o corpo, esteja ele em movimento ou imobilidade. A cinesfera é delimitada espacialmente pelo alcance dos membros e outras partes do corpo do agente quando se esticam para longe do centro do corpo, em qualquer direção, a partir de um ponto de apoio. Ela determina o limite natural do espaço pessoal. (RENGEL, 2005, p. 32)

A proposição da(s) cinesfera(s) contribuiu para estudantes experimentarem as diversas possibilidades de movimento dentro do seu espaço pessoal e respeitar o das outras pessoas, nas aulas de Dança durante a pandemia da COVID-19. Assim como foi relevante para diminuir possíveis atritos, visto que brincadeiras inicialmente inofensivas relacionadas ao toque – pois a proximidade corporal/espacial sempre foi uma característica das aulas de Dança – muitas vezes causavam confrontos. Buscar ações que promovessem o distanciamento espacial de estudantes e, ao mesmo tempo, aproximação do espaço social, ou seja, de relacionamento interpessoal e pertencimento a aquele local foi também o que abarcou esta pesquisa.



Embasada nos estudos sobre os fatores do movimento (LABAN, 1978), pesquisei as possibilidades do ensino/aprendizagem da Dança, em um momento em que exigiria novas estratégias para cumprir os protocolos de distanciamento da COVID-19. Entretanto, mesmo se configurando um período de afastamento corporal, era importante fortalecer as relações para que esse momento fosse atravessado com menos angústias. Bem como a transição do limite do espaço pessoal para o limite do espaço coletivo pudesse ser realizada com mais consciência espacial e corporal.

No primeiro momento do ensino de formato híbrido, o fator espaço foi a força motriz das danças estimuladas. Compreendo que os fatores do movimento (espaço, tempo, fluência e peso) estão interligados. Contudo, nesse retorno, foi necessário intensificar o estudo do espaço para que fosse entendido pelas(os) estudantes como se mover nesse momento em que se necessitava de distanciamento entre pessoas. Nas aulas virtuais, o movimento na/da tela e o espaço de cada pessoa em sua casa precisou ser adaptado, como, por exemplo, mudar móveis de lugar – destaco aqui o caso de um aluno que encontrou como alternativa participar da aula em um banheiro, – para que todas(os) estudantes se percebessem e interagissem nas aulas, naquele local limitado virtualmente. De igual forma, nas aulas semipresenciais, foram feitos ajustes para que conseguíssemos o fruir da Dança com as possibilidades que tínhamos no momento: um espaço amplo, porém limitado, pois as pessoas não podiam chegar muito próximas às outras pela necessidade de manter os protocolos de distanciamento que a pandemia suscitava.

Como exemplo da aula semipresencial, teve um momento em que a turma estava apática e sem vontade de mover-se. Foram propostas atividades nas quais estudantes puderam percorrer suas possibilidades de movimento delimitadas ao seu espaço pessoal, sua cinesfera. Uma das propostas foi: com balões de festa, eu sugeri movências com partes do corpo a partir de um ponto de apoio, que poderia ser joelhos, quadril ou pés. Estudantes se movimentavam em toda sua possibilidade de extensão, para múltiplas direções, ao mesmo tempo em que moviam os balões. No início fui questionada por estudantes de algumas turmas sobre o porquê dessa separação, pois para algumas(uns) seguir os protocolos de distanciamento era muito difícil. Então, elas(es) entendiam como desnecessário esse processo no qual cada pessoa tinha seu espaço delimitado. Assim, encaminhamos a aula com descobertas e ações acerca de afetos cotidianos.

Ações do dia a dia, tais como: escovar os dentes, espreguiçar-se e lavar a louça, foram estudadas para contribuir com o entendimento do que afeta estudantes nas aulas de Dança na escola. Transformar ações cotidianas em danças auxiliou no conhecimento de histórias de





vida, no modo como percebem sua imagem e, também, como agem em situações adversas. Posto isto, considero que acontecimentos em casa, muitas vezes, reverberam na escola, então dançar o cotidiano pode trazer imagens passadas e com/pela Dança serem externadas e transformar momentos enrijecidos em ações libertadoras.

**Figura 14** – Estudantes do 6º ano vespertino na atividade com os balões durante o ensino híbrido - setembro de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

Em meados do mês de outubro do ano de 2021, nos deparamos com a notícia do retorno do ensino totalmente presencial. Mesmo sem a concordância de professoras(es), por entendermos que não era o momento de expor toda a comunidade escolar à pandemia da COVID-19, o município de Salvador divulgou nas mídias televisivas e *outdoors* pela cidade que as escolas estavam preparadas para o retorno na modalidade presencial. Foi angustiante retornar a esta modalidade, pois, mesmo de forma precária, o ensino híbrido estava acontecendo com segurança e com respeito à saúde de todas as pessoas envolvidas no ambiente escolar. Tínhamos a metade de estudantes em sala e, repentinamente, elevamos de quinze para em média vinte e cinco estudantes, e ainda com a dificuldade de cumprir os protocolos de segurança da pandemia do coronavírus. Perceber que toda aquela movimentação de estudantes nas escolas foi mais uma maneira de afetar e ser afetada com a rotina das aulas causou desestímulo.

Nessa ação de construção de movimentos, as(os) estudantes e eu percebemos que junto aos afetos iniciais explanados ao longo das escritas deste diário, surgiu mais um afeto: a quantidade excessiva de estudantes em sala. Segundo Damásio (2012), o pensamento é feito



de imagens e “[...] todos nós partilhamos, de que *podemos* evocar, nos olhos ou ouvidos da nossa mente, imagens aproximadas do que experienciamos anteriormente.” (DAMÁSIO, 2012, p. 105; grifo do autor). À vista disso, o retorno de uma grande quantidade de estudantes me remeteu a imagens passadas conflituosas diante do caos que se estabeleceu com o retorno do ensino presencial.

Atenta às ações no ambiente escolar, percebi o quanto o retrocesso – marcado pela quantidade excessiva de estudantes em sala, configurada como ideal pelos órgãos públicos educacionais – fomentou para as ações conflituosas serem mais frequentes. Nesse ínterim, o ambiente escolar foi acolhendo mais estudantes e, em razão disto, tínhamos em média trinta e cinco estudantes por turma. Quando, no ensino de formato híbrido, ocorreu a redução pela metade de discentes a fim de se acompanhar os protocolos de segurança da COVID-19, as aulas fluíram de maneira menos conflituosa. Ademais, mesmo com a determinação de retorno das aulas totalmente presenciais, alguns responsáveis por estudantes não se sentiram seguros em enviar suas pessoas entes queridas à escola, deste modo, a unidade escolar permaneceu também com o ensino remoto e transcorreu assim até o final do ano letivo de 2021.

Com efeito, foi notório experienciar, nos diversos momentos durante a pandemia, a diferença do ensinoaprendizagem com fluxo de estudantes no ensino híbrido, com cerca de quinze alunos, e no presencial, com cerca de vinte e cinco. Por meio dessa experiência, pude comprovar que a redução da quantidade de estudantes em sala, algo que profissionais da educação solicitam há bastante tempo, é realmente capaz de melhorar a qualidade do ensino.

Em consequência dessa desorganização educacional, uma semana após o decreto que determinava o retorno para o ensino presencial, ainda em outubro de 2021, estabeleceu-se o retorno imediato para a modalidade híbrida. Isso provocou um alvoroço entre gestão e professoras(es), pois estudantes já estavam indo à escola em quase sua totalidade e teríamos que voltar a dividi-los em dois grupos; além disso, seria necessário reestruturar o planejamento pedagógico, o que afetaria diretamente o trabalho de professoras(es). Tudo isso em razão de desmando sem estudos efetivos. Todavia, com uma semana do ensino híbrido, sucede um novo decreto que determina, mais uma vez, o retorno ao modelo totalmente presencial. Diante disso, não ser afetada com possíveis problemas educacionais que estudantes podem vir a ter é instituir esse processo de falência da educação básica pública.



**Figura 15** – Estudantes do 6º ano matutino na sala de dança durante o ensino híbrido - setembro de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

É importante frisar que, a Dança, inicialmente, surge no ambiente escolar como momento de “desopilar”, de extravasar os afetos da vida cotidiana. “Compreender a função da dança perpassa pelo fortalecimento dessa área de conhecimento, junto às(aos) estudantes e gestão escolar, a fim de disseminarmos os saberesfazeres da arte da dança.” (RAMOS, 2021, p. 435). Dessa forma, a fim de verificar os afetos que permeiam a escola com/pela Dança, faz-se necessário fomentar ações desta arte e também problematizar a falência do ensino básico público.

A Dança criada em conjunto passou por diversos ambientes da escola, com intuito de manter o distanciamento social, por conta da pandemia, mas também para explorar espaços externos, ao reconhecer e ampliar possibilidades de movimento na escola. Cada pessoa estudante pôde se expressar nos ambientes da unidade escolar, concebendo aquele espaço coletivo, digno de respeito e cuidados. Nesse período de retorno gradativo das aulas, foi importante compreender que distanciamento social não é individualidade e sim ação de coletividade. Compreender que cada pessoa é única e, portanto, sua Dança também, pois,

[...] cada um de nós possui a sua dança e o seu movimento, original, singular e diferenciado, e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão em que a busca da individualidade possa ser entendida pela coletividade humana. (VIANNA, 2018, p. 105)



**Figura 16** – Estudantes do 6º ano matutino na área externa da escola durante o ensino híbrido - setembro de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

**Figura 17** – Estudantes do 8º ano vespertino na área externa da escola durante o ensino híbrido - setembro de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - aprender o que estava acontecendo ao redor de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora, Vi na teoria, na época, um local de cura. Cheguei à teoria jovem, quando ainda era criança. (hooks, 2017, p. 83)





Esse trecho referencia minha busca para compreensão de determinadas ações no ambiente escolar. Entretanto, o pensamento da autora não exclui a dicotomia teoria e prática, algo com que não compactuo; esta pesquisa apoia-se na perspectiva de um processo teóricoprático, com base no conceito de corponectividade de Rengel (2007), para mostrar que, no corpo, teoria e prática não são independentes. A partir desse pensamento, surgiu a ideia de criar um diário de escritas de si, com objetivo de que as(os) estudantes registrassem, por meio da Dança, o que as(os) afeta em casa, na escola, na rua, no mundo. Justifico que a escrita pode ser feita de diversas maneiras: “O texto pode ser não-verbal, uma pintura, um som, gestos, uma escrita, movimentos, um diagrama, traços, sonhos...[...] (RENGEL, 2009, p. 3). Portanto, a proposição foi que cada estudante, movimentasse da maneira que fosse mais confortável, o que a(o) incomoda na vida cotidiana. Para isso, ligo-me à Evaristo (2020) com “Escrevivência – escrita de nós”,

Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. Por isso, nunca pensaria a Escrevivência como possibilidade de domínio do mundo. Mas como uma pulsação antiga, que corre em mim por perceber um mundo esfacelado, desde antes, desde sempre. (EVARISTO, 2020, p. 34-35)

A escrita de si pode culminar na descoberta de caminhos para a solução de conflitos que permeiam as aulas de Dança na escola. No movimento educacional, proporcionar ações emancipatórias por meio de escritas pela Dança ajuda a tencionar e conviver politicamente com afetos que se imbricam em nossas vidas, fomentando a emancipação e o autoconhecimento. Safatle (2019, p. 18) argumenta que “[...] a lógica da incorporação que caracteriza a liderança pede circuitos de afetos específicos”. Dessa forma, estimo ações com as(os) estudantes em círculo e, agrego “[...] o princípio de circularidade na relação entre os seres, os tempos e as coisas.” (PETIT, 2015, p. 123), com o intuito que todas(os) possam se ver, e esse princípio contribua, também, para a compreensão da lógica das relações. Posto isso, as imagens percebidas quando estamos em círculo, as danças criadas e as insurgências transformadas em ações emancipatórias podem criar novos vínculos, interligando umas pessoas às outras afetivamente.



**Figura 18** – Final da aula de uma turma do 6º ano - outubro de 2021



Fonte: Dados de pesquisa.

**Figura 19** – 7º ano vespertino aula de Dança no ensino presencial - março de 2022



Fonte: Dados de pesquisa.



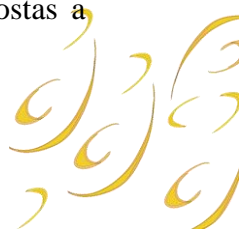
A Dança que somos, que reverberamos e com qual nos conectamos como pessoas cognitivas, foi o impulso para todas as produções deste diário. Argumento que quando temos a oportunidade de falar sobre nós, sermos entendidas como pessoas políticas, que dialogam, opinam, podemos nos tornar mais conscientes da nossa importância na sociedade em que vivemos. Contribuir com estudantes para compreensão do seu potencial como pessoapolítica é fortalecer o entendimento do seu poder de fala, a partir da sua localização social, persuasão e valorização da sua presença no mundo. Safatle (2019) comunica que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. Desse modo, penso ser necessário desenvolver um reconhecimento social que se inicie pelas perspectivas das pessoas implicadas no processo educacional. Captar ações, reações, memórias, emancipar modos de pensamentos é entender que somos pessoas valorosas para a existência das outras e que nos afetamos e somos afetadas cotidianamente.

Fundamento a relevância da feitura do Diário de Afetos tanto para as pessoas estudantes participantes, quanto para as outras pessoas que fazem parte do contexto escolar. Ter sua escrita percebida por outras pessoas pode fomentar a autoimagem positiva e trazer contribuições culturais e impactos positivos para a comunidade escolar. Em contraponto, ver produções de colegas pode também instigar estudantes a perceberem o que as(os) afeta a partir do movimento de escritas e, assim, ter uma percepção de si e da outra pessoa antes não observada. Além disso, proponho este diário como inspiração para que outras(os) professoras(es) de escolas públicas o experimentem em suas unidades escolares, a fim de verificarem esses afetos, pois cada unidade escolar, cada bairro tem suas particularidades. Investigar o que afeta estudantes no ambiente escolar público pode auxiliar colegas professoras(es) a entenderem essas relações e a emancipar modos de pensamento.

Intento, com o Diário de Afetos, escritas, desenhos, vídeos, danças emancipadoras capazes de fazer estudantes mergulharem na história pessoal, abrangendo à coletiva e com reflexões críticas sobre o que somos e como reverberamos nossa imagem no mundo em que habitamos.

Criar possibilidades de construção de conhecimento em coletividade pode fortalecer as relações interpessoais no ambiente escolar. Para pensar uma educação crítica, com partilha de saberes e que reverbere na autonomia do ensinoaprendizagem [...] (RAMOS, 2021, p. 435)

Dessa maneira, as possibilidades de manifestações do que afeta estudantes da Escola Municipal Teodoro Sampaio reverberam com escritas diversas (vide produções expostas a



seguir). Cada pessoa é única e sua importância deve ser valorizada. Essas movências demonstram a maneira que cada estudante resplandeceu seus afetos, acerca do que te compõe como pessoa singular que habita um mundo plural. Assim, este diário segue como uma partilha de sentimentos, ações e (re)ações diante de um mundo que dita padrões e, ainda nos dias atuais, insiste em codificar pessoas como máquinas, como cópia umas das outras. Ademais, insurgir-se politicamente é um *modus operandi* de libertar a educação básica pública do abismo institucional em que ela vem despencando.





*“Normalmente, acreditamos que uma teoria dos afetos não contribui para o esclarecimento da natureza dos impasses dos vínculos sociopolíticos. Pois aceitamos que a dimensão dos afetos diz respeito à vida individual dos sujeitos, enquanto a compreensão dos problemas ligados aos vínculos sociais exigiria uma perspectiva diferente, capaz de descrever o funcionamento estrutural da sociedade e de suas esferas de valores. Os afetos nos remeteriam a sistemas individuais de fantasias e de crenças, o que impossibilitaria a compreensão da vida social como sistema de regras e normas. Tal distinção não seria apenas uma realidade de fato, mas uma necessidade de direito. Pois, quando os afetos entram em cena política, eles só poderiam implicar a impossibilidade de orientar a conduta a partir de julgamentos racionais, universalizáveis por serem baseados na procura do melhor argumento.”*

*(SAFATLE, 2019, p. 37)*





Ana  
clm RAIVA DEMOSTRA  
EU SIMTO RAIVA, MAIS NÃO CONSIGO DEMOSTRO





Turma: b

Atualmente eu estou me sentindo triste, frágil, podemos dizer que eu já estou chegando ao fim do tempo, não está nada bem por aqui.

Sem eu fazer uma felicidade onde não existe, eu tenho as melhores Pais do mundo, minha mãe mesmo dizem Pregada, fog de tudo por mim e por mim, meu Pai é muito bom com mas não contava a que minha mãe fog por mim.

Sem as vezes eu deixo muitas coisas. Escrevendo isso aqui eu choro e não choro na hora, mas não contei nada porque não quero deixar ninguém preocupado com.

agradeço todos os dias por ter pessoas maravilhosas na minha vida mas eu não consigo contar nada pra ninguém, por medo e insegurança tento muito de ocupar eles com meus problemas, eu prefiro esconder tudo e colocar um sorriso falso na mas eu quero muito que fique tudo bem por aqui.

Isso afeta um pouco meu comportamento sem Pais faça ser uma coisa que eu não sou a muito tempo.



## 1 Dama - Ranziga

O dia mais feliz da minha vida foi meu reencontro com minha mãe, após 2 anos sem ver ela eu a reencontrei ~~ela~~ no dia 15/05/~~2019~~<sup>2021</sup> no dia da minha aniversário, o motivo de eu não ter tido contato com ela esse tempo foram brigas, discussões e outros desconfortos, tanto eu quanto ela ficamos tristes por conta da falta que fazia um da outra, eu repetiria ela de várias formas, mãe queria ligar pelo celular dela-quei ela, eu tomei em esta roupa da minha própria mãe, porém eu sentia que eu ainda amava muito ela e ela como mãe tinha certeza que nunca deixaria de me amar um pouco antes da meu reencontro inesperado com ela eu tentei fazer de tudo para que ela não viesse a minha festa de aniversário mais mãe deu certo, tentei cancelar a festa mais ninguém entendeu porque, sendo que eu estava tão empolgada para festejar e da ~~da~~ <sup>na</sup> essa atitude, quando ela apareceu na festa eu ignorei fingi não estar vendo meu pai disse "ela sua mãe vai falar com ela" e eu disse não queria, mais fui obrigada abraçá-la e ela me entregou uma caixa de presente, eu abri e lá está uma roupa que eu queria muito, junto vinha um bilhete escrito "Te amo meu filha independente de tudo" e eu corri pros braços dela e depois de uma longa conversa tudo voltou ao normal comigo e com ela até hoje. Fim



*No mês da Dança, um presente - estudante do 6º ano*



Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Apresentação da aluna](#)





25.11.2021 7B

Racismo, homofobia, preconceito

Pessoas se importando mais com  
A vida dos outros do que com  
A deles mesmo.

Pessoas morrendo por serem negras

Pessoas sofrendo sem os seus direitos.

Amazônia queimando

E o presidente não se importando

Extrema direita comandando

Coronavírus matando, pessoas não se vacinando.

Fome, Seda, Consoço, Ansiedade

"Codê o todo poderoso"?

Mais uma vez humanos fazendo merda.

Botando a culpa nele de novo.

Votou no bozo pra comprar arma

E nem comida tá podendo comprar

Votou no bozo pra seguir o "mitô"

Mas olha a gasolinha como tá.

Pessoas inocentes sendo presos injustamente

Pessoas culpadas andando livremente.

Será que isso vai mudar?

Será que ainda faz efeito gritar



Sala: 7:0

Eu gostaria de viver em um mundo onde todo mundo fosse feliz onde não existisse racismo, reclusão, homofobia, bullying e etc.

gostaria de viver em um mundo onde todos sejam felizes em um mundo sem preocupações em um mundo onde ninguém precisasse se preocupar com opiniões alheias um mundo em que GAYS, LESBICAS, ASSEXUAIS, PRETO, BRANCO AMARELO E AZUL pudessem viver em paz onde ninguém pudesse apontar e dizer aquilo é feio aquilo é nojentos um mundo de paz e harmonia.

Infim se isso acontecesse seria o dia mais feliz da minha vida

desculpa as erros de português





## *Aula de Dança com uma turma do 6º ano*



Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Registros de uma aula](#)



Bem como leitor (a), não sei bem como dizer exatamente o que me incomoda mas, vou tentar, eu posso ter apenas os treze dias mas acho que, é bem possível de eu ter me machucado muito mais mentalmente do que todas as machucadas que já tive passando, lembrando eu até mesmo afrontando. Mas sim acho que isso não vai em ao caso agora, uma coisa que me incomoda um pouco é me sentir inferior por qualquer pessoa, até mesmo da família, mas é muita, mas é isso.

Uma coisa que me dá tanto de saber é que em nenhum lugar tem um espaço meu...

Queria poder dizer mais, só que essa coixinha não pode ser aberta eu não consigo.



Eu não fiz meu dia mais feliz mais eu queria  
 que seja com minha mãe, meus irmãos e meu  
 Pai e como muito Besteira mais eu sei que esse  
 minha vai acontecer pois To 5 anos sem ver minha  
 mãe, meus irmãos, meu pai. Mas eu queria que  
 acontecesse isso e agente fosse no parque de diversão  
 comesse chocolate, sorvete, Pizza e tomara uma gel  
 depois fosse na praia e depois no parque da Aida  
 e quando terminasse o dia agente fosse assistir  
 filme.



27 <sup>♥</sup> 10 <sup>♥</sup> 21

O dia mais feliz da minha vida vai ser quando eu acordar  
me acordando tendo um dia calmo, ter uma boa relação com minha  
mãe nesse dia sem discussões. E conseguir sentir em lugar tranquilo e  
ler um livro depois passear em um jardim ou um lugar calmo  
O dia em que ninguém vai criticar minhas falas meu jeito de andar  
de se vestir, de me afastar das pessoas. O dia mais feliz da minha  
vida vai ser quando eu me amar quando eu conseguir demonstrar  
meus sentimentos quando eu conseguir falar que amo viver aqui  
quando eu conseguir ficar tranquila sem achar que tudo que posso  
é insuficiente pra todos.



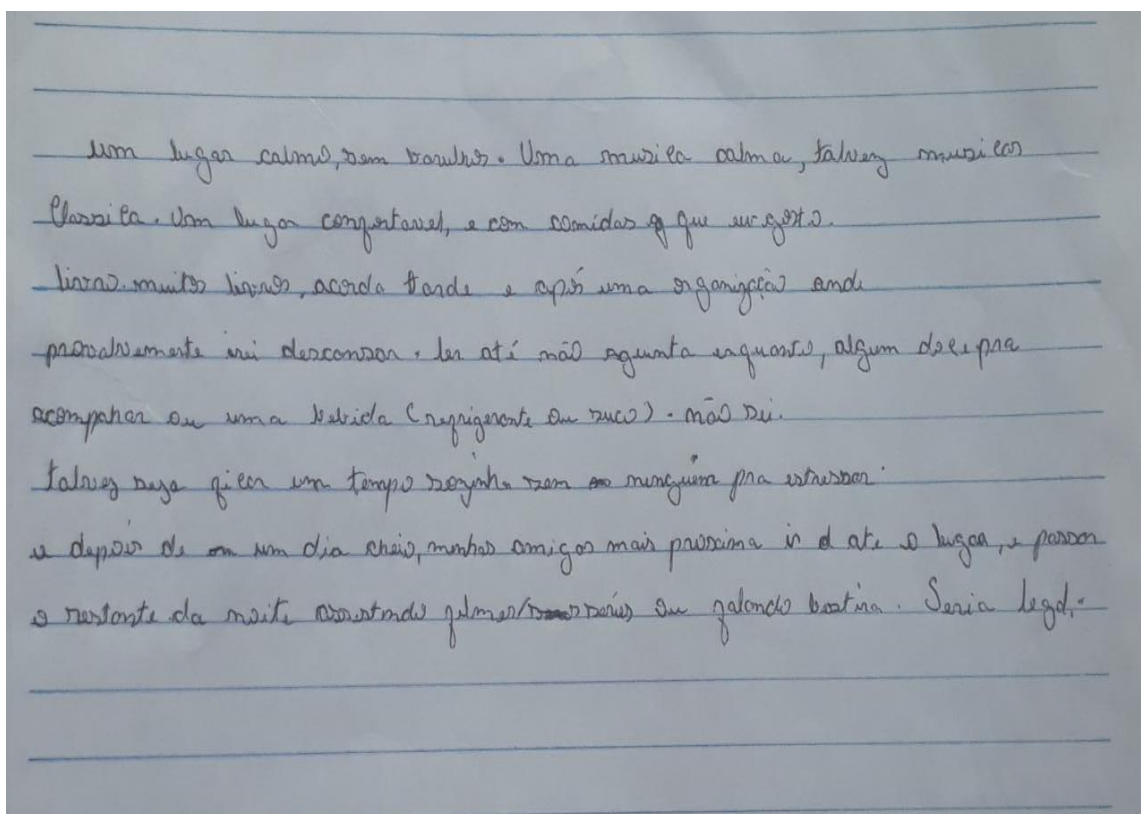


## 25 de fevereiro de 2021- Experiências cotidianas

Movimentos dançantes ressoam afetos, histórias e também imagens do mover cotidiano. Nesse vídeo, temos estudantes, experimentando criações a partir dos nossos movimentos do dia a dia.

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Experiências cotidianas](#)




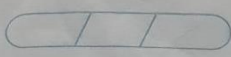
Prof: Reniza.

1: Casa Boa!

Dia 22.12.18, conheci realmente o meu nomeado. Se chamava Jefferson Laucci, a melhor época que eu já vivi foi essa. Ele era uma pessoa, porém tinha um lado ruim: Ele era de vida errada. Foi difícil meus pais aceitarem, mas eu convenci eles a aceitar tudo continuar bem, eu era muito atraída no tempo de 3 anos atrás, eu tinha 14 anos de idade, eu tinha 17 anos. Ele só era incluído na vida errada, e eu bem nenhuma gastar de dinheiro, e tempos de férias, comer tudo de bom todos os dias. Tava amando essa vida que eu tava vivendo, era ilusão, mas via uma boa vida, porque eu tinha tudo que queria. . . . .  
 conseguiu ter 3 meses que ele ficasse afastado do trabalho de drogas. Isso foi surreal pra mim, porque eu queria de mais por ele e jamais iria querer ver ele morto nessa vida. Resumindo fiquei 3 anos com ele e vivi a melhor época da minha vida, eu era considerada pra minha idade, e por esse fato estava amando essa vida. E nesses 3 anos eu fiquei muito apaixonada. E dentro desses 3 anos, ganhei o meu melhor presente, minha filha: Maria Julia.

2: Casa Ruim!

Meu relacionamento acabou da minha mãe, não forma possível meu nomeado foi recrutado pela polícia. Foi um mês 

  
 sofria muito com a perda dele, fiquei bastante debilitada, porque eu achava que a minha vida tinha acabado. Sofria muito. E esse foi o pior dia da minha vida, junto com o enterro dele dia 03/05/21. Fim da vida. E aqui encerra, foi o pior dia da minha vida!



15 de fevereiro de 2021

Já é carnaval Cidade- Curtindo carnaval em casa

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Curtindo o carnaval](#)

Data: 25/11/2021

Quanto eu chego na escola nos Tempos de hoje, eu sou vítima de Bullying assim que eu chego. Sou chamada de vários nomes. Eu não vou dar muitos nomes mais o que mais me afeta são os outros colegas falando isso com um prazer enorme, e pior é que não sou só eu que sofro isso, várias pessoas sofrem de Bullying todos os dias. E também tem a questão do preconceito e o racismo, pessoas são mortas todos os dias só por amar alguém da mesma sexualidade ou se parecerem negras. Os meninos que possuem fome em quantos minutos fazem feroce e sabem o mesmo país deveria ser mais justo. Eu mudei bastante, eu sou mais segura, eu sou mais quieta agora. Mas mesmo assim eu sofro.





## Reverberações da aula de Dança

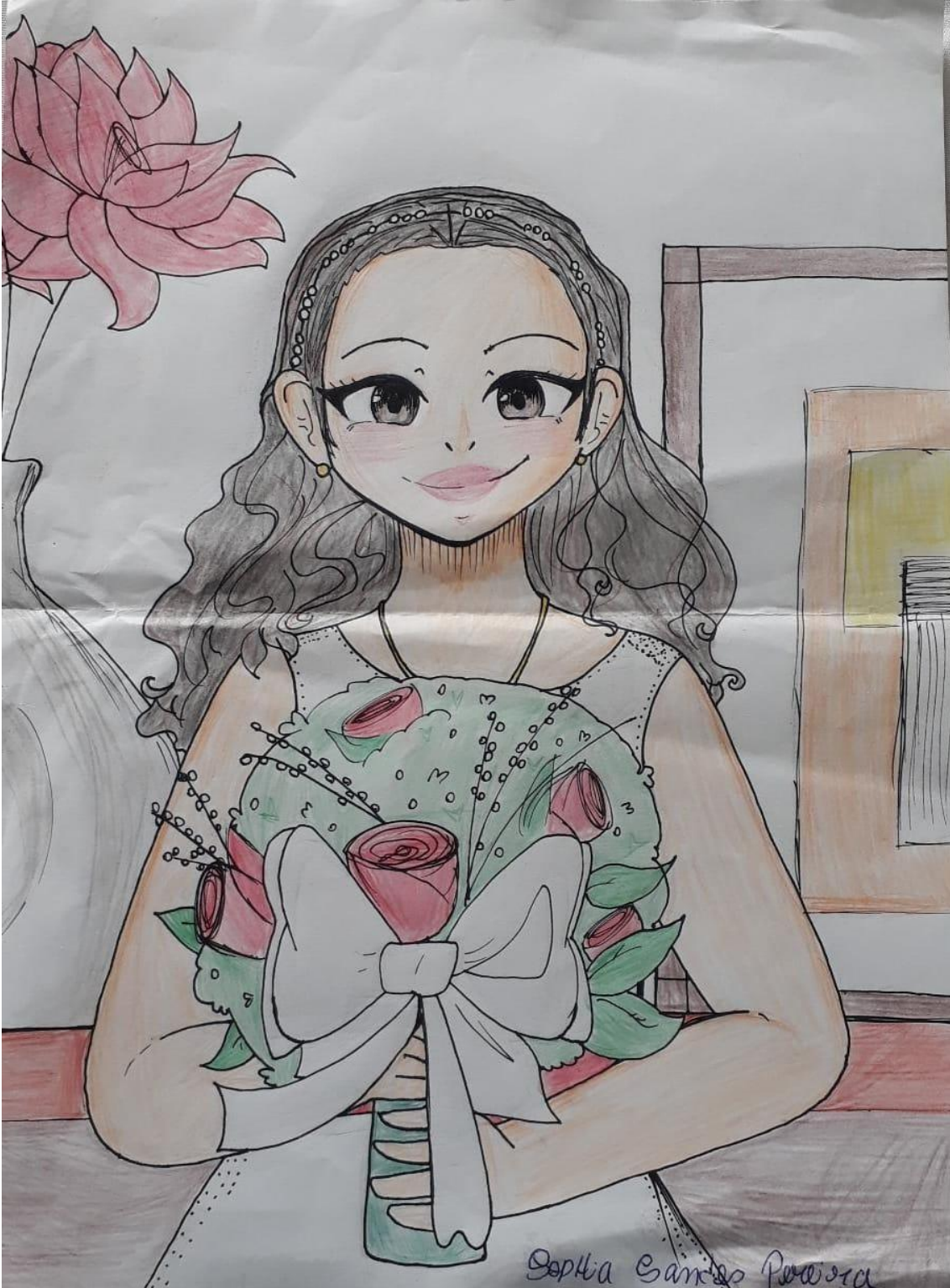
O que me afeta? Viver, viver sabendo que  
 ninguém nunca encontrará paz, que existe  
 pessoas distribuindo ódio gratuitamente 24  
 horas por dia, que existe pessoas que não pre-  
 curam se informar antes de sair por aí com-  
 entando sobre diversos assuntos sem sequer  
 querer ter estudado sobre, em um mundo  
 onde empatia é milagre e desigualdade  
 já faz parte, sem contar que a pobreza  
 é algo comum em um país rico, onde  
 o povo confia no político esperando solução  
 e assim eles ficam "Esperando". Viver  
 é para a pena quem acredita em espe-  
 rança e salvação. A resto já não tem  
 mais solução.

Acesse o áudio (Ctrl + clique)

[Relato de um estudante sobre as  
aulas on-line](#)



Um presente- Junho - 2022



### 3.2 Ato que não acaba

Intervir nesse processo de falência da educação básica pública, principiando pela cinestesia que contribui para a emancipação política das pessoas, a Dança, foi o caminho deste estudo. Ações que emergem nas pessoas, suscitando quem são, como são e sua importância nesse mundo podem torná-las mais conscientes do seu valor na sociedade, como pessoa que afeta e é afetada, e, assim, contribuir coletivamente para a autonomia política.

Durante a composição deste diário, percebi o quanto a autonomia é algo difícil de ser desenvolvida por algumas pessoas. Estas não se sentem pertencentes a uma sociedade que só exclui as classes menos favorecidas. Por outro lado, compreender cada olhar, cada gesto, cada Dança me auxiliou a perceber estudantes como elas(eles) são, como se reconhecem e o que move seus afetos diários.

O acesso à educação é um movimento para uma sociedade democrática. Envolver-nos cotidianamente em prol de um ensino/aprendizagem justo e emancipador pode trazer novas perspectivas para a educação básica pública. Compreender os caminhos de pessoas estudantes, que não têm acesso a uma educação que respeite seus direitos, as quais, em sua maioria, são pessoas negras, me envolve nesse lugar de fala e se entrelaça com minha história de estudante da educação básica pública. Nessa caminhada, para entender como as experiências de vida produzem os afetos políticos, foi fundamental estimular ações com a Dança que culminassem em um melhor reconhecimento de si e, conseqüentemente, respeito à outra pessoa.

Muitos são os desafios para quem leciona na educação básica pública. Dentre eles, contrapor, como exercício diário, um sistema educacional instituído para a falência. Assim, as ações efetuadas durante este estudo também tiveram o intuito de enfrentar estruturas opressoras que designam quem deve ou não ocupar um espaço na sociedade. Estudantes de escolas públicas são consideradas(os) por essas estruturas suscetíveis à marginalidade e/ou desprovidas(os) de um futuro esperançoso, com boas expectativas de crescimento em diversos âmbitos. Diante do exposto, fundamento que o diário de afetos contribuiu para o fortalecimento da autoimagem positiva de estudantes e me auxiliou a intervir diante do que afetava o fluir das aulas de Dança na escola; assim como em outros componentes curriculares, pois os afetos ocorrem em todo ambiente escolar e não somente nas aulas de Dança.

Após esse período da pesquisa, enfatizo a importância de estudar sobre os afetos políticos no ambiente escolar público e a contribuição deste trabalho para a Universidade. Fundamento e explico um pouco sobre o ingresso das primeiras pessoas



concuradas em Dança na Rede Municipal de Ensino de Salvador para ampliar o entendimento sobre a Dança na escola.

A Prefeitura de Salvador teve seu primeiro concurso realizado para linguagens artísticas específicas (Dança, Música, Teatro e Artes Visuais) no ano de 2003. Mediante esse concurso, eu adentrei a rede de ensino. Anteriormente o concurso tinha como nomenclatura Professor de Arte, então fiz parte do primeiro grupo a ingressar na Rede Municipal de Ensino de Salvador como Professora de Dança. Com um início turbulento, por não haver referências anteriores a nós, principiamos nesse espaço e fomos experimentando movências em um ambiente em que nem a própria gestão municipal sabia qual era o nosso papel.

Atualmente, já depois de alguns concursos realizados pelo município, sendo assim, poder trocar experiências e entender um pouco mais deste ambiente significa também contribuir para/com a academia a fim de que pessoas que cheguem depois de nós já adentrem o espaço escolar com referências. Ademais, para que o curso de licenciatura em Dança tenha pessoas professoras(es) que possam dialogar com quem estuda na Universidade com o fim de que, ao ingressarem no espaço escolar público, possam compreender sua organização em seus modos de afetos. Afirmo que a nossa contribuição com estudos e ações nas escolas pode auxiliar futuros profissionais da Dança para que enfrentem momentos insurgentes com ações libertadoras.

Como dito, a jornada de professoras(es) de Dança na Rede Municipal de Ensino de Salvador iniciou-se no ano de 2003, com o primeiro grupo de pessoas concursadas. Sem credibilidade por parte da gestão municipal, o ambiente escolar, percebia a função da pessoa professora de Dança como organizadora de datas comemorativas e/ou como profissional que preenche o tempo de jornada em que a(o) pedagoga(o) não está em sala de aula nos anos iniciais do nível básico, portanto, nos encaixando numa posição secundária. Porém, nos dias atuais, pelo menos em algumas unidades escolares, conseguimos demarcar nosso espaço como área de conhecimento essencial para a formação humana. Ainda não é o ideal e desejável, são diversos os desafios, mas juntas(os) com as instituições de formação de professoras(es) poderemos incitar uma Dança emancipatória que auxilie esses futuros profissionais tanto na ação pedagógica quanto na formação de estudantes da escola básica pública, como pessoa que saiba se posicionar politicamente e que engendra ações no mundo.





## REFERÊNCIAS

- DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. *In*: DUARTE, Conceição; NUNES, Isabela (Org.). **Escrevivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020. p. 48-54.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- hooks, bell. **Outlaw Culture**: Resisting Representations. Nova Iorque: Routledge, 2006.
- hooks, bel. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.
- MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MORETTI, Cheron Zanini. **Educação popular em José Martí e no movimento indígena de Chiapas: a insurgência como princípio educativo da pedagogia latino-americana**. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
- PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para implementação da lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- PINTO, Amanda. **Comunicar, Mover e Aprender: o movimento como eixo da linguagem e da aprendizagem**. 2019. 125 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- RAMOS, Renilza. Dança e modos de implicações de afetos: por processos emancipatórios na escola pública. *In*: CONGRESSO DA ANDA, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/danca-e-modos-de-implicacoes-de-afetos-por-processos-emancipatorios-na-escola-publica>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.



RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

STREK, Danilo R. Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras. **Série - Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande - MS, n. 22, p. 99-111, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/278/133>. Acesso em: 6 jul. 2022.

STREK, Danilo R.; MORETTI, Cheron Zanini. Colonialidade e insurgência: contribuições para uma pedagogia latino-americana. **Revista Lusófona de Educação**, [S. l.], v. 24, n. 24, p. 35-52, 2013. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4176>. Acesso em: 05 jun. 2022.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. 7. ed. São Paulo: Summus, 2018.



## 4 ATO III

# PUBLICAÇÕES





## 4.1 ATO III - Cena I

### 4.1.2 Eventos Científicos e Acadêmicos com publicações e apresentações orais

Neste espaço, contemplo as apresentações orais e publicações da trajetória acadêmica. Essas experiências foram de extrema relevância para o impulsionamento da pesquisa, as quais me fizeram investigar e fortalecer minhas ações críticoreflexivas.

No início do curso de Mestrado Profissional, tive minha primeira participação no VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, edição virtual/2020, em parceria com Rose Lima, com o trabalho **Dança na escola: Ingresso, percurso, permanência e insurgências**, no e-book Relatos de Experiências, compartilhamos afetos sobre a trajetória das(os) estudantes das escolas em que lecionamos.

A participação no congresso UFBA virtual, 2º edição, foi de extrema importância para o compartilhamento e a emancipação da pesquisa em construção. Com o título **Dança e autoimagem: reflexões afetivas na escola pública**, por meio de um vídeo pôster, argumentei acerca do meu trabalho em desenvolvimento, motivações e seus principais referenciais. Com a pesquisa um pouco mais avançada, em setembro de 2021, tive o artigo **Dança e modos de implicações de afetos: Por processos emancipatórios na escola pública**, publicado nos anais do VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - 2ª edição virtual.

Em novembro do ano de 2021, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lançou o I encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas: criação de saberesfazeres que emergem dos cotidianos, com o objetivo de compartilharmos experiências curriculares e de pesquisas por meio de narrativas. Assim, participei com três resumos que foram selecionados para compor os anais do evento. Um individual, **Dança e modos de implicações de afetos: processos emancipatórios na escola pública**, um em dupla, **Ensino remoto da Dança na rede municipal de Salvador: sujeitos e contextos na pandemia da Covid-19** e outro com o Cdepam, **Dançarvivências: memórias no/do cotidianos da escola pública**.

No congresso UFBA 75 anos, os saberesfazeres continuaram presentes com as mesas: **Insurgentes Danças-Corponectivos e Perspectivas de Danças em ações artísticopedagógicas**. No ambiente virtual, tive a oportunidade de explicar sobre minha pesquisa em desenvolvimento e trocar experiências com pessoas pesquisadoras.



Por meio de um curso ministrado pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), com o objetivo de auxiliar professoras(es) na implementação da Lei nº 10.639/03, com recursos digitais – muito apropriado em todos os momentos, mas, no momento pandêmico se tornou essencial – tive a oportunidade de conhecer recursos educativos digitais e contribuir com minhas produções no e-book, que foi composto com atividades das pessoas cursistas. Seguem abaixo os trabalhos mencionados.

**4.1.2.1 VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, edição virtual/2020 - capítulo em e-book**

**DANÇA NA ESCOLA:  
INGRESSO, PERCURSO, PERMANÊNCIA E INSURGÊNCIAS**

Renilza Machado Ramos (UFBA)

Rosecleide Lima Bispo (UFBA)

**RESUMO:** Este trabalho conecta pesquisas em desenvolvimento de duas artistas- educadoras em escolas públicas de Salvador-Ba, mestrandas do Programa de Pós-Graduação Profissional da Escola de Dança da UFBA-PRODAN. As práticas educacionais investigam estratégias que contribuam para a resolução de conflitos, podendo a educação através da arte abranger e problematizar a realidade sócio-político-cultural estudantil em toda a sua diversidade e complexidade (MARQUES, 1999). A prática de amar começa com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar (HOOKS, 2008). Nesse pensamento, as pesquisas visam contribuir para o fortalecimento de identidades, conectando o afeto e a construção da autoimagem. Ainda propõem intervenções e estratégias afetivas na busca de uma relação harmoniosa entre estudantes, bem como um melhor desenvolvimento das aulas de dança. Resultado possível esperado tendo como uma de suas bases relaciona-se com o princípio da pesquisa de Klaus Vianna, que é encorajar e direcionar estudantes a aprender os caminhos do movimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dança. Escola. Afeto. Autoimagem.

A Dança tem o poder de trabalhar de forma inter e multidisciplinar com temas de grande relevância na sociedade, os quais vão além das finalidades conteudistas propostas dentro da sala de aula, no ambiente da Educação Básica da rede pública. Ela pode ser pensada e entendida como a possibilidade de relações múltiplas, que envolve toda a comunidade da escola. Nesta potência, efetiva a correlação razão/emoção, pensamento/ação e rejeita a dicotomia corpo x mente, a partir dos pensamentos de pesquisadoras como Grenier (2005) e do legado de Rudolf Laban (1978), Rengel (2015). A Dança pode contribuir de forma transformadora e eficaz na educação social do corpo discente, como forma de experiência e expressão de sentimentos, desejos, pensamentos e ideias. Ao considerar que os corpos que



dançam, são os mesmos que vivem a vida cotidiana (VIANNA, 2008), estes são afetados pelo contexto social e conseqüentemente temos a relação entre sua imagem, individualidade e sociabilidade.

As crianças e os(as) adolescentes necessitam de ações efetivas que contribuam para construção das suas identidades dentro da escola e fora dela, sem desconsiderar sua individualidade e (re)conhecendo a importância da sua história corporal, entendendo o corpo na sua totalidade física, emocional, intelectual. Assim, buscamos ampliar as possibilidades e estratégias de/para desenvolvimento cognitivo no processo de construção, aguçando o fazer artísticopedagógico por meio de contribuições que apresentem impactos e inovações sociopolíticas e culturais. Na educação podemos estabelecer redes de afeto tendo como protagonista a arte da dança, considerando que por meio dela o(a) estudante pode vir a compreender, perceber e explorar seus movimentos, descobrindo as várias ações que acontecem ao se mover. Nessa construção de conhecimentos, está inserida a educação somática, um amplo campo de estudos do movimento, que entende o corpo humano como indissociável da consciência.

Geralmente a introdução dos(as) estudantes nas aulas de dança se diferencia de acordo com as séries. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os(as) estudantes se mostram mais receptivos(as), mais abertos ao que consideram uma novidade, mas também encontramos em alguns deles reações como: o medo, a timidez e a negação. Nas séries de transição entre os anos finais do Ensino fundamental percebe-se que alguns(mas) estudantes entendem que já possuem certa autonomia e negam a sua participação nas aulas, rejeitando-as de diversas formas: verbalizando, tentando fugir ou se esconder. Deparamo-nos ainda com o fato de alguns(mas) estudantes terem esse ingresso nas aulas ao longo do ano letivo, o que dificulta a construção contínua desse conhecimento.

Durante o percurso, é nítida a aproximação do(a) estudante com a dança, aos poucos vai se tornando mais íntimo dessa arte de formas diferentes, seja estudando sobre sua história, que acaba gerando discussões positivas, por meio de recursos audiovisuais, ou até mesmo da observação dos movimentos dos(as) colegas e do(a) professor(a), que muitas vezes acabam provocando o fazer de quem observa. Esses movimentos que acontecem durante esse percurso e que envolvem cada vez mais os(as) estudantes na aula de dança podem também, infelizmente, serem interrompidos por motivos diversos que fogem do nosso domínio.

A permanência dos(as) estudantes nas aulas de dança se dá ao longo do ano letivo de forma calorosa e intensa. É perceptível como eles(as) desejam participar das aulas, mas ao mesmo tempo não mantêm a relação interpessoal saudável com os(as) colegas.



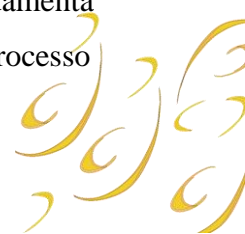
Rotineiramente enfrentamos situações conflituosas, o que ocasiona a impermanência em sala ou até mesmo na unidade escolar. Como explana Foucault (2013), a disciplina tem o papel rigoroso de introduzir assimetrias e excluir reciprocidade. Dessa forma, por meio da disciplina são estabelecidas relações de poder que determinam o lugar do sujeito na sociedade, excluindo a possibilidade da construção dos mesmos por meio do conhecimento e suas relações múltiplas. O sistema educacional não assimila as particularidades de cada um e culmina aplicando uma punição que atrapalha o progresso e a permanência desse(a) estudante em sala de aula.

As insurgências que nos deparamos durante o processo das aulas, também resultam em uma autonomia do(a) estudante, que a princípio pode vir como uma negação ao que é proposto, como uma forma de transformar determinada atividade que é apresentada naquele momento e até mesmo de inovar de forma surpreendente, modificando completamente qualquer plano de aula, e o que poderia ser visto como uma forma de rebeldia contra a atividade, pode ser transformado em uma autonomia criativa, direcionando as aulas a outros caminhos.

Nossos projetos se ramificam em distintos interesses, porém a partir de um mesmo núcleo abarcador apresentado. O projeto de pesquisa **Dança e autoimagem: reflexões afetivas na escola pública** surgiu a partir da necessidade de compreender os processos conflituosos nas aulas de dança na escola. Nas aulas a intenção é compreender esse corpo discente, percebendo o que o aflige. Questionar como ele(a) vive em uma sociedade que criou padrões estéticos convencionados como únicos, para a partir desse momento, procurarmos juntos(as) estratégias de aceitação de si, pensando em como esse ser se reconhece em comunidade.

A autoimagem é o que nós somos ou pensamos ser, podendo ela ser negativa ou positiva. Segundo Maxwell Maltz (1960) a autoimagem é o núcleo da personalidade e do comportamento humano, mude-a e ambos serão transformados. Como você se vê reverbera também no olhar do outro. Então, se você externa uma autoimagem negativa, ou seja, aquela que não representa o que você é, de modo geral, as pessoas a sua volta vão acreditar no que você demonstrou ser e como percebe o mundo.

Na escola, a autoimagem negativa é propulsora de conflitos diários que toda a comunidade escolar presencia. Partindo do pressuposto que a práxis pedagógica é construída entre sujeitos e contexto, Klauss Vianna (2008) contribui com a proposição de que cada corpo é um, e que sua história cultural se adapta ao meio. Para compreender o que fundamenta determinados comportamentos na prática do ensino da dança, desenvolveremos um processo



investigativo, fortalecendo a autoimagem positiva dos(as) estudantes, apresentando estratégias que contribuam para solução de confrontos.

A sala de aula é um ambiente para troca de experiências e exercitar a autonomia. Segundo Ribeiro (2015), para pertencer, é necessário interagir de modo participativo por meio da escuta atenta e interessada no outro, no mundo. Nesse sentido proponho métodos de aprendizagem utilizando processos de criação coletiva como ponto de partida, com o objetivo de fortalecer o trabalho em grupo reverberando em ações que culminem em uma prática afetiva e legítima.

Por sua vez, o projeto **Tecendo caminhos para o cuidado de si: dança na escola em busca do reconhecimento e suas relações** surgiu a partir da observação do comportamento dos(as) estudantes durante o processo do ensino da dança, os quais geralmente são conflituosos e acabam sempre interrompendo o fazer das aulas. Esta observação despertou o desejo na busca de estratégias e intervenções criativas que proporcionem um melhor desenvolvimento das ações propostas ou para que viabilizem caminhos até a sua realização, por meio da busca de ações afetivas que possam proporcionar uma educação mais efetiva. Movimento de Rudolf Laban (1978) *apud Rengel* (2015) auxilia na observação e análise dos processos dos movimentos, visto que estas crianças e pré-adolescentes vivem dentro de um contexto sócio-político-cultural que influencia diretamente nas suas ações corporais e essas são refletidas em sala de aula.

A tentativa de propor o ensino da dança dentro de uma contextualização afetiva pode permitir que os processos educacionais tenham melhores resultados, aflorando também o lado afetivo de cada estudante, relacionando à cognição as emoções, que podem demonstrar a especificidade de cada um, ampliando assim o processo de construção do conhecimento. Os estudos de Klauss Vianna apontam que para dançar é necessário que o corpo esteja inteiro (VIANNA, 2008) da mesma forma que dizem que a história e a singularidade do corpo fomentam a criação artística.

Neste viés, as experiências vividas nas aulas com os(as) estudantes, sinalizam a importância de possibilitar que estes(as) (re)conheçam e descubram suas possibilidades e suas identidades, sendo identidade compreendida como o pertencimento a uma coletividade, muitas vezes sufocadas. Essas crianças, em sua maioria negras, têm acesso limitado a novas informações devido a difícil vida cotidiana. Por isso também a importância de trabalhar o respeito nas relações com os outros, propondo um diálogo por meio do movimento, em interação ao contexto da escola e seu ambiente comunitário.



## REFERÊNCIAS

- GRENIER, Christine. **O corpo**: Pistas para estudos indisciplinados. – São Paulo: Annablume, 2005.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. Tradução de Maísa Mendonça. Ponta Grossa – PR: Monstro dos Mares, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. **Lisboa**: Edições 70 EDIÇÕES. 2013.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Ed. Organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto; revisão técnica: Anna Maria Barros De Vecchi]. – São Paulo: Summus, 1978.
- MALTZ, Maxuell. **Psicocibernética**: uma nova maneira de dar mais vida à sua vida. 1960. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n8nscv> Acesso em 26 de maio de 2020.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje**: textos e contextos – São Paulo: Cortez, 1999.
- RENGEL, Lenira Peral...[etall]. **Elementos do Movimento na Dança**. Lenira Peral Rengel, Eduardo Oliveira, Camila Correia Santos Gonçalves, Aline Lucena e Jadiel Ferreira dos Santos. Salvador: UFBA, 2017.102 p.:il. Disponível em [http://www.danca.ufba.br/arquivos\\_pdf/Livros/e-book\\_EMD.pdf](http://www.danca.ufba.br/arquivos_pdf/Livros/e-book_EMD.pdf) Acesso em 26 de maio de 2020.
- RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. In: GREINER, Christine e KATZ, Helena (orgs) **Arte e Cognição: Corpo, mídia, comunicação e política**. São Paulo: Annablume, 2015.
- VIANNA, Klaus. **A Dança**. 5ª ed. – São Paulo: Summus, 2008.

Acesse o e-book (Ctrl + clique)

[E-book](#)

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Vídeo apresentado na ANDA 2021](#)

### 4.1.2.2 Congresso UFBA 2ª edição - virtual - vídeo pôster

A Dança é uma forma de conhecimento que pode fomentar ações emancipatórias. Na escola ela contribui para o desenvolvimento do processo cognitivo, ampliando o pensamento crítico e as formas de ver o mundo. A sala de aula é um ambiente para troca de experiências, escuta atenta umas pessoas com as outras. Refletir sobre a interação corpo-sujeito-ambiente de maneira política, emancipatória e afetiva é essencial para a construção das pessoas capazes de reconhecer a autoimagem positiva. A necessidade de fortalecer o diálogo saudável e compreender determinados comportamentos na prática do ensino da Dança na escola foi o viés que impulsionou o projeto de pesquisa **Dança e autoimagem: reflexões afetivas na**





**escola pública.** Investigar estratégias de aceitação de si e do outro(a), compreender corpo e mente como processo cognitivo não dicotômico, atentando para o contexto social dos(as) estudantes é o intuito desta pesquisa. Sendo a metodologia o caminho que percorremos para chegar ao objetivo proposto, com aulas teórico-práticas, investigarei por procedimento experimental, as insurgências que ocorrem nas aulas de Dança, visando sistematizar a ação pedagógica.



Acesse o vídeo pôster (Ctrl + clique)

Vídeo Pôster

#### *4.1.2.3 VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, 2ª edição virtual - artigo*

### **DANÇA E MODOS DE IMPLICAÇÕES DE AFETOS: POR PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NA ESCOLA PÚBLICA**

**Resumo:** A pesquisa propõe desenvolver estratégias de ensinoaprendizagem que contribuam para ampliação de processos cognitivos e que fomentem o pensamento crítico e formas de ver o mundo por meio da dança. Intenta desenvolver e sistematizar metodologias de aprendizagens, com e para estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que reverberem em processos emancipatórios e na ruptura de conceitos autoritários e hegemônicos estabelecidos. Ao compreender o processo cognitivo corpomentemente como não dualista, busco





investigar estratégias de aceitação de si e da outra pessoa, atentando para o contexto social das(os) estudantes e o processo de falência da educação básica pública. A pesquisa tem como principais referenciais: Safatle (2019), para compreender como as experiências de vida produzem os afetos. Damásio (2012), com a perspectiva de como as imagens se constroem. Para tratar do conceito de corponectividade conecto-me as ideias de Rengel (2007). Com hooks (2008) ligo-me com a ética do amor, para afirmar a necessidade de nos amarmos. O educador Paulo Freire é referência para tratar de saberes e práticas da autonomia educativa e Marques (2012) contribui para compreensão de dança como área de conhecimento.

**Palavras-chave:** DANÇA. EDUCAÇÃO. AFETOS. PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS.

**Abstract:** The research proposes to develop teaching-learning strategies that contribute to the expansion of cognitive processes, encourage critical thinking and ways of seeing the world through dance. It intends to develop and systematize learning methodologies, with and for final years elementary school students, which reverberate in emancipatory processes and in the rupture of established authoritarian and hegemonic concepts. By understanding the cognitive process bodily as non-dualistic, I seek to investigate oneself and other person's acceptance strategies, paying attention to the social context of students and the bankruptcy process of public basic education. The research's main references are: Safatle (2019), to understand how life experiences produce affections. Damásio(2012), with the perspective of how images are built. To deal with the concept of corponectivity, I'd opt for Rengel's (2007) ideas. With hooks (2008) I associate with the ethics of love, to affirm the need to love each other. Educator Paulo Freire is a reference when it's about knowledge and practices of educational autonomy and Marques (2012) contributes to the understanding of dance as an area of knowledge.

**Keywords:** DANCE. EDUCATION. AFFECTION. EMANCIPATORY PROCESSSS

## 1. Apresentação

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado em Dança, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ao longo da minha prática artísticopedagógica, tenho me dedicado ao ensino da dança na educação básica pública para crianças e adolescentes. A partir do conceito de corponectividade (corpomente juntos, ou seja, não referente um a outro, mas sim ligados) por Rengel (2007), agrego a esse trabalho o uso de neologismos – como forma de entender pensamento e ação como indissociáveis – para fortalecer a compreensão dos processos cognitivos corpomente:

[...] a proposta é fazer perceber com a palavra escrita, fazer ouvir com o som da palavra lida, para que possamos perceber o som da palavra lida, a multipartibilidade do corpo, sendo corpo não a soma das partes, mas o vínculo, as relações e as



relatividades (relatividade no sentido de ser relativo a alguma coisa) entre as partes” (RENGEL, 2007, p.01).

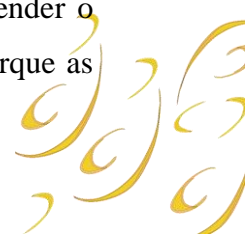
Nesse texto, a criação de neologismos pretende ressaltar e elaborar por meio da junção de palavras uma forma de pensamento pela imagem lida, evitando dicotomias. Assim, contribui para que a dança na escola seja entendida como área de conhecimento – já que ainda nos dias atuais, ela é compreendida como corpo, enquanto outros componentes curriculares como português e matemática, por exemplo, são percebidos como mente – “pois nossos alunos não aprendem apenas por meio de palavras, mas principalmente das imagens e dos movimentos” (MARQUES, 2012, p. 28).

Estou professora na Rede Municipal de Ensino de Salvador há 12 anos. Este espaço escolar me mobiliza para o envolvimento em ações que fortaleçam as relações e o respeito à igualdade de direitos das(os) estudantes. Nesse percurso, percebi que alguns atravessamentos fazem das aulas de dança espaços de insurgências que modificam os planos de aula, seja afetando de forma conflituosa o ambiente escolar ou se desenvolvendo politicamente para processo de construção de conhecimento. Impulsionar os processos emancipatórios na escola, identificar como e quais afetos políticos interferem nas relações interpessoais durante as aulas de dança, é o que objetiva essa pesquisa.

Apresento dados coletados com o desenvolvimento das aulas de dança em ambiente virtual por meio de ensino remoto, na Escola Municipal Teodoro Sampaio, localizada no bairro de Santa Cruz, Salvador-Ba. O grupo é constituído por estudantes dos anos finais do ensino fundamental, as(os) quais em sua grande maioria vivem em um contexto social vulnerável e tem um campo criativo e cultural pouco explorado. Esta pesquisa profissional, apresenta-se ainda, como possibilidade de contribuir para sistematização de procedimentos metodológicos das aulas de dança na escola. Segundo Holliday (2006, p. 21), “quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas”.

A educação na escola pública tem manifestado um estado de crise recorrente em diversos aspectos. O ensino/aprendizagem da dança na escola é permeado por desafios. A falta de espaço físico adequado e materiais que possam auxiliar para um melhor desenvolvimento das aulas de dança, sempre dificultaram as ações propostas. As situações de conflitos existentes durante as aulas se unem a uma falta de política governamental em âmbitos municipal, estadual, federal, que reflete na própria gestão e funcionamento escolar, que tencione ações emancipatórias.

Aprofundar a atenção a este contexto educacional é importante para compreender o que acontece durante as aulas de dança na escola, o que afeta as(os) estudantes e porque as



aulas que poderiam proporcionar troca de saberes, alacridade e uma melhor compreensão de mundo, são espaços de conflitos. Foucault (2012) explana sobre hermenêutica do sujeito, com o conceito do cuidado de si como ato político importante para prática da liberdade. Propõe a capacidade de se conduzir adequadamente para e com as outras pessoas, apartando-se dos mecanismos de repressão e se conciliando eticamente consigo mesma(o), compreendendo que cuidar de si é cuidar da outra pessoa.

A Escola Municipal Teodoro Sampaio está situada em um bairro da cidade de Salvador, que carrega um estigma de violência muito forte. Os algoritmos na internet – conjunto de instruções que coletam dados e disparam informações que buscamos sobre algo ou alguém – e redes televisivas abertas, revelam de forma instituída que aquele é um ambiente complexo de negatividade. Nesse contexto, questiono: como estudantes podem se reconhecer de forma política positivamente, como pessoas que se implicam e são implicadas no fazer coletivo, se as notícias que circulam acerca do ambiente em que elas(es) vivem são demasiadamente depreciativas?

Na escola pública, estudantes negras(os) são maioria e amor é vital para quem teve, e ainda tem, historicamente o ato de ser amado negado, por um pensamento branco interiorizado. Nesse sentido, hooks<sup>4</sup> (2008) é referência com a ética do amor, para reconhecer pontos cegos, como caminhos para expandirmos nossa preocupação com a política de dominação que exclui a população negra. Argumento que a prática de amar precisa ser fortalecida para que estudantes se sintam pertencentes à sociedade, como implicadores de ações e reconheçam seu potencial como pessoapolítica. Safatle (2019) traz contribuições para refletir sobre como os afetopolíticos são produzidos, como eles nos bloqueiam e/ou nos impulsionam. “[...] fundamental é uma reflexão sobre os afetos, no sentido de uma consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que funcionarão como base de sustentação geral para adesão social” (SAFATLE, 2019, p. 37). Em um panorama que se dilata com a pesquisa, no que concerne ao reconhecimento de si para emancipação política das pessoas, proponho dialogar sobre a não individualização dos afetos, no que tange à indissociabilidade das interferências internas e externas.

---

<sup>4</sup> É importante situar que a grafia do nome da escritora afro-americana bell hooks está em letra minúscula em respeito a forma de apresentação adotada por ela. A autora afirma que nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento, sendo o mais importante em seus livros a substância e não quem ela é, de modo que usa esse entendimento como justificativa para escrever seu nome somente com letras minúsculas.



Ao compreender cognição como processo formatado pelo inconsciente, que se constitui por meio da ação, Rengel (2007) fortalece essa pesquisa agregando diálogos multidisciplinares. Quando falo em diálogos, refiro-me exatamente ao conjunto do que somos. Excluir o dualismo corpomente e evitar outras dicotomias, conclui que dança se realiza de diversas formas:

Ensinar à criança que agora é hora da dancinha ou da aulinha de arte para ela relaxar, suar, “praticar a criatividade” é justamente assassinar a sua criatividade, tirar dela a capacidade de saber apreciar esteticamente uma obra e de fazer relações com contextos históricos, sociais, políticos, ambientais (RENGEL, 2009, p.03).

Importante, assim também, atentar para compreensão de que teoria e prática são indissociáveis. “A teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo”. (RENGEL, 2009, p.03).

A dança na escola precisa ser percebida como área de conhecimento que não tem como único objetivo construção de espetáculos e/ou festejos em datas comemorativas. Compreender a função da dança perpassa pelo fortalecimento dessa área de conhecimento, junto as(aos) estudantes e gestão escolar, a fim de disseminarmos os saberes-fazeres da arte da dança. “A dança ensinada e aprendida como linguagem pode permitir, além de repertório pelos intérpretes e pelos apreciadores, a produção de texto em dança.” (MARQUES, 2012, p. 20).

Criar possibilidades de construção de conhecimento em coletividade pode fortalecer as relações interpessoais no ambiente escolar. Para pensar uma educação crítica, com partilha de saberes e que reverbere na autonomia do ensino-aprendizagem, coaduno com as reflexões de Freire sobre as práticas progressistas “[...] Quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2020, p. 25).

## **2. Afetospolíticos**

Afetos são modos de implicações das pessoas. A política, como tomada de posição, é ação que pode mudar o mundo. A sociedade é um circuito de afetos (SAFATLE, 2019) que constitui reconhecimentos de identidades e pertencimento a um determinado local. Compreender afetospolíticos como maneira determinante de formas de vida e, comportamentos sociais que interferem no que somos é fundamental para a vida em sociedade. Assim, investigo uma rede de afetos e elenco alguns atratores como: autoimagem,



respeito mútuo e medo, para reconhecer a história pessoal e coletiva das(os) estudantes nos anos finais do ensino fundamental.

Os afetopolíticos podem bloquear ou impulsionar expectativas emancipatórias. Durante as aulas de dança entender quais são esses afetos pode ser um caminho para reconhecer e conceber transformações. A maneira como somos afetados reverbera socialmente em construção de identidades, como afirma Hall (2006 p. 24), “a idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar estória do sujeito moderno”. Assim sendo, se trabalharmos para o reconhecimento e compreensão de afetos, as aulas de dança na escola poderão fluir de forma mais eficaz e autônoma.

Entender as condições de emergências dos sujeitos políticos é, intervir para que os modos de reconhecimentos de si sejam percebidos como vitais para convivência em sociedade. Safatle (2019, p. 16) aponta que:

Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo o sujeito que ela mesma criou para produzir sentimentos e sofrimentos.

Afetos dizem respeito a uma coletividade, a vínculos sociopolíticos. Vivemos em um circuito de afetos e manifestamos em nossas ações o que e como nos afeta. Buscar diálogos emancipatórios com as pessoas envolvidas no processo educacional sobre afetos que formam e regem uma sociedade, pode refletir em emancipação política e, assim, incentivar estudantes a entenderem a importância do amor próprio como prática de liberdade. hooks (2006, p. 10) sinaliza que:

Ao escolher amar começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover para a liberdade, a agir de maneiras que libertem a nós mesmas/os e a outrem.

Para contribuir com os processos emancipatórios nas aulas de dança, busco em conjunto com as(os) estudantes, estratégias para transformar insurgências em construção de conhecimento e tornar o fruir das aulas de dança efetivo para todas as pessoas envolvidas.

As insurgências que nos deparamos nos processos das aulas, também resultam em uma autonomia do(a) estudante, que a princípio pode vir como uma negação ao que é proposto, como uma forma de transformar determinada atividade que é apresentada naquele momento e até mesmo de inovar de forma surpreendente [...] (RAMOS e BISPO, 2020, p.342).



De acordo com Damásio (2012), as imagens são construções do cérebro. O autor fomenta essa pesquisa acerca da compreensão do comportamento humano, como as imagens perceptivas e evocadas se constroem e, em alguns momentos são reguladas pelo que está ao nosso redor. As movimentações das(os) estudantes nas aulas de dança podem representar suas histórias de vida. É comum durante as aulas percebermos situações que remetem a imagens passadas e/ou cotidianas sendo reproduzidas, como, por exemplo, quando estudantes se negam a participar da aula por medo de olhares de repulsa, antes já percebido. Assim, trato imagens conectadas com o ambiente e ações substanciais de momentos que experienciamos agora e no passado, como propulsoras para compreender movimentos de danças no ambiente escolar. Desse modo, faz-se necessário refletir sobre como as imagens construídas podem contribuir para tomada de decisões e organização social. Assim, entender o que afeta as relações na escola, perpassa por investigações sobre implicações nos processos sóciopolíticos.

Autoimagem é o que nós somos ou pensamos ser (MALTZ, 1960). De modo geral, ela é posta como sendo negativa ou positiva. Importante frisar que a autoimagem e muitos outros aspectos que nos constituem, é colocada de tal modo polarizada, que fica impossível considerar que há dias que a própria imagem pode estar um pouco ruim, negativa. Porém, com uma reflexão crítica do que está ocorrendo é possível abordar a questão. De todo modo, intento contribuir para fortalecer a autoimagem positiva das(os) estudantes, no sentido de ser emancipatória, crítica, autorreflexiva e confrontar com culturas coloniais estabelecidas socialmente.

O medo pode nos afastar do convívio sociopolítico. É um afeto que pode paralisar e fazer aderir às normas sem questionamentos. No contexto escolar percebo que o medo circula de modo instituído. Nas aulas de dança na escola, o medo de se expor das(os) estudantes contribui para o afastamento das atividades e/ou gera conflitos durante as mesmas, pois, “sistemas políticos que compreendem como fundamentados a institucionalização de liberdades individuais são indissociáveis da gestão e produção do medo”(SAFATLE,2019, p. 17).

É importante considerar que, entender os próprios medos pode ser um caminho para fortalecer os processos emancipatórios. Assim, formar grupos nas aulas de dança, com liberdade de expressão, compartilhamento de valores e objetivos gerados em conjunto, pode estimular a interação social. Safatle (2019) explana sobre o medo como indissociável da compreensão do indivíduo, como fundamento para processos de reconhecimento. Assim, argumentar sobre medo como necessário para nossa existência, pode contribuir para coesão





social no ambiente escolar público, reverberar na ruptura de conceitos hegemônicos estabelecidos e suscitar a sapiência de afetos.

Na pesquisa de como afetopolíticos interferem nas relações interpessoais nas aulas de dança, penso ser relevante o modo de registro de práticas no fluxo diário educacional para extrair ensinamentos da própria experiência e compartilhá-los em outros modos de experiências. Ou seja, a partir da experiência da dança, proponho outra experiência que é a criação de um e-book com escritas de si, escritas, reafirmo emergidas da dança, do movimento. Escritas como processo cognitivocorporneativo.

Necessário fundamentar a “escrevivência” ensinada por Conceição Evaristo que traz escrever vivências como escrita de um corpo, de uma condição, como processo que não separa ação do pensamento. “[...] um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos [...]” (EVARISTO, 2020, p. 49).

A necessidade de trazer vivências históricas para o reconhecimento de afetos que interferem no ensinoaprendizagem da dança é considerável, pois, a escrita de si pode trazer “formas retóricas de representação e dramatização assumidas pela experiência (individual e coletiva)” (FONSECA, 2020, p. 65). Desse modo, a escrita pode contribuir para o reconhecimento de identidades e reafirmar o lugar como pessoa políticosocial.

Escrever sobre si fomenta o respeito mútuo, pois, quando eu me reconheço, respeito meus limites e das outras pessoas. A escrita pode retomar movimentos e/ou, imagens evocadas do passado, com intuito de lembrar acontecimentos, mesmo de forma pouco substanciais, pois ficam pouco tempo retidas e surgem incompletas, para contribuir na descoberta de afetos. A compreensão de acontecimentos passados pode ajudar as(os) estudantes a perceberem o que as(os) afeta e assim, fazer o fruir das aulas de dança mais efetivo.

Ao utilizarmos imagens evocadas, podemos recuperar um determinado tipo de imagem do passado, a qual foi formada quando planejamos qualquer coisa que ainda não aconteceu mas que esperamos que venha a acontecer, como por exemplo reorganizar nossa biblioteca no próximo fim de semana (DAMÁSIO, 2019, p. 102).

Retornar ao passado, mesmo que seja um passado contíguo, para nos reconhecermos, pode trazer experiências de escritas reveladoras de momentos que experenciamos. “Essas experiências são recuperadas por estratégias que instalam no ato do escrever, as emoções do experimentar e do viver” (FONSECA, 2020, p. 61). Compreender a lógica das relações nos permite pensar o que fazemos, como e para quem. Privilegiar o reconhecimento de afetos



resulta em processos emancipatórios. A escrita de si agregada às imagens evocadas ou perceptivas e autoimagem positiva, podem revelar os afetospolíticos que atravessam as(os) estudantes envolvidas(os) neste estudo. Compreendo que a descoberta de afetos é relativa a cada contexto e pessoas, para tanto, argumento que esta pesquisa pode auxiliar na descoberta de afetospolíticos em diferentes ambientes escolares. Para tal, a sistematização de experiências é necessária, tanto para as pessoas envolvidas no processo, como para outras que se interessem em fortalecer as relações de ensinoaprendizagem da dança no ambiente escolar. A vista disso, projeto sistematizar as aulas de dança, a partir de Holliday (2006).

[...] a sistematização permite incentivar um *diálogo* entre saberes: uma articulação criadora entre o saber cotidiano e os conhecimentos teóricos, que se alimentam mutuamente. Esta é talvez uma das tarefas privilegiadas da educação popular, o que reafirma a importância fundamental de sistematizar nossas experiências, não só pelas possibilidades que têm, mas pela responsabilidade que implica para nós, educadores e educadoras populares (HOLLYDAY, 2006, p. 37).

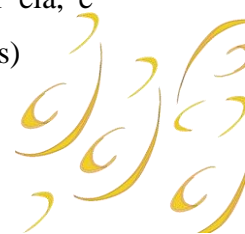
### 3. Dançandonotexto

A dança é uma forma de conhecimento. Na escola, ela é capaz de contribuir para o desenvolvimento dos processos cognitivos, ampliar o pensamento crítico e formas de ver o mundo. A sala de aula pode ser um ambiente para troca de experiências e fortalecimento das relações. Refletir sobre a interação das pessoas com o ambiente onde vivem de maneira política, emancipatória e afetiva, é essencial para a construção do sujeito capaz de se reconhecer como parte da sociedade.

No ambiente escolar, o desafio para explicitar qual o papel da dança, como uma disciplina que traz contribuições para o desenvolvimento das pessoas dentro de perspectivas heterogêneas, amplia habilidades motoras e expressa os sentimentos inerentes ao ser humano, constitui/faz parte de uma rotina diária de professoras(es).

O fazer-sentir dança enquanto arte nos permite um tipo diferenciado de percepção, discriminação e crítica da dança, de suas relações conosco mesmos e com o mundo. Ao contrário do que pensa o senso comum, a dança não é um amontoado de emoções que permite que nos “autoexpressemos desanuviemos as tensões”, sintamos o íntimo da alma (MARQUES, 2012, p. 27).

O surgimento da pandemia agravou essa conjuntura de falência da educação básica pública existente há muito tempo na sociedade. Perceber o quanto as(os) estudantes estavam/ão inseridos nessa situação de crise existente e o quanto são afetados por ela, é fundamental. Importante entender certos comportamentos, bem como o contexto das(os)



estudantes envolvidas(os) fora do ambiente escolar, para o desenvolvimento de ações na escola que diminuam essa disparidade social, que na pandemia se tornou mais evidente. “A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade” (SANTOS, 2020, p. 5).

O conhecimento da vida cotidiana da(o) estudante é relevante para contribuir com um melhor desenvolvimento cognitivo nas suas ações dentro e fora da escola. Contudo, esse cotidiano foi afetado por um vírus que interrompeu as aulas presenciais. Diante disso, tornou-se necessário por parte de educadoras(es), investir em conhecimentos tecnológicos para adaptar o ensino da dança ao ambiente virtual. Construir conhecimentos de forma remota é intenso e desafiador. Buscar constantemente mecanismos que tornem as aulas virtuais atrativas, que diminuam disparidade do ensino público e privado – já que nesse contexto as instituições particulares têm e sempre tiveram um diferencial de organização que supera as instituições públicas – perpassa por um fazer diário com tentativas de adaptar o ensinoaprendizagem ao contexto atual.

Estabelecer o ensino remoto é laborioso, se este for nas redes públicas é demasiadamente intrincado. E quando pensamos em um novo formato para a educação, é ainda mais desafiador quando o ensinoaprendizagem é voltado para a dança. Pois, sendo a dança uma área de conhecimento que necessita de artefatos como espaço mínimo que permita mobilidade das pessoas, a dificuldade para realizar as aulas remotas se torna maior. A grande maioria das(os) estudantes não têm espaço suficiente em suas residências para mover-se, além do desafio que é incentivá-las(os) a ligarem suas câmeras durante as aulas remotas.

Nesse período de aulas remotas, professoras(es) desabafam sobre suas dificuldades em convencer estudantes a participarem das aulas com as câmeras abertas. Muitas vezes, por vergonha do espaço em casa e/ou por entender desnecessário mostrar sua imagem, resistem a ligar as câmeras. Vale ressaltar, que na dança é imprescindível perceber se as pessoas estão participando das aulas, para analisar se o fazer artístico foi entendido e/ou está sendo acompanhado e até mesmo para prevenir algum acidente por não compreensão da atividade proposta. Exemplo dessa situação, foi quando um estudante, depois de muita insistência, ligou a câmera e para surpresa da turma, estava deitado na cama, enquanto estávamos todas(os) em pé executando a atividade combinada.

Ao contrário do que a política governamental propõe, as aulas online na escola Municipal Teodoro Sampaio, estão sendo fomentadas pela gestão escolar e professoras(es) com muito comprometimento. Oportunizar o acesso à educação de qualidade a todas(os) estudantes da unidade escolar está decorrendo de maneira síncrona e assíncrona com muito



profissionalismo. Porém, a dificuldade ainda é grande, por carência tecnológica e/ou falta de estímulos com o ensino remoto, não temos uma quantidade consistente de estudantes que participam das aulas.

O processo de produção de conhecimento na Rede Municipal de Ensino de Salvador, durante a pandemia tornou-se algo quase inacessível. A virtualidade das aulas não atinge uma quantidade significativa de estudantes. Ter acesso à tecnologia e/ou ter estímulos diante das dimensões avassaladoras, pela qual passa o país, exige compreensão de todas as pessoas envolvidas no desempenho educacional. Portanto, construir possibilidades contra hegemônicas pode ser o caminho para diminuir esse abismo educacional que transborda o caos existente. Contudo, a concepção dessas possibilidades perpassa por estruturas sociais estabelecidas, que impõem quem pode ou não ter acesso a uma educação de qualidade.

Atualmente as aulas de dança acontecem uma vez por semana, com estudantes de turmas mescladas, para que tenhamos uma quantidade significativa para troca de saberes-fazer. A cada aula de dança as(os) estudantes se sentem mais ambientadas(os) com a virtualidade, ainda que o processo de abertura de câmeras aconteça com muita delonga. O ensino-aprendizagem da dança de forma remota é instigante, um aprendizado que não se apartará da vida das pessoas. Durante as aulas, os afetos inauditos aparecem em formas de sorrisos, com uma rápida abertura de câmera ou com um alegre “boa tarde pró, estou com saudades”. O ato de afetar e ser afetado envolve as aulas no ambiente virtual de maneira revolucionária. A presença de estudantes demonstra que a educação pública básica precisa ser respeitada por meio de um ensino com equidade, igualitário em direitos e eficaz.

É imprescindível que exista uma política governamental que tencione uma educação pública de qualidade, sendo gerada com e para o público-alvo. Disseminar inquietações com relação ao destino que a educação básica pública vem delineando, é importante para provocar o pensamento crítico da sociedade. Perceber o que afeta as(os) envolvidas(os) no processo educacional e criar dispositivos de mudanças, precisa ser um compromisso coletivo. Quando conseguirmos aniquilar esses padrões hegemônicos e percebermos as pessoas em seus ambientes, talvez, o modelo de ensino público estruturado para a falência seja modificado. “[...] quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica tudo o resto” (SANTOS, 2020, p.05). Uma crise, por natureza é passageira. O desmonte do ensino básico público, reafirma quanto o objetivo da crise é não ser solucionada. A educação é eixo estruturante de uma sociedade, que ao longo do tempo teve suas desigualdades neutralizadas. Assim, findar com estruturas opressivas classistas pode conceber níveis igualitários de desenvolvimento educacional para todas as pessoas.



## Referências

- DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado-. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: DUARTE, Conceição e NUNES, Isabela (org). Ilustração Goya Lopes. **Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. Ed-Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.
- FONSECA, Maria Nazareht. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Conceição e NUNES, Isabela (org). Ilustração Goya Lopes. **Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. Ed-Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro-. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.
- HOOKS, Bell. Love as the practice of freedom. In: **Outlaw Culture. Resisting Representations**. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243–250. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento.
- \_\_\_\_\_. **Vivendo de amor**. Tradução Maísa Mendonça. 2008.
- MALTZ, Maxuell. **Psicocibernética: uma nova maneira de dar mais vida à sua vida**. 1960. Record.
- MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Dança na escola: arte e ensino** Ano XXII-Boletim 2. Abril 2012.
- RAMOS, Renilza e BISPO, Rosecleide. Dança na escola: Ingresso, percurso, permanência e insurgências. In: SANTOS, Eleonora; COUTINO, Denise; DOMENCI, Eloisa; CASTRO, Daniela; TRIGO, Clara. (Orgs). **Dança em relatos de experiência**. Cadernos de resumo expandidos – Salvador /; ANDA, 2020. – 490p.: il. – (Coleção Quais danças estão ‘por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 10). ISBN 978 6587431 08 6 ISBN - Coleção 978 65 87431 12 3
- RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. São Paulo, 169 f. Tese de doutorado Comunicação e semiótica. São Paulo, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica**. R. cient. /FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan. /jun. 2009 1.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. ISBN 978-972-40-8496-1 CDU 347 Edições Almedina/AS, abril 2020.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos, corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2ª edição revista (1ª edição Cosac Naify, 2015). Autêntica. ISSN: 2238-1112

Acesse o texto (Ctrl + clique)

[Artigo - Congresso da ANDA 2021](#)



#### 4.1.2.4 I Encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas: criação de saberesfazeres que emergem dos cotidianos - resumos publicados

##### Anais do I Encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas



Acesse o texto (Ctrl + clique)

[Resumos - I Encontro de Pesquisa](#)

#### Dança e modos de implicações de afetos: processos emancipatórios na escola pública

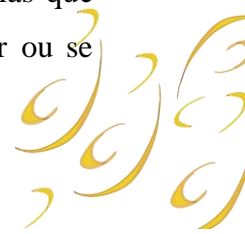
Renilza Machado Ramos

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Palavras-chave:** Dança. Afetos. Processos emancipatórios.

Este estudo é parte de uma pesquisa de Mestrado em Dança, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O espaço escolar me mobiliza para o envolvimento em ações que fortaleçam as relações e o respeito à igualdade de direitos das(os) estudantes. Nesse percurso docente, percebi que alguns atravessamentos fazem das aulas de dança espaços de insurgências que modificam os planos de aula, seja afetando de forma conflituosa o ambiente escolar ou se





desenvolvendo politicamente para processo de construção de conhecimento. Impulsionar os processos emancipatórios na escola, identificar como e quais afetos políticos (SAFATLE, 2019) interferem nas relações interpessoais durante as aulas de dança, é o que objetiva essa pesquisa.

Para contribuir com os processos emancipatórios nas aulas de dança, busco em conjunto com as(os) estudantes, estratégias para transformar insurgências em construção de conhecimento e tornar o fruir das aulas de dança efetivo para todas as pessoas envolvidas. Compreender a função da dança na escola perpassa pelo fortalecimento dessa área de conhecimento, junto as(aos) estudantes e gestão escolar, a fim de disseminarmos os saberes-fazer da arte da dança. “A dança ensinada e aprendida como linguagem pode permitir, além de repertório pelos intérpretes e pelos apreciadores, a produção de texto em dança” (MARQUES, 2012, p. 20). Importante, assim também, atentar para compreensão de que teoria e prática são indissociáveis. “A teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo”. (RENGEL, 2009, p.03).

Na pesquisa de como afetos políticos interferem nas relações interpessoais nas aulas de dança, penso ser relevante o modo de registro de práticas no fluxo diário educacional para extrair ensinamentos da própria experiência e, compartilhá-los em outros modos de experiências. Para pensar uma educação crítica, com partilha de saberes e que reverbere na autonomia do ensino-aprendizagem, coaduno com as reflexões de Freire sobre as práticas progressistas “[...] Quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 2020, p. 25).

Aprofundar atenção a este contexto educacional é importante para compreender o que acontece durante as aulas de dança na escola, o que afeta as(os) estudantes e porque as aulas que poderiam proporcionar troca de saberes, alacridade e uma melhor compreensão de mundo, são espaços de conflitos. Foucault (2013) explana sobre hermenêutica do sujeito, com o conceito do cuidado de si como ato político importante para prática da liberdade. Propõe a capacidade de se conduzir adequadamente para e com as outras pessoas, apartando-se dos mecanismos de repressão e se conciliando eticamente consigo mesma(o), compreendendo que cuidar de si é cuidar da outra pessoa.

Ademais, a educação é eixo estruturante de uma sociedade, que ao longo do tempo teve suas desigualdades neutralizadas. Assim, findar com estruturas opressivas classistas pode conceber níveis igualitários de desenvolvimento educacional para todas as pessoas, proporcionando o (re)conhecimento de si como pessoa política pertencente à sociedade como um todo.



## Referências

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** 65ª ed.- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- MARQUES, ISABEL. **Dança na escola: arte e ensino** Ano XXII-Boletim 2. Abril 2012.
- RENGEL, Lenira. **Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica**. R. cient. /FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan./jun. 2009.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos, corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2ª edição revista (1ª edição Cosac Naify, 2015) Autêntica, 2019.

### **Ensino remoto da dança na rede municipal de Salvador: sujeitos e contextos na pandemia da Covid-19**

Renilza Machado Ramos (UFBA)

Rosecleide Lima Bispo (UFBA)

**Palavras-chave:** DANÇA. PANDEMIA. ENSINO REMOTO.

Este trabalho discorre sobre um contexto de crise já existente na rede municipal de ensino de Salvador, porém, agravada pelo surgimento da pandemia da Covid-19. O âmbito escolar, assim como outros segmentos, foi fortemente afetado por essa situação. Abranger e problematizar a realidade sócio-político-cultural-sensório-intelectual das pessoas envolvidas no ambiente educacional, faz-se necessário para nos fortalecermos no abismo que tornou mais difícil o acesso de estudantes da escola pública à educação básica. Criar possibilidades de construção de conhecimento e acesso à dança sejam elas presencial ou remoto, requer estratégias de inserção e de inúmeras transformações para que esta possa se tornar acessível a todos(as) os(as) estudantes.

A educação na escola pública tem manifestado um estado de crise recorrente em diversos aspectos. “A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade” (SANTOS, 2020, p. 5). Essa afirmação traz à reflexão que uma crise já existia. O surgimento da pandemia agravou essa conjuntura existente há muito tempo na sociedade em diversos âmbitos. Perceber o quanto os(a) alunos(as) estão inseridos nessa situação de crise existente e o quanto são afetados por ela, é fundamental.



O ambiente escolar é um local que foi altamente afetado por esta situação de pandemia. Estabelecer o ensino remoto é laborioso, se este for nas redes públicas é demasiadamente intrincado. E quando pensamos em um novo formato para a educação, é ainda mais desafiador quando a aprendizagem é voltada para o ensino da dança. O processo de produção de conhecimento na rede municipal de ensino de Salvador, durante a pandemia tornou-se algo quase inacessível. A virtualidade das aulas não atinge uma quantidade significativa de estudantes. Ter acesso à tecnologia e ter estímulos diante das dimensões avassaladoras, pela qual passa o país, exige compreensão de todas as pessoas envolvidas no desempenho educacional.

O conhecimento da vida cotidiana do(a) estudante é relevante para contribuir com um melhor desenvolvimento cognitivo nas suas ações dentro e fora da escola. “A teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo.” (RENGEL, 2009, p.03). Contudo, essa escuta e observação dos comportamentos de maneira mais aproximada, uma vez que existia a presença, foram dificultadas pela incursão de um vírus que interrompeu os processos das aulas presenciais.

Como temos afirmado, faz-se necessário estabelecer novos meios e metas de aprendizagem, porém, com mais dificuldades, pois, como traz Santos (2020), a atual pandemia confirmou que tal crise se tornou perceptível devido a uma situação inusitada imposta por um vírus. Provavelmente em situações ditas “normais”, essa crise não seria visível, não seria perceptível pela sociedade, mas estaria sendo vivida em diversos ambientes e contextos.

Sendo a dança uma arte que necessita de artefatos como espaço mínimo que permita mobilidade dos sujeitos, a dificuldade para realizar as aulas remotas se torna maior. Construir possibilidades contra- hegemônicas pode ser o caminho para diminuir esse abismo educacional que transborda o caos existente. Contudo, a concepção dessas possibilidades perpassa por estruturas sociais estabelecidas, que impõe quem pode ou não ter acesso a uma educação de qualidade

### **Referências**

- KRENAC, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Abril 2020  
RENGEL, Lenira Peral. **Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica**. R.cient./FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan./jun. 2009 1  
SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. ISBN 978-972-40-8496-1 CDU 347 edições Almedina/AS abril 2020



## Dançasvivências: memórias no/do cotidiano da escola pública

**CEDPAM**

Juliana Fernandez Castro

Lorena Conceição Moreira de Oliveira

Mayanna Costa Martins

Renilza Machado Ramos

Rosecleide Lima Bispo

Secretaria Municipal de Educação de Salvador- BA

**Palavras-chave:** Dança. Educação. Escola pública.

O CDEPAM - Coletivo Dançante Escola Professoras Artistas Master dança memórias do presente cotidiano dentro das escolas, equívocos e aberrações proferidas em relação à educação pública no Brasil. De forma leve, assertiva e bem-humorada, movemos questões que possibilitam chamar a atenção da sociedade em geral. Reviramos possibilidades de uma educação que seja equidade, liberdade, empatia, afeto, respeito às diferenças, direito à vida e à dignidade. Este é um coletivo de mulheres que vivem o chão da Escola em cosmo sentidos; propondo alternativas outras, por meio das frestas de um sistema educacional que ainda insiste em funcionar sob a lógica da opressão, do descaso, da insensatez, do patriarcado, do colonialismo e da fábrica de corpos. “[...] trata-se de uma questão propriamente filosófica: [...] saber se o sistema de ensino tem por pressuposto uma desigualdade a ser “reduzida”, ou uma igualdade a ser verificada.” (RANCIÈRE, 2011, p. 12).

Sugerimos e lutamos por espaços escolas de potências de sabenças pluriversais. De acordo com (Nogueira, 2018) pluriversalidade não nega a universalidade, mas amplia a ideia de visão do mundo. Nesse sentido não cabe uma visão do conhecimento que seja o mesmo para todas as pessoas. Pois bem, a proposta do coletivo vai na contramão de lógicas que funcionem sob perspectivas conteudistas, dualistas e universalistas. Já está difícil respirar, são tantos aparatos que tiram a liberdade, mas que não podem sufocar o grito pela necessidade de que liberta e que emancipa. Segundo Freire (2020) estudantes promovem sua própria liberdade e consequentemente sua autonomia e assim, podem se posicionarem diante dos diversos contextos.

Educação no papel sufoca as vozes, as ações de estudantes, professoras, coordenadoras, gestoras. A educação no papel empilha aprendizagens, vontades. Em nossos



processos criativos enfatizamos que os espaços de educação tenham mais Danças e menos planilhas, menos papeis. A Dança, enquanto área de conhecimento engendra novas narrativas de si e de mundo. Dançar move ideias, pensamentos, conhecimentos. O conhecimento, entendido por nós não é algo que vem de fora para dentro. Conhecimento é corpo. Um corpo que é “corponectivo” (RENGEL, 2007), ou seja, corpamente juntos e em interação contínua com o ambiente.

Educar com a Dança, educar por meio da Dança, provocar movimentos libertadores que desvendam novas trilhas. Educar a ação. Educação! Como professoras artistas trazemos para a nossa dança as experiências do cotidiano escolar. Pesquisamos com o cotidiano e sabemos da responsabilidade das releituras que fazemos, pois coadunando com Garcia (2010) que pesquisar o cotidiano não é tarefa simples, porque é uma constante relação com a imprevisibilidade, com um desnudar o que não é visto e nem dito. As narrativas construídas com nossas Danças não trazem nenhuma ideia de início, meio e fim. Lidamos com a complexidade do dia a dia na escola em amplo sentido. Essas narrativas são sempre processos e se apresentam hipertextualizadas, ou seja, com possibilidades de aberturas de inúmeras janelas, permitindo assimetrias e articulações em redes engendradas de saberes.

### **Referências:**

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 48º ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GARCIA, Regina Leite. (Org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis: DP et Alii, 2010.
- Odeere: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, julho – dezembro de 2018.
- RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual / Jaques Rancière ; tradução de Lílían do Valle – 3. Ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.
- RENGEL, Lenira Peral. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) – Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

#### **4.1.2.5 Congresso UFBA 75 anos - mesas temáticas**

A mesa Insurgentes Danças - Corponectivos propiciou debate acerca de estudos de pesquisadoras(es) integrantes do grupo de pesquisa Corponectivos em Danças. Com o intuito de discutir e compartilhar nossas pesquisas, entrelaçando as insurgências cotidianas como transgressão emancipatória. Cada pessoa pesquisadora em sua área de atuação, nos diversos âmbitos educacionais, explanou sobre seus saberesfazeres e suas relações com a pesquisa em



desenvolvimento. Perspectivas de Danças em ações artísticopedagógicas, reuniu quatro estudantes da turma do ano de 2020 do PRODAN, para dialogar sobre suas pesquisas e seus contextos de atuação.



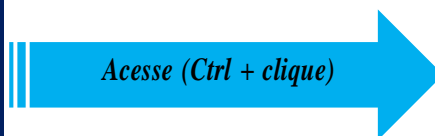
[Insurgentes Danças - Corponectivos](#)



[Perspectivas de Danças em ações artísticopedagógicas](#)

#### 4.1.2.6 Curso Produção de Recursos Didáticos em Meio Digital para Implementação da Lei nº 10.639/03 - e-book

É um livro digital que resultou do curso Produção de Recursos Didáticos em Meio Digital para Implementação da Lei nº 10.639/03. O curso foi realizado no ano de 2021, à distância, no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Instituto de Educação à Distância (IEAD) da UNILAB, com uma carga horária de 180 horas e voltado a docentes da rede pública de ensino e estudantes de Licenciatura da UNILAB.



[E-book](#)





## 4.2 ATO III - CENA II

### 4.2.1 Eventos Científicos e Acadêmicos com apresentação artística

A participação em eventos com apresentação artística foi muito importante para a minha construção artísticopedagógica durante o percurso do mestrado, pois, como comunica Rengel (2007), somos corpospessoas, teóricospráticos e as ações se imbricam. Os trabalhos artísticos foram conectados a, pelo menos, uma palavra-chave da pesquisa em curso. Desenvolver ações realizadas durante as andanças do Mestrado Profissional em conjunto com a minha ação pedagógica compõe a noção de pesquisa implicada, como relacionam Macedo e Sá (2018):

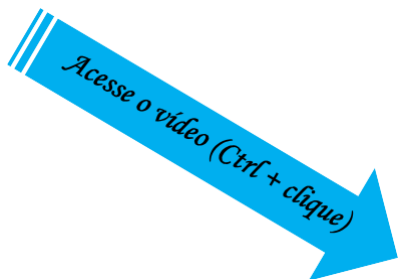
[...] a concepção de pesquisa aqui trabalhada, entretetece sem hierarquizações e antinomias, implicação como competência epistemológica e qualidade investigativa. Nestes termos, vínculo, pertencimento e afirmação como mobilizadores de modos de criação de saberes e atores como sujeitos coletivos criadores interativos de sapiências emergem numa lógica e numa epistemologia social ao mesmo tempo heurística e acionalista. (MACEDO; SÁ, 2012, p. 332)

Portanto, as ações criativas que acontecem no ambiente acadêmico se unem às criações heurísticas no ambiente escolar, com modos de afetos e imbricamentos relacionados à vida das pessoas envolvidas e seus contextos, formando uma imensa teia epistemológica. Com a noção de pesquisa implicada delineada pelo PRODAN (2019), para contribuir com “[...] um processo contínuo e demorado de transição de um paradigma dominante – regulador –, para o paradigma emergente – emancipatório, inclusivo e solidário” (RANGEL; AQUINO; ROCHA, 2021, p. 671), trago Danças que suscitem a emancipação de corpospessoas, pois professoras(es) artistasfruem a arte em todos os âmbitos, seja ele acadêmico, social e/ou pessoal. Essas Danças foram criadas a partir das ações do/no Mestrado Profissional. Sinto-me honrada em ter construído durante minha trajetória no PRODAN com essas ações artísticas, perfazendo a não separação do artísticopedagógico. Foi revigorante, principalmente nesse momento pandêmico, dançar as inquietações do mundo atual e da minha pesquisa.



#### 4.2.1.1 Congresso UFBA - 2020 - edição virtual

A intervenção artística **Afetividade e dança: Por um reconhecimento de identidades na escola pública** foi apresentada no congresso virtual UFBA, 2020. Traz um eixo que conecta três pesquisas em processo no Curso de Mestrado Profissional em Dança - PRODAN/UFBA. Junto ao mestrado, somos duas professoras de Dança da Rede Municipal de Ensino de Salvador-BA há doze anos e uma ex-professora da mesma rede de ensino, a qual atuou por quatro anos. Nesta intervenção artística, trazemos nossas Danças que buscam fomentar em nós, nas crianças e nos adolescentes, que são nossas(os) estudantes, o respeito a cada pessoa, que traz uma ancestralidade, na maioria das vezes, não reconhecida. Reconectar-se com a própria história, do passado e do presente, tem grande importância na construção das identidades.

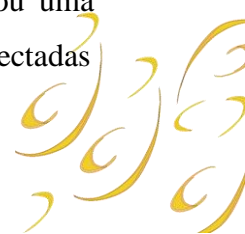


[Intervenção artística apresentada no Congresso virtual UFBA 2020](#)

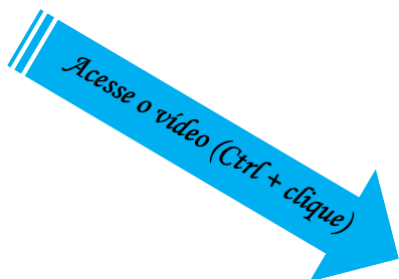
#### 4.2.1.2 Corponectivos em Danças - Mergulhos e Travessias V Seminário/2020

As corponectivas danças do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças, do qual eu sou integrante, realizou, em 2020, o seu V Seminário Mergulhos e Travessias: Estados do Corpo: “Corpo moribundo”, “Corpo sofredor”, “Corpo jubiloso”. Esses estados de corpos, com que Santos (2019) dialoga, caminha por essa gama de Danças travessias do V Seminário do grupo. Levar às telas esses corpos que precisam de atenção, os excluídos, os que celebram a alegria, os que lutam contra opressão, por meio da Dança, pode trazer uma intensidade de transgressão emancipatória. Como explana Santos (2019, p. 119): [...] combinado com a intensidade e a intencionalidade do movimento, confere à dança uma ambiguidade específica, uma abertura de sentido que, dependendo do contexto, pode ser muito útil, no seu potencial de transgressão [...].

O solo “**momentos**”, apresentado por mim, agregado a tantos outros, formou uma rede de imagens, interligadas por pesquisas diversas que delinearão as Danças conectadas



pelo ambiente virtual, corpospeçosas (RENGEL, 2007). Pessoas de várias localidades do Brasil reverberaram Danças existentes em si culminando em Danças existentes em outras(os).

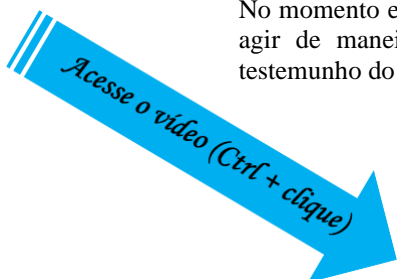


[Dança apresentada no V Seminário Corponectivos em Danças](#)

#### **4.2.1.3 Pulso - 36º Painel performático da Escola de Dança da UFBA - edição virtual 2020.1**

A participação no 36º painel performático, da Escola de Dança da UFBA em parceria com Juliana Castro, foi recheada de afetos. A partir dos textos de bell hooks, “O amor como prática da liberdade” (2006) e “Vivendo de amor” (2008), criamos nossa Dança FragmentAMAR. Enquanto estivermos fragmentadas pela não aceitação, pela opressão, pela vergonha e exploração, fica distante amar a si e às outras pessoas de maneira plena. Falar sobre o ato de amar é uma ação emancipatória. O texto estudado para a apresentação do 36º painel performático fala sobre a necessidade de aprendermos a amar e ser amadas(os), principalmente à população negra, que teve esse ato negado, e ainda têm até os dias atuais. FragmentAMAR, propõe diálogos acerca da necessidade do reconhecimento positivo de si para emancipação política de todas as pessoas. Assim, se eu me reconheço como pessoa implicada com a sociedade que vivo, eu luto contra opressão, pois:

Ao escolher amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover para a liberdade, a agir de maneiras que libertem a nós mesmas/os e a outrem. Essa ação é o testemunho do amor como a prática da liberdade. (hooks, 2006, p. 10)



[Dança apresentada no 36º Painel performático da escola de Dança da UFBA](#)



#### ***4.2.1.4 Revista Educação Básica em Foco***

Atentando para outras possibilidades de Danças, o coletivo Cdepam foi selecionado para publicar na Revista Educação Básica em Foco com o vídeo “Educação de papel?” Nesta demonstração poética do movimento, apresentamos uma Dança defendendo menos educação de papel e mais educação de vida. A escola é um espaço de potência de sabenças pluriversais, mas que é negligenciada por uma lógica conteudista, dualista, bancária e universalista. Já está difícil respirar, são tantos aparatos que tiram a liberdade, mas que não podem sufocar o grito pela necessidade de uma educação libertadora, que emancipa.

**Acesse o vídeo (Ctrl + clique)**

[Pulicação na Revista Educação Básica em Foco](#)

#### ***4.2.1.5 Sobreviver - 37º Painel performático da Escola de Dança da UFBA - edição virtual 2021.2***

**Entre gotas de afetos, cuidados e caos**, foi um trabalho construído pelo Cdepam. Entrelaçar nossas ações nas escolas, tecendo caminhos que promovam o autocuidado, principalmente no caos educacional em que vivemos, é o que mostramos nessa intervenção artística. Cuidar de si e das outras pessoas pode ser considerado um pressuposto para transformação dos corpos e fortalecimento das relações interpessoais. Foucault (2004, p. 269) aponta que: “Não é possível cuidar de si sem se conhecer”. Assim, nessa construção coletiva, reverberamos nossos afetos acerca dos nossos saberesfazeres no ambiente escolar público.

**Acesse o vídeo (Ctrl + clique)**

[Apresentação no Painel Performático da Escola de Dança](#)



#### **4.2.1.6 Congresso UFBA 75 anos - Planilha, sua lá ela! Cdepam**

Nessa intervenção artística, reverberamos acerca da educação bancária (FREIRE, 2020). Somos direcionadas a depositar em planilhas, conteúdos que não se conectam com a realidade das(os) estudantes. Que impedem ações de Danças que possibilitam a comunicação entre pessoas. Essa educação bancária impede que a educadora(or) se comunique, para apenas fazer comunicados. E que apenas depositemos conteúdos em nossas(os) estudantes.

PLANILHAS - um panóptico que suprime a liberdade, frustra, enquadra.



[Planilha, sua lá ela! - Apresentação no Congresso UFBA 75 anos](#)



**5 ATO IV**  
**ANEXOS COMPROBATÓRIOS DAS ANDANÇAS**  
**ACADÊMICAS**





A pandemia do coronavírus (COVID 19) parou o mundo. Quase tudo ficou na modalidade on-line e tivemos que nos reinventar. Eu precisava continuar com os estudos para driblar esse momento avassalador da história mundial.

O ingresso no Mestrado Profissional em Dança foi o ponto de partida para toda essa gama de ações de que participei. O retorno ao ambiente acadêmico me trouxe mais vitalidade. Os simpósios, os congressos, os seminários, os cursos e as *lives* surgiram de forma motivadora nas minhas andanças. Percebi, nessas ações, o crescimento profissional e a vontade cada vez maior de pesquisar. Foram momentos intensos, cansativos, mas foi extremamente gratificante estudar e, mesmo sem sair de casa, estar em eventos acadêmicos e educacionais pelo Brasil.

Essas intensas ações me propiciaram um maior repertório para dialogar tanto nas aulas do mestrado quanto com as(os) estudantes a quem leciono, assim como para minha vida pessoal. Acessei novos referênciais, ouvi relatos e também relatei. Me senti ativa e pulsante. Sou uma profissional que acredita no diálogo e na emancipação por ações que reverberem afetos e sorrisos. Cada um desses eventos de que participei contribuiu para toda construção deste trabalho e ampliou minha consciência política.

Assim, continuo pesquisando e disseminando todo esse aprendizado que o Mestrado Profissional em Dança está me proporcionando com as(os) queridas(os) estudantes da Escola Municipal Teodoro Sampaio. Argumento que está me proporcionando aprendizados, pois esses anos de estudos continuarão reverberando em todos os momentos da minha vida de maneira ativa, reflexiva e emancipatória.

Corponectada com estudantes, tecer conhecimentos e ações desbravadoras me constituíram uma pessoa mais questionadora acerca de procedimentos que compõem a educação básica pública. Atenta à falência educacional instituída, almejo uma educação pública que respeite o direito das pessoas envolvidas nessa comunidade escolar e seus reflexos futuros. Desse modo, pesquisei e confrontei ações cotidianas na escola, por meio de um amplo ciclo de ensinoaprendizagem, a fim de contribuir para emancipação coletiva no âmbito educacional público.



## AÇÕES FORMADORAS



**CONGRESSO VIRTUAL UFBA**  
UNIVERSIDADE EM MOVIMENTO 2020

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

**Afetividade e dança: por um reconhecimento de identidades na escola pública.**

  
Lissandra Santos

  
Renilza Ramos

  
Rose Lima

PARA ASSISTIR, ACESSE:  
[WWW.CONGRESSO2020.UFBA.BR](http://WWW.CONGRESSO2020.UFBA.BR) OU  
[YOUTUBE.COM/CONGRESSOUFBA](https://www.youtube.com/channel/UC...)  
[WWW.TVUFBA.COM](http://WWW.TVUFBA.COM)



**Live** *Mulheres de Luz*



**Viviane Pádua**  
Mediadora  
@afilhasdaluz

**Reni Ramos**  
Mestranda e professora da  
rede pública de ensino  
@reniramos

**Tema :**  
Autoimagem e construção do  
sujeito.



**17/07** **17h**



MUNICIPAL TEODORO

**Live 01/09 16h**

**Matando a Saudade**  
Estreitando laços afetivos



Prof.  
Renilza Ramos  
Mediadora



Diretora  
Maria de Lourdes Torres  
Convidada



Prof.  
Ilana Rodrigues  
Convidada



@em





**ESCOLA MUNICIPAL TEODORO SAMPAIO**

**Live 18/9 às 16:00 h**

SÉRIE SETEMBRO AMARELO

**Adolescente?!**

**Eu cresci, minha mãe!**

**Como você lida com sua autoimagem?**

Prof.  
Viviane Pádua  
Mediadora



Prof.  
Renilza Ramos  
Convidada



ADI  
Rita Reis  
Convidada



 @em\_tedorosampaio







**OFÓ  
Nkonson**

**EDUCAÇÃO,  
ESCOLA PÚBLICA E  
JUVENTUDE NEGRA**

**09 DE DEZEMBRO  
20:00 HORAS**

[YouTube /ofonkonson](https://www.youtube.com/ofonkonson)

**CONVIDADAS**



**Renilza Ramos**

PROFESSORA E ARTISTA DANÇA, BACHARELADA E LICENCIADA EM DANÇA PELA UFBA, ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL E CULTURA AFRO BRASILEIRA, MESTRANDA EM DANÇA. PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROFESSORA DE DANÇA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SALVADOR.



**Judite Sant'Anna**

MULHER PRETA, MILITANTE DE ESQUERDA, ESPECIALISTA EM ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO PELA UNEB, ESPECIALISTA EM GESTÃO EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, PESQUISADORA DOS QUILOMBOS DA BAHIA EM ESPECIAL DO SERTÃO E NORTE AGRESTE BAIANO.

**MEDIADORES**



**Jaqueline Vasconcellos**  
GESTORA CULTURAL



**Jadson Sant'Anna**  
PSICÓLOGO E PEDAGOGO



**Luciana Barros**



**Lucas Sol**

**INTÉRPRETES DE LIBRAS**



**ofonkonson**





**Renilza Ramos**

PROFESSORA E ARTISTA DANÇA, BACHARELADA E LICENCIADA EM DANÇA PELA UFBA, ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL E CULTURA AFRO BRASILEIRA, MESTRANDA EM DANÇA. PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROFESSORA DE DANÇA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE SALVADOR.



**EDUCAÇÃO, ESCOLA PÚBLICA E JUVENTUDE NEGRA**

**09.DEZ | 20h**

[YouTube /ofonkonson](https://www.youtube.com/ofonkonson)





**Dia: 16/10**  
**Horário: 19h**  
**ASSISTA NO**  
**INSTAGRAM**  
 @PROFA.TAISAFERREIRA



**Renilza Ramos**



**Taisa Ferreira**

**MODOS DE EDUCAR**  
**Olhares para a construção da**  
**afetividade através do ensino da**  
**dança**

VÍDEO PÔSTER

**DANÇA E AUTOIMAGEM:  
 REFLEXÕES AFETIVAS NA ESCOLA PÚBLICA**

**RENILZA RAMOS**

Mestranda do Programa de Pós -  
 Graduação Profissional em  
 Dança (PRODAN-UFBA)



**CONGRESSO**  
**VIRTUAL UFBA**  
 22 A 26 DE FEVEREIRO 2021

[WWW.CONGRESSO2021.UFBA.BR](http://WWW.CONGRESSO2021.UFBA.BR)



















# 1º SEMINÁRIO PRODAN/UFBA PESQUISAS IMPLICADAS: autoavaliação e perspectivas



## FICHA TÉCNICA

1º SEMINÁRIO  
 PRODAN/UFBA  
 PESQUISAS IMPLICADAS:  
 autoavaliação e perspectivas

**TURMA MESTRADO 2019:** Adriana Bamberg, Candai Calmon, Danilo Ferreira, Inah Irenam, João Perene, Jocélia Freire, Leonardo Luz, Lorena Oliveira, Luiza Meirelles, Nei Lima, Nildinha Fonseca, Raimundo Santana, Sueli Ramos, Tutto Gomes e Tânia Bispo.

**TURMA MESTRADO 2020:** Adilvani Araújo da Silva, Agnaldo Sousa Fonseca, Antonio Valter Fabris Leone, Ariadne Ferreira Specht, Ariana dos Santos Gomes, Fabiana Lima da Silva, Lissandra Patricia Conceição, Luciene Lina Munekata, Márcio Fidelis dos Santos, Marinês Carvalho Brito, Milena Sampaio Nascimento, Monica dos Santos da Silva, Mônica Lira Trindade, Priscila Sodré da Rosa, Rafael Alves de Oliveira, Renilza Machado Ramos, Rodrigo Eloi Leão do Norte, Simone Lisete Santos Gomes, Simone Souza Bomfim e Rosecleide Lima Bispo.







**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO**  
**Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROExC**

**CERTIFICADO**

Certificamos que RENILZA RAMOS, CPF nº 645.469.425-91, concluiu o (a) Curso de extensão "Infâncias Brasileiras 2020", cadastro nº 2020.00213.1, iniciado em 16/12/2020 e finalizado em 21/12/2020, com carga horária de 20h, sob a coordenação de Lea Velocina Vargas Tiriba.

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 2021.

Jorge Ávila

Pró-Reitor (a) de Extensão e Cultura



Av. Pasteur, 296 - Urca - Rio de Janeiro - CEP 22.290-240  
 Tel. 21 2542-4545/2542-7575  
[www.unirio.br](http://www.unirio.br)



Verifique o código de autenticidade 1830534.8357032.6.8.830534835703268 em <https://www.even3.com.br/documentos>


## IV COLÓQUIO DOCÊNCIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

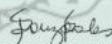
### PROFISSÃO DOCENTE EM QUESTÃO

#### CERTIFICADO

Certificamos que **RENILZA MACHADO RAMOS** participou do IV Colóquio Docência e Diversidade na Educação Básica: Profissão docente em questão, promovido pelo Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, realizado no período de 17 a 19 de março de 2021, com carga horária de 30 horas.

Salvador(BA), 19 de março de 2021.

  
ADELAIDE ROCHA BADARÓ  
DIRETORA DEDC - I/UNEB

  
MARY VALDA SOUZA SALES  
COORDENADORA PPGEDUC/UNEB

  
JANE ADRIANA VASCONCELOS PACHECO RIOS  
COORDENADORA GERAL

REALIZAÇÃO



APOIO



## SEMINÁRIO FÓRUM 15 ANOS- DANÇA: ATRADORES DE PESQUISA

### CERTIFICADO

Certificamos para os devidos fins, que  
**Renilza Machado Ramos**  
participou como ouvinte, do SEMINÁRIO FÓRUM 15 ANOS- DANÇA: ATRADORES DE PESQUISA, edição virtual, durante os dias 09 a 11 de dezembro de 2020,  
cumprindo a carga horária de 22 horas.

Salvador, 23 de dezembro de 2020.

  
Lenira Peral Rengel (UFBA)

REALIZAÇÃO



ppg dança  
programa de pós graduação em dança da ufba





**36º PAINEL PERFORMATICO**  
- Edição Virtual 2021.1

**Dia 10 de Junho**

**MANHÃ - 9:30**  
**Mesa de Abertura**  
Diretora Carmen Paternostro e  
Coordenadores da Escola de Dança

<p><b>Vem - Solo de duas</b> Artista: Claudia Pedreira Orientação: Clara Trigo</p> <p><b>Fogo no mato em uma terra em transe!</b> Artistas: Amanda Faria, Ana Lídia, Ana Lu Medeiros, Andreza Teixeira, Brisa Okun, Carlos das Dores, Franci Assuya, Ian Peterson, Julie Dórea, Keren Jefoni, Lellany Neris, Lol Vieira, Lua Villas, Maiane Mendes, Neconara, Peo Andrade, Rasbeca Quincué e Tai Souza. Orientação: Fernando Ferraz</p> <p><b>Numa roda cigana: pensando em dança, gênero e etnia</b> Artista: Paula Moreira Orientação: Bruno de Jesus</p> <p><b>fragmentAMAR</b> Artistas: Juliana Castro e Renilza Ramos Orientação: Lenira Rengel</p>	<p><b>Amarras</b> Artista: Ana Paula Benitez Orientação: Isabelle Cordeiro</p> <p><b>Qual é o meu chão?</b> Artistas: Alcineia Soares, Amélia Conrado, Brisa Okun, Bruno de Jesus, Bruno Novais Dias, Erick Santos, Franci Assuya, Ian Peterson, Lellany Neris, Lorena Gava Fonseca, Neconara, Sheila Karine e Tallane Souza. Orientação: Amélia Conrado e Bruno de Jesus</p> <p><b>Autonomia e Emancipação a partir do ensino de Dança como formação educacional</b> Artistas: Roberto Freitas e Iago Castelo Orientação: Ludmila Martinez</p> <p><b>Litoral Literat</b> Artistas: Camila Paixão, Clériston Rodrigues, Luisa Matias, Paula Moreira e Vanessa Nunes. Orientação: Beatriz Adeodato</p> <p><b>Conversa Critico-Reflexiva</b></p>
---	--

REALIZAÇÃO: APOIO:







1ª EDIÇÃO

# SLAD

SIMPÓSIO LATINOAMERICANO DE DANÇA

## LATINIDADES DANÇANTES SOTEROPOLÍTANAS: fazendo arte na educação

*Coletivo CDEPAM*  
 Juliana Castro, Lorena Oliveira, Mayanna Martins, Renilza Ramos e Rose Lima



O CDEPAM – Coletivo Dança Escola Professoras Artistas Master é um coletivo que dança memórias do presente cotidiano dentro das escolas, equívocos e aberrações proferidas em relação à educação pública no Brasil. Reviramos possibilidades de uma educação que esteja a serviço da equidade, da liberdade, da empatia, do afeto, do respeito às diferenças, do direito à vida e à dignidade.

**Transmissão ao vivo:**  
 ▶ GRUPO GIRA @GRUPOGIRAUFBFA

**20H**  
**01.10 | SEX**

APOIO E REALIZAÇÃO:




**CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO**

Certificamos que

**RENILZA MACHADO RAMOS**

Submeteu e apresentou a roda de conversa: "DANÇA E MODOS DE IMPLICAÇÕES DE AFETOS: PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NA ESCOLA PÚBLICA" no I Encontro de Pesquisa Narrativa Nas/Das Escolas: criação de saberes/fazeres que emergem dos cotidianos nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2021.

*Graça Reis*

GRAÇA REIS  
Coordenadora do I Encontro de Pesquisa Narrativa Nas/Das Escolas.

FAPERJ CNPq UFRJ CAP

GT 13 - Educação Fundamental - ANPED

**11 DE NOVEMBRO 18HS ÀS 20HS**

Encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas  
CRIAÇÃO DE SABERES/FAZERES QUE EMERGEM DOS COTIDIANOS

**PROGRAMAÇÃO: NOITE - SESSÃO 20**

**'A GENTE' ERA FELIZ E NÃO SABIA... É POSSÍVEL SAIR DA ZONA DE CONFORTO DE MANEIRA ABRUPTA E AINDA DAR LUGAR A UM NOVO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DIDÁTICA?**  
PRISCILA GABRIEL GONÇALVES E SÁ

**UMA 'BASE' EM MEIO À PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS CURRICULARES COM OS COTIDIANOS**  
EVELIN MARIANA CLARO BARBOSA  
MARCELLE TENORIO MONTEIRO GOMES  
TAMIRIS SIQUEIRA MARINHO

**DANÇA E MODOS DE IMPLICAÇÕES DE AFETOS: PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NA ESCOLA PÚBLICA**  
RENILZA MACHADO RAMOS

**CRIANÇAS E NATUREZA: A CONSTRUÇÃO DIALÓGICA E AFETIVA DE OUTRAS NARRATIVAS**  
KARIN CRISTINA SANTOS DE ALBUQUERQUE

**EIXO TEMÁTICO 2: NARRATIVAS DE PESQUISA**

FAPERJ CNPq UFRJ CAP

**CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO**

Submeteram e apresentaram a roda de conversa:

**MAYANNA COSTA MARTINS  
JULIANA FERNANDEZ CASTRO  
LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA  
RENILZA MACHADO RAMOS  
ROSECLEIDE LIMA BISPO**

"DANÇARVIVÊNCIAS: MEMÓRIAS NO/DO COTIDIANO DA ESCOLA PÚBLICA" no I Encontro de Pesquisa Narrativa Nas/Das Escolas: criação de saberes/fazeres que emergem dos cotidianos nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2021.

*Graça Reis*

GRAÇA REIS  
Coordenadora do I Encontro de Pesquisa Narrativa Nas/Das Escolas.

FAPERJ CNPq UFRJ CAP

GT 13 - Educação Fundamental - ANPED

**11 DE NOVEMBRO 8HS ÀS 10HS**

Encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas  
CRIAÇÃO DE SABERES/FAZERES QUE EMERGEM DOS COTIDIANOS

**PROGRAMAÇÃO: MANHÃ - SESSÃO 5**

**OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO/FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA PROJETOS DE SI.**  
JULIANA GODÓI DE MIRANDA PEREZ ALVARENGA

**FORMAÇÃO EM REDES - RODAS DE CONVERSA NO CONTEXTO DA LICENCIATURA EM HISTÓRIA.**  
ISADORA DE ARAÚJO AZEVEDO

**REFLEXÕES SOBRE O FAZER DOCENTE NAS DISCIPLINAS DE HISTÓRIA E BIOLOGIA NA REDE CEJA/RJ EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19.**  
CACILDA FONTES CRUZ  
FLÁVIO DA SILVA MIRANDA

**DANÇARVIVÊNCIAS: MEMÓRIAS NO/DO COTIDIANO DA ESCOLA PÚBLICA.**  
MAYANNA COSTA MARTINS, JULIANA FERNANDEZ CASTRO, LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA, RENILZA MACHADO RAMOS, ROSECLEIDE LIMA BISPO.

**EIXO TEMÁTICO 2: NARRATIVAS DE PESQUISA**

FAPERJ CNPq UFRJ CAP

**11 DE NOVEMBRO 10HS ÀS 12HS**

Encontro de pesquisa narrativa nas/das escolas  
CRIAÇÃO DE SABERES/FAZERES QUE EMERGEM DOS COTIDIANOS

**PROGRAMAÇÃO: MANHÃ - SESSÃO 9**

**PANDEMIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLEXÕES SOBRE UM CURRÍCULO INCLUSIVO E PARA O ACOLHIMENTO**  
KARIN PERES VERTHEIN  
ELIZABETH MENDONÇA DAU  
ROGÉRIO BARROSO LOPES

**MULHER, MÃE E MESTRANDA: OS DESAFIOS DE PESQUISAR NA E COM A PANDEMIA.**  
MILCA MAIARA MENDES DOS SANTOS

**CONSTRUINDO SABERES, COMPARTILHANDO MEMÓRIAS: O PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO CAP-UFRJ**  
VITOR REBELLO RAMOS MELLO  
EDMILSON PEREIRA

**ENSINO REMOTO DA DANÇA NA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR: SUJEITOS E CONTEXTOS NA PANDEMIA DA COVID-19**  
ROSECLEIDE LIMA BISPO  
RENILZA MACHADO RAMOS

**EIXO TEMÁTICO 1: NARRATIVAS COTIDIANAS DA DOCÊNCIA**

FAPERJ CNPq UFRJ CAP

**CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO**

Submeteram e apresentaram a roda de conversa:

**MAYANNA COSTA MARTINS  
JULIANA FERNANDEZ CASTRO  
LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA  
RENILZA MACHADO RAMOS  
ROSECLEIDE LIMA BISPO**

"DANÇARVIVÊNCIAS: MEMÓRIAS NO/DO COTIDIANO DA ESCOLA PÚBLICA" no I Encontro de Pesquisa Narrativa Nas/Das Escolas: criação de saberes/fazeres que emergem dos cotidianos nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2021.

*Graça Reis*

GRAÇA REIS  
Coordenadora do I Encontro de Pesquisa Narrativa Nas/Das Escolas.

FAPERJ CNPq UFRJ CAP

GT 13 - Educação Fundamental - ANPED







## 37º PAINEL PERFORMÁTICO

Escola de Dança-UFBA  
Edição Virtual 2021.2

**Dia 25 de Novembro**  
**NOITE - 19H**

<p><b>Entre ter/ser corpo</b> Artistas: Íris Almeida e Mayanna Martins Orientação: Daniela Guimarães e Beatriz Adeodato</p> <p><b>A pés AR do Tempo</b> Artistas: Edson Beserra, Lucas de Gal, Paula Marinho, Rose Bárbara e Vera Passos Orientação: Daniela Guimarães</p> <p><b>Textos</b> Artista: Iva Marins Orientação: Adriana Bittencourt e Ludmila Pimentel</p> <p><b>Corpo-Natureza</b> Artistas: Ana Flávia, Ana Paula Benítez, Flávia Lopes, John Kleber, Laura Lago, Lucas Lemos, Marcelo Marques, Mavi Cavalcante, Iara Costa, Irys Oliveira, Rany Dias e Rikart de Oliveira. Orientação: Marta Bezerra</p>	<p><b>Maré</b> Artista: Geórgia Palomino Orientação: Beatriz Adeodato e Daniela Guimarães</p> <p><b>Estudos no chão</b> Intérpretes criadore: Sofia Etchegaray Orientação: Beatriz Adeodato</p> <p><b>Do Tik Tok ao Axé: Pra não dizer que não sobrevivo de Dança</b> Artistas: Amanda Moreira, Ana Paula Benítez, Cleber Vieira Junior, Diana Dias, Júlia Renata, Maria Victória Vieira, Raquel Souza, Rayna Almeida, Rita Carneiro e Thaise Reis Orientação: Isabelle Cordeiro</p> <p><b>Corpo-Casa</b> Artistas: Paula Moreira, Iva Marins e Tailane Souza Orientação: Betti Grebler e Ludmila Pimentel</p>	<p><b>Navegue-se</b> Artista: Isla Haiala Ribeiro Orientação: Fabiana Lima da Silva</p> <p><b>Cumbigo</b> Artistas: Cíntia Sant'Anna, Luana Lordelo e Jaiara Paim Orientação: Suki Guimarães</p> <p><b>Transcrição</b> Artistas: Cláudia Pedreira Orientação: Bruno de Jesus</p> <p><b>Nu Espelho</b> Artista: Iva Marins Orientação: Adriana Bittencourt e Ludmila Pimentel</p> <p><b>Entre gotas de afetos, cuidados e caos</b> Artistas: Juliana Castro, Lorena Oliveira, Mayanna Martins, Renilza Ramos, Rose Lima Orientação: Lenira Rengel</p> <p><b>Conversa Crítico-Reflexiva</b></p>
---	--	---

REALIZAÇÃO:

APOIO:





**Insurgentes Danças - Corponectivos**



**Geraldo Lopes**



**Iris Almeida**



**Camila Correia**



**Danilo Ferreira**



**Renilza Ramos**

**09/12/2021**  
Sala G2  
19:30-21:00

**CONGRESSO**  
**75 UFBA**  
**ANOS**  
6 A 11 DE DEZEMBRO

**TV UFBA**

[congresso75anos.ufba.br](http://congresso75anos.ufba.br)

N. DE CERTIFICAÇÃO: K5ONSRD09325D77M

**CERTIFICADO**

Certificamos que **IRIS DA ALMEIDA, DANILO DOS SANTOS FERREIRA, GERALDO DE LIMA LOPES e RENILZA RAMOS** apresentaram o trabalho **INSURGENTES DANÇAS - CORPONECTIVOS** na modalidade **Mesa Temática**, durante o **Congresso Virtual UFBA 75 Anos**, promovido pela Universidade Federal da Bahia, realizado entre os dias 06 e 11 de dezembro de 2021.

  
**João Carlos Salles**  
Salvador, 12 de dezembro de 2021

**CONGRESSO**  
**75 UFBA**  
**ANOS**



# Coletivo CDepam

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

PLANILHA, SUA LÁ ELA.

CONGRESSO  
**75** UFBA  
ANOS

6 A 11 DE DEZEMBRO

[congresso75anos.ufba.br](http://congresso75anos.ufba.br)

TV UFBA

N. DE CERTIFICAÇÃO: 6C025U4YH2B6XS2M

# CERTIFICADO

Certificamos que **ROSECLEIDE LIMA BISPO, RENILZA RAMOS, JULIANA FERNANDEZ CASTRO, MAYANNA COSTA MARTINS e LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA** apresentaram o trabalho **PLANILHA, SUA LÁ ELA!** na modalidade **Intervenção Artística**, durante o **Congresso Virtual UFBA 75 Anos**, promovido pela Universidade Federal da Bahia, realizado entre os dias 06 e 11 de dezembro de 2021.

*João Carlos Salles*  
João Carlos Salles  
Salvador, 12 de dezembro de 2021

CONGRESSO  
**75** UFBA  
ANOS



**Perspectivas de Danças em ações artísticopedagógicas**



Agnaldo FôNSECA



Sueli Ramos  
Mediadora



Márcio FIDÉLIS



Renilza Ramos



Rose Lima

**SALA I 1**

**08/12/2021**  
**19:30 - 21:00**

**CONGRESSO**  
**75 UFBA**  
**ANOS**  
6 A 11 DE DEZEMBRO

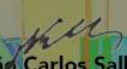
 TV UFBA

congresso75anos.ufba.br

N. DE CERTIFICAÇÃO: GG033SR56C1387WB

**CERTIFICADO**

Certificamos que **SUELI RAMOS, AGNALDO SOUSA FONSECA, ROSECLEIDE LIMA BISPO, RENILZA RAMOS e MÁRCIO FIDELIS** apresentaram o trabalho **PERSPECTIVAS DE DANÇAS EM AÇÕES ARTÍSTICOPEDAGÓGICAS** na modalidade **Mesa Temática**, durante o **Congresso Virtual UFBA 75 Anos**, promovido pela Universidade Federal da Bahia, realizado entre os dias 06 e 11 de dezembro de 2021.

  
 João Carlos Salles

Salvador, 12 de dezembro de 2021

**CONGRESSO**  
**75 UFBA**  
**ANOS**







## CERTIFICADO

Certificamos que **Renilza Machado Ramos** participou do projeto **“Produção de Recursos Didáticos em Meio Digital para Implementação da Lei nº 10.639/03”**, cadastrado no edital PIBEAC - 2021, da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura – PROEX/UNILAB, no período 18/05 a 15/10/2021, realizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Instituto de Educação a Distância da UNILAB - Moodle, São Francisco do Conde – BA, perfazendo uma carga horária total de **180 horas**.

Zelinda dos Santos Barros  
Coordenadora do Projeto

Eduardo Gomes Machado  
Coordenador de Extensão e Assuntos Comunitários

CERTIFICADO DE EXTENSÃO

Universidade de Brasília  
Decanato de Extensão  
Secretaria de Administração Acadêmica

Certificamos que, **RENILZA MACHADO RAMOS**, CPF 645.469.425-91, participou do curso de extensão **CURSO DE EXTENSÃO EM METODOLOGIA DE PESQUISA E ACOLHIMENTO UNIVERSITÁRIO**, com carga horária de 30 hora(s), coordenado pelo(a) Professor(a) **DEBORA DINIZ RODRIGUES**, promovido pelo(a) **FACULDADE DE DIREITO**, na função de **PARTICIPANTE**, com frequência 100%. A atividade foi realizada no período de 7 de Novembro de 2021 a 19 de Dezembro de 2021.

Brasília, 14 de Janeiro de 2022

**OLGAMIR AMANCIA FERREIRA**

Decana de Extensão

Código de verificação: **5cd0f7a9f8**  
Número do Documento: **701770**

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <https://sig.unb.br/sigaa/documentos/> e utilize o link *Extensão >> Certificação de Participante de Ação de Extensão*, informando o número do documento, data de emissão do documento e o código de verificação.





## ATO V - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda; MAHONEY, Abigail (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 18 set. 2020.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação:** rumo à sociedade aprendente. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BIÃO, Armindo. Da casa e da rua ao teatro: cordéis se encontram na encruzilhada. *In:* REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 6., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]** Porto Alegre: ABRACE, v. 12, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vireuniao/etnocenologia/3.%20BIAO,%20Armindo.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

BITTENCOURT, Adriana. **Imagens como acontecimentos:** dispositivos do corpo, dispositivos da dança. Salvador: EDUFBA, 2012.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, Multirreferencialidade, Subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo. **Em Aberto**, Brasília, ano 12, n. 58, abr./jun. 1993.

CORREA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 509-526, dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266041528>. Acesso em: 26 set. 2020.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. *In:* DUARTE, Conceição; NUNES, Isabela (Org). **Escrevivência a escrita de nós:** reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020. p. 48-54.

FALKEMBACH, Maria Fonseca. Quando a dança nos toca: significados, ética e presença em práticas com toque no currículo. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 9, n.1, e 82431, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266082431>. Acesso em: 01 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.





FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FONSECA, Maria Nazareht. Escrivivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, Conceição; NUNES, Isabela (Orgs.). **Escrivivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020. p. 59-73.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Lisboa: Edições 70, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V** - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis-RJ: DP et Alii, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRENIER, Christine. **O corpo**: Pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HISSA, Cássio. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.

hooks, bell. **Outlaw Culture**: Resisting Representations. Nova Iorque: Routledge, 2006.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. Tradução de Maísa Mendonça. Ponta Grossa-PR: Monstro dos Mares, 2008.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAC, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação e realidade, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 101-115, jul-dez. 2003. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em:

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

LIBERMAN, Flavia *et al.* Práticas corporais e artísticas, aprendizagem inventiva e cuidado de si. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 118-126, ago. 2017. Disponível em:  
<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2163>. Acesso em: 17 out. 2020.



MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa implicada, currículo e formação. **Espaço do Currículo**, v. 5, n. 1, p. 176-183, jun-dez. 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss1articles/macedo-sa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei; SÁ, Sílvia Michele Macedo de. A Etnografia Crítica como Aprendizagem e Criação de Saberes e a Etnopesquisa Implicada: Entrecimentos. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 324-336, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/issue/view/1127>. Acesso em: 10 out. 2021.

MALTZ, Maxuell. **Psicocibernética: uma nova maneira de dar mais vida à sua vida**. Rio de Janeiro: Record, 1960.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARQUES, Isabel. **Dança na escola: arte e ensino**. Ano XXII. Boletim 2. Brasília, DF: MEC, 2012.

MORETTI, Cheron Zanini. **Educação popular em José Martí e no movimento indígena de Chiapas: a insurgência como princípio educativo da pedagogia latino-americana**. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

NOGUEIRA, Renato. A questão do autoconhecimento na filosofia de Orunmilá. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, UESB, ano 2018, v. 3, n. 6, julho, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/issue/view/230>. Acesso em: 15 out. 2021.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para implementação da lei nº 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PINTO, Amanda. **Comunicar, Mover e Aprender: o movimento como eixo da linguagem e da aprendizagem**. 2019. 125 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílían do Valle. 3. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

RAMOS, Renilza. Dança e modos de implicações de afetos: por processos emancipatórios na escola pública. *In*: CONGRESSO DA ANDA, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2021. p. 431-443. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/danca-e-modos-de-implicacoes-de-afetos-por-processos-emancipatorios-na-escola-publica>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RAMOS, Renilza; BISPO, Rosecleide. Dança na escola: Ingresso, percurso, permanência e insurgências. *In*: SANTOS, Eleonora; COUTINHO, Denise; DOMENICI, Eloisa; CASTRO, Daniela; TRIGO, Clara (Orgs). **Dança em relatos de experiência**. Cadernos de resumo



expandidos. Salvador: ANDA, 2020. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-10-DAN%C3%87A-EM-RELATOS-DE-EXPERI%C3%8ANCIA-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RENGEL, Lenira Peral *et al.* **Elementos do Movimento na Dança**. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: [http://www.danca.ufba.br/arquivos\\_pdf/Livros/e-book\\_EMD.pdf](http://www.danca.ufba.br/arquivos_pdf/Livros/e-book_EMD.pdf). Acesso em: 26 maio 2020.

RENGEL, Lenira. Laban no hiperespaço do tempo – Uma dança em múltiplos contextos educacionais. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/rudolf-laban-no-hiperespaco-do-tempo---uma-danca-em-multiplos-contextos-educacionais->. Acesso em: 08 nov. 2021.

RENGEL, Lenira Peral; THRALL, Karin. **Coleção Corpo em Cena**. Guararema, SP: Anadarco Editora e Comunicação, 2014. v. 8.

RANGEL, Beth; AQUINO, Rita Ferreira de; ROCHA, Lucas Valentim. Confabulando com pesquisas implicadas em Dança. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [ ] Campinas: Galoá, 2021. p. 666-678. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/confabulando-com-pesquisas-implicadas-em-danca>. Acesso em: 08 nov. 2021.

RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. *In*: GREINER, Christine; KATZ, Helena (Orgs.). **Arte e Cognição: Corpo, mídia, comunicação e política**. São Paulo: Annablume, 2015. p. 23-75.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. rev. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.



SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. 2. ed. São Paulo: Ed. Odysseus, 2009.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000100005>. Acesso em: 26 set. 2020.

STREK, Danilo R. Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras. **Série - Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande - MS, n. 22, p. 99-111, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/278/133>. Acesso em: 6 jul. 2022.

STREK, Danilo R.; MORETTI, Cheron Zanini. Colonialidade e insurgência: contribuições para uma pedagogia latino-americana. **Revista Lusófona de Educação**, [S. l.], v. 24, n. 24, p. 35-52, 2013. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4176>. Acesso em: 05 jun. 2022.

UMA em cada 5 pessoas na Bahia se declara preta, aponta IBGE. **G1 Bahia**, [S. l.], 22 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/22/uma-em-cada-5-pessoas-na-bahia-se-declara-preta-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. 7. ed. São Paulo: Summus, 2018.

